

**CONHECER PARA RESPEITAR: PATRIMÔNIO E CIDADANIA EM DIAMANTINA**  
Projeto de Extensão realizado pelo Curso de Turismo da UFVJM, com apoio  
PIBEX/PROEXC.

**GUIA DE CONSULTA**



**Coordenação:** Juliana Medaglia e Carlos Eduardo Silveira

**Equipe atual:** Lucimara Cardozo Mariano, Ana Carolina de Almeida Melo, Genildo Augusto Ribeiro, Henrique Oliveira, Kamila Gandra de Oliveira, Maira Teixeira de Farias, Mariana Louzado Fiorentino, Rafael Américo Falcão Ayres.

**Equipe anterior:** Ana Paula Ventura Falci, Andreza Nascimento, Daniella Eloi de Souza, Flávia Ramos Teixeira, Karla Cristina Rodrigues Maynard, Kelsilene Fernanda Xavier, Liliane Brandão, Nádia Caroline da Silva Viveiros, Nalva Lopes de Sousa, Renata Cristina Simões de Oliveira, Taysa Kennia Godinho, Zélia Lopes de Sousa.

**Contatos:**

E-mail: [projetopatrimonioufvjm@gmail.com](mailto:projetopatrimonioufvjm@gmail.com)

Facebook: Proj Patrimônio (<http://www.facebook.com/profile.php?id=100001873683543&sk>)

Orkut: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=15681617383632541244>

Twitter: [www.twitter.com/pppatrimonio](http://www.twitter.com/pppatrimonio)

**Diamantina-MG**

**2011**

JULIANA MEDAGLIA E CARLOS EDUARDO SILVEIRA (Org.)

**CONHECER PARA RESPEITAR: PATRIMÔNIO E CIDADANIA EM DIAMANTINA**  
**Guia de Consulta**

1ª Edição

**Diamantina-MG**

**Editora UFVJM**

**2011**

Ficha Catalográfica - Serviço de Bibliotecas/UFVJM  
Viviane Pedrosa – Bibliotecária / Documentalista  
CRB6-2641

C749 2012 Conhecer para respeitar: patrimônio e cidadania em Diamantina / Juliana Medaglia, Carlos Eduardo Silveira (org.). – Diamantina: UFVJM, 2012. 106 p.

ISBN: 978-85-61330-22-4  
Vários autores

1. Patrimônio 2. Diamantina-guia 3. Extensão 4. História I. Título  
II. Godinho, Taysa III. Xavier, Kelsilene IV. Maynard, Karla V. Teixeira, Flávia  
VI. Eloi, Daniela VII. Viveiros, Nádia VIII. Souza, Zélia IX. Oliveira, Renata  
X. Nascimento, Andreza XI. Louzado, Mariana XII. Cardozo, Lucimara XIII.  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Faculdade  
Interdisciplinar em Humanidades. Departamento de Turismo.

**CDD 338.4791**

## Sumário

APRESENTAÇÃO.....	5
ACERVO ARQUITETÔNICO E PAISAGÍSTICO DA CIDADE DE DIAMANTINA.....	7
BÁSILICA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS .....	9
BECO DAS CAVEIRAS/CRAVEIRAS .....	12
BECO DO MOTA.....	13
CADEIA/TEATRO SANTA IZABEL.....	14
CAFÉ NO BECO .....	16
CAIXA D'ÁGUA .....	17
CAPELA IMPERIAL NOSSA SENHORA DO AMPARO.....	19
CASA DA CHICA DA SILVA.....	20
CASA DA GLÓRIA.....	22
CASA DE JOÃO GILBERTO .....	24
CASA DO JUSCELINO .....	26
CATEDRAL DE SANTO ANTÔNIO .....	29
CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA LOBO DE MESQUITA.....	31
CORPO DE BOMBEIROS .....	35
CRUZEIRO DA SERRA .....	36
DIAMANTINA TÊNIS CLUBE .....	38
HOSPÍCIO.....	40
HOTEL TIJUCO.....	42
IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.....	45
IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.....	47
MERCADO MUNICIPAL .....	50
MITRA ARQUIDIOCESSANA – ANTIGA CASA DO CONTRATO.....	53
NOVO MERCADO MUNICIPAL.....	55
PICO DO ITAMBÉ.....	56
PRAÇA DOUTOR PRADO .....	58
PRAÇA DA UNESCO .....	60
PRAÇA JK.....	62
RESERVA DA BIOSFERA.....	63
RUA DA QUITANDA.....	64
SANTA CASA DE CARIDADE .....	66
SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS .....	70
SERRA DO ESPINHAÇO .....	72
SERRA DOS CRISTAIS.....	73
UNIVERSIDADE DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI.....	75
VESPERATA.....	78
LENDAS DE DIAMANTINA.....	81
ESTILOS E MOVIMENTOS ARQUITETÔNICOS, ESPECIALMENTE COLONIAL E MODERNISTA.....	94
CURIOSIDADES .....	105

## APRESENTAÇÃO

"Vós passais tão distraídos,  
Tende olhos e não vedes,  
há tesouros escondidos,  
nestes chãos, nestas paredes"

*Padre Celso de Carvalho (1913- 2000)*

Em um contexto geral, a História deixa marcas que podem ser encontradas materializadas no nosso patrimônio histórico-cultural. Preservá-las para os que nos sucederão é responsabilidade de toda a sociedade, o que inclui diretamente e especialmente a Universidade e aqueles que atuam no desenvolvimento turístico local.

O ensino do turismo e sua relação com o patrimônio encontra espaço para ampliação de visão da Equipe desse Projeto de Extensão Universitária, intitulado "Conhecer para Respeitar: patrimônio e cidadania". Nos dias de hoje, a falta de conhecimento acerca do Patrimônio constitui uma das lacunas mais sentidas na formação dos jovens em geral. A relação patrimônio-comunidade local, é ainda mais delicada em cidades turísticas como Diamantina, já que muitas vezes o turismo faz uso desse patrimônio e, por isso mesmo, tem a responsabilidade de valorizá-lo junto aos moradores.

O Curso de Turismo da UFVJM acredita na importância de ações extensionistas que envolvam a comunidade local com a potencialidade turística da cidade de Diamantina; e, sem dúvida, a mais significativa dessas potencialidades reside no seu farto patrimônio cultural, que a faz ser cidade detentora de títulos na área de patrimônio.

Assim, com o empenho e dedicação de uma Equipe de acadêmicos do Curso de Turismo sob supervisão dos professores que coordenam o projeto, é que foi implantado na UFVJM o "Conhecer para Respeitar: patrimônio e cidadania". Trata-se de um projeto que envolve Interpretação do Patrimônio, Turismo e Cidadania e tem como objetivo sensibilizar autóctones que atuam junto aos turistas e à comunidade local, jovens das Escolas Estaduais de Diamantina e alunos da UFVJM acerca do patrimônio cultural de Diamantina, melhorando a relação entre a Universidade e a comunidade local, gerando cidadãos conscientes. O projeto acontece desde 2009 e já foi contemplado pelo Edital PIBEX/PROEXC/UFVJM três vezes. Nesse período, entre alunos da UFVJM e demais estudantes de Diamantina já recebeu mais de 600 participantes em suas caminhadas

culturais, algumas precedidas ou seguidas de debates acerca de patrimônio, cultura, cidadania e sobre a cidade. Além disso, publicou pôsteres nos eventos de Extensão e Integração da UFVJM por 4 vezes, além de ter envolvido mais de vinte alunos dos cursos de Turismo e do Bacharelado em Humanidades, dos quais, 3 bolsistas de Extensão. Todas essas pessoas envolvidas tiveram curiosidade acerca do material que a Equipe do Projeto utiliza para dar suporte às caminhadas.

Este material agora apresentado é um Guia cuja função é dar suporte à atividade de campo como material de consulta para dúvidas que possam surgir ao longo das caminhadas culturais, sem a pretensão de tornar-se uma referência para consultas acadêmicas ou históricas. A proposta de compilação deu-se em virtude da carência de informações organizadas percebida durante a concepção do Projeto. A primeira Equipe do Projeto, composta por cerca de 10 acadêmicas do Curso de Turismo da UFVJM, em conjunto com os professores supervisores, realizou uma pesquisa histórica que originou esse amplo material, que foi renovado por novos integrantes da Equipe em 2011 com base na organização das informações recebidas dos próprios participantes das caminhadas culturais que em seus comentários e intervenções vêm agregando valor ao projeto. Como não foram poucas as vezes em que nos solicitaram o acesso ao Guia do Projeto de Extensão “Conhecer para Respeitar: patrimônio e cidadania”, aqui apresentamos eletronicamente esse material, para que todos tenham acesso e, com seu uso e divulgação, ajudem a promover a cidadania, por meio do patrimônio.

Por fim, vale lembrar que o conhecimento largamente difundido entre os agentes do turismo de que o turismo só é bom para o turista, se antes o for para a comunidade local.

Boa consulta! Boa viagem!

*Juliana Medaglia e Caê Silveira*

Coordenadores

Projeto de Extensão “Conhecer para Respeitar: patrimônio e cidadania”

## ACERVO ARQUITETÔNICO E PAISAGÍSTICO DA CIDADE DE DIAMANTINA

### **Data de Construção**

A formação da cidade de Diamantina está diretamente relacionada à exploração do diamante, apesar de o surto de mineração do ouro ter sido responsável por sua ocupação inicial. A formação da cidade, antes Arraial do Tijuco, deu-se em 1713, com a descoberta e a exploração do ouro no vale do Córrego do Tijuco.

### **Proteção Existente**

Esse bem foi tombado em 16 de maio de 1938, processo nº. 64-T-38, inscrição nº. 66, constando do Livro de Belas Artes, v. 1, p. 12. O Conjunto Arquitetônico de Diamantina foi elevado à condição de Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO e, para que isso ocorresse, foi avaliado e julgado como obra de importância história e documental da arte e da arquitetura brasileira.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

Diamantina apresenta uma configuração urbano-arquitetônica particular, se comparada com a forma tradicional das demais cidades mineiras do período colonial. Trata-se de um centro urbano de padrão irregular, com arruamentos transversais à encosta, marcados por ruas paralelas, e pequenas variações de abertura ou desvio de alguns becos e ruas estreitas e tortuosas, conforme a tradição medieval portuguesa.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

No conjunto urbano, evidencia-se a estreita relação urbano-arquitetônica com edificações, preponderantemente dos séculos XVIII e XIX, amoldadas em uma sucessão contínua e cadenciada, escalonando a topografia irregular e definindo o traçado da cidade. Tais edificações, especialmente as residenciais, destacam-se por seu maior número e sua unidade de conjunto, apresentando a repetição sistemática da mesma tipologia de fachada, que impõe uma cadência rítmica e seqüencial à imagem uniforme da cidade. Há poucas casas térreas, predominando os sobrados implantados transversalmente às ruas, em lotes estreitos, freqüentemente com pátios internos. As edificações religiosas dos séculos XVIII e XIX apresentam uma relação integrada com a estrutura urbana, favorecendo a coesão de todo o Conjunto.

Os edifícios religiosos estão implantados de forma contínua ao casario, sem rupturas expressivas. A arquitetura civil também é uma referência especial pela extrema unidade do conjunto, devido ao tratamento homogêneo das fachadas e à permanência do mesmo sistema construtivo.

### **Curiosidades e “causos”**

#### **Fontes Consultadas**

ABREU, João Francisco de. Síntese dos bens móveis e imóveis de Minas Gerais inscritos nos Livros de tombos do Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – 2 ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007.

SOUZA, Wladimir Alves de. Coordenação Guia dos bens Tombados de Minas Gerais. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura. 1984

CARRAZZONI, Maria Elisa. Coordenação Guia Dos Bens Tombados Brasill. Rio De Janeiro, Expressão E Cultura. 1987

PUCMINAS; UdG; UFVJM. Cultura na Estrada. Projeto Interinstitucional. Disponível em [culturanaestrada.wik.is](http://culturanaestrada.wik.is). Acessado em 23/02/2010.

## BASÍLICA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

### **Data de Construção**

O projeto de construção do seminário foi elaborado pelo Pe. Júlio Clévelin. A primeira pedra foi colocada em 1885 com a presença do Bispo D. João, do Reitor, Pe. Bartolomeu Sipólis, de autoridades, alunos do seminário, meninas do Colégio das Irmãs Vicentinas, além do povo. Em 1889, após 4 anos de construção o projeto entra em sua fase final e, em janeiro de 1890, é o próprio Dom João quem faz a sagração da Igreja. Trinta anos mais tarde, o papa Bento 15 decide elevar a Igreja a categoria de basílica.

Porém nada consta sobre minúcias da construção: Trabalho de cantaria, com pedras que teriam sido tiradas do local da chácara da missão, folhas de pagamentos, compras de material, e dos operários que vieram grande parte do caraça.

### **Proteção Existente**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

O projeto deste templo foi elaborado pelo padre Júlio Clavelin que já havia projetado a Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens, no Caraça. Sua pedra fundamental foi lançada em 1884. Durante a cerimônia, D. João fez um apelo à comunidade para que cada fiel doasse uma das mil pedras necessárias para a construção. No ano de 1890, aconteceu a sagração da igreja por D. João Antônio dos Santos. Os vitrais foram doados por famílias e instituições religiosas francesas.

Por uma bula do Papa Bento XV, em 1920, a igreja foi elevada à basílica. “... sendo que belíssima imagem do Sagrado Coração é objeto de piedade culto no Altar-mor daquele templo; tendo-nos certificado de que esse templo é verdadeiramente obra de arte no Brasil e que é notável mais ainda esplendor do culto divino e das sagradas funções. Pela nossa Autoridade Apostólica e por força do presente documento, elevamos perpetuamente ao título de Basílica menor a Igreja do Sagrado Coração em Diamantina com todos os direitos e honras que competem às Basílicas menores de Roma. Dado em Roma junto de São Pedro, sob o anel do pescador aos 10 de dezembro de 1920, VII do nosso Pontificado.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

Seguindo uma tendência da arquitetura mundial da segunda metade do século XIX, a igreja possui as linhas do neogótico. Torres em agulha, janela de rosácea rendilhada no frontispício, colunatas delgadas de onde partem as ogivas que se entrelaçam no alto da abóbada são elementos da arquitetura da Basílica do Sagrado Coração. A principal decoração é feita por janelas ogivais com belos vitrais franceses que foram doados por famílias e instituições religiosas francesas. Na temática dos vitrais, quinze são dedicados aos mistérios do rosário e um à aparição do Sagrado Coração de Jesus à Santa Maria Alacoque. A janela de rosácea do frontispício mostra, no seu centro, o Coração de Jesus. E, em cada um dos doze raios que saem desse centro, está a figura de cada um dos doze apóstolos.

Na rosácea exterior foi escrito, em letras vermelhas “Gloria, Amor e reparação ao Coração de Jesus”, pois a Igreja fora dedicada ao Sagrado Coração.

Os vitrais forma doados por personagens diversos; uma princesa (Parece de Joiville), a família Sipólis, o construtor Antonio Luis Figueiredo, Irmãs Vicentinas da França, dentre outros. Os vitrais representam cenas do Rosário: Mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos.

Primeiro a Anunciação; segundo a visitação, nascimento de Jesus; Apresentação, Jesus entre os doutores, oração e agonia no Horto das Oliveiras, Flagelação, Coroação de espinhos, Jesus com a Cruz as costas, Crucificação, Ressurreição, Ascensão de Nossa Senhora, Coroação da Virgem Maria, e o décimo sexto, representa a revelação particular de Deus á freira Margarida Maria de Visitandina de Pray-Le-Monial.

### **Curiosidades e “causos”**

As congregações religiosas estrangeiras que começam a chegar em Minas Gerais a partir de 1820 tiveram uma grande responsabilidade na adoção do neogótico. Essas congregações eram principalmente italianas, francesas, holandesas e alemãs. Com o advento do Império, as ordens religiosas que dominaram no período colonial - carmelitas, dominicanas e franciscanas - estavam enfraquecidas. As congregações estrangeiras estavam voltadas para a assistência social, como os hospitais, asilos e orfanatos, mas, o objetivo da maioria de quase todas era a questão educacional com a instalação de colégios internos. Em 1849, D. Viçoso obteve do governo federal autorização para a vinda dos Lazaristas franceses, que se instalaram na diocese de Mariana.

Um importante acontecimento nos fins do século XIX apressou a construção da Igreja do seminário, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus.

Naquele tempo, no seminário era constituído de uma só capela interna, para uso dos alunos e dos funcionários. E era desejo dos habitantes de algumas partes altas da cidade de Diamantina que fosse encampada ao seminário a Igreja da Luz, para as missas aos domingos e para as missas cantadas dos dias solenes. Contudo a reitoria do estabelecimento não aceitou, por que havia o propósito de uma Igreja maior ao lado do prédio.

O que ocorrera foi que certo dia os alunos que estavam na capela interna, situada no segundo pavimento, desceram para o pavimento inferior, possivelmente para um recreio. Poucos minutos depois caiu um raio num terreno próximo, que mataria muitos jovens estudantes se lá estivessem. Os sacerdotes impressionados com o acontecido combinaram com o Bispo, Dom Joaquim Antonio dos Santos, a construção da igreja para implorar a proteção ao S. C. Jesus sobre a casa.

Houve contribuição de pessoas da cidade para obras. Igualmente, parte dos fundos para as obras advieram da missão de “burrusquês”, feitos pelo Bispo D. João Antonio do Santos. Esses “burrusquês” corriam a cidade como dinheiro. Papel moeda no valor de 500 réis onde havia estampado o projeto da Igreja que parece, não foi fielmente executado.

### Fontes Consultadas

\_<<http://www.arquidiamantina.org.br/br/>> acesso dia 20/05/2011

\_<[www.desvendar.com/cidades/diamantina/roteirodagloria.asp](http://www.desvendar.com/cidades/diamantina/roteirodagloria.asp)>. Acessado em 20 fev. 2010.

\_<[www.citybrazil.com.br/mg/diamantina/atracoes-turisticas/atrativos-culturais](http://www.citybrazil.com.br/mg/diamantina/atracoes-turisticas/atrativos-culturais)>. Acessado em 20 fev. 2010.

\_<[www.diamantina.com.br/index.cfm?link=mostra\\_igrejas.cfm&codigo=3](http://www.diamantina.com.br/index.cfm?link=mostra_igrejas.cfm&codigo=3)>. Acessado em 20 fev. 2010.

\_<[www.passadicovirtual.blogspot.com/2009/02/vitrais-neogoticos-da-basilica-sagrado.html](http://www.passadicovirtual.blogspot.com/2009/02/vitrais-neogoticos-da-basilica-sagrado.html)>. Acessado em 20 fev. 2010.

\_CARVALHO, Pe. Celso, **Biografia de Dom Joaquim Silvério de Souza e Trovas**, Arquidiocese de Diamantina, 2007.

\_MOURÃO, Paulo krüger Correa, **Sementeira de Valores. O Seminário de Diamantina, de 1867 a 1930(MCMLXXI)**, composto e impressos na typografia Marília editores BH, 1971.

\_ROCHA, Severiano Campos, **Memórias**, Presbítero secular, Bello Horizonte, impressa oficial do Estado de Minas Gerais, 1919.

\_TYPOGRAFIA da “Estrela Polar”. A memória bendita do Exmo e Revmo. Sr. Dom Joaquim Silvério de Souza, primeiro Arcebispo de Diamantina, santamente falecido nesta cidade aos 30 de agosto de 1933, às 12 e 10 min.

## BECO DAS CAVEIRAS/CRAVEIRAS

1) Conta a Lenda que o beco é chamado de beco das Craveiras devido ao fato de que antigamente quando chovia muito as caveiras caíam do cemitério da Igreja da Luz até o Beco.

2) Lenda: Existia um cemitério atrás do muro centenário; a quem diga que no muro ainda há tesouros escondidos...

"O Povo cortou um "r" fez o beco das "Caveiras".

Mas não há quem desenterre o mistério das Craveiras" (Pe.Celso de Carvalho)

3) Lenda: o beco foi nominado em homenagem a uma família portuguesa, cujo sobrenome é Craveiras.

### **Fonte**

1) Ana Paula Falci, diamantinense, ex-participante do Projeto

2) Taysa Godinho, guia de turismo, ex-participante do Projeto

3) Informação informal de morador de Diamantina ouvida por Caê em cartório da cidade.

## BECO DO MOTA

### **Data de Construção**

### **Proteção Existente**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

“Beco do Mota” e “Sentinela” foram dois temas escritos por Fernando sobre melodias de Bituca, inspirados em Diamantina, terra dos Brant.

Beco do Mota era a estreita viela que abrigava os antigos prostíbulos. Estes, por estarem bem em frente á Igreja Matriz (Catedral), haviam sido desocupados á força, por ordem de um arcebispo ultra reacionário.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

A maioria das casas dos Beco têm acesso tanto pelo beco, quanto pela Rua da Quitanda;

A música do Clube da Esquina retratando sobre o Beco;

Anos atrás houve uma reivindicação por parte das mulheres sobre a dificuldade de andar nas calçadas da cidade. Com isso, João Capistrano ordenou que fossem feitos na parte central das ruas um caminho de pedras mais largas e planas que as até então utilizadas, criando assim as Capistranas.

### **Fonte Consultada**

BORGES, Mario. Livro “Os sonhos não envelhecem – Histórias do Clube da Esquina”. Pag 182.

Taysa Kennia Godinho

**Sobre o Beco do Mota:** Dissertação de mestrado do Dr. Marcos Lobato "Casas e assombração - Beco do Mota" - cópia na Biblioteca Antônio Tôrres. **Sobre o Zé de Lota:** "Vultos e Fatos" de Sotter Couto, também na Biblioteca

**Zé de Lota:** Escritor Diamantinense Falecido. Também chamado de Zé do Morro

## CADEIA/TEATRO SANTA IZABEL

### **Data de Construção:**

### **Proteção Existente:**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

Com o objetivo de angariar maiores recursos para a manutenção, a Santa Casa manteve por longo tempo, no local da atual Cadeia Pública, uma casa de espetáculos – o Teatro Santa Isabel, construído por volta de 1840 e demolido em 1911.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

Em 1838 foi adquirido pela Santa Casa um pequeno prédio para que se montasse a casa de espetáculos.

Em 1858 foi ampliada o Teatro, isso porque mal comportava seus frequentadores. Para ampliação contribuíram 73 acionistas, sendo que 53 destas ações foram doadas posteriormente à Santa Casa.

Alguns anos depois, a Santa Casa sem verba para garantir a conservação do prédio, (estava mais caro mantê-la, não dava mais lucro), ameaçando ruir toda a fachada, aventou-se a ideia de demoli-lo.

Em 1913 Senador Mourão era o chefe representante político no Estado, o grupo político dele retoma o poder municipal neste mesmo ano. No comando Municipal quem ficou foi Cosme Alves de Cout, que fazia parte da mesa diretora da Sta. Casa, isso facilitou uma negociação entre o Governo do Estado, o Governo Municipal e a Sta. Casa.

Qual era o acordo? O Governo Estadual compraria o terreno na mão da Sta. Casa para que fosse instalada a nova cadeia que na época funcionava no prédio onde é hoje o Fórum. O Governo Municipal doaria um lote a Sta. Casa na Rua direita para a construção de um novo teatro( onde é hoje o Planetarium).

O Teatro Santa Isabel foi jogado ao chão, mas todo o seu acervo foi passado a Sta. Casa. Foi construída então, a cadeia no local.

O prédio da Cadeia foi recentemente restaurado, mas com a finalidade ser transformado novamente em Teatro Santa Isabel.

### **Curiosidades**

1. Com o acervo recebido, o lote municipal e o dinheiro, a Sta Casa constitui o novo teatro na Rua Direita.
2. Alguns moradores da Praça Dr. Prado contam que era pavoroso a época que a cadeia funcionava ali, os detentos fugiam e entravam nas casas dos moradores, sem contar que já aconteceu de lá de dentro mesmo atirarem coisas nas pessoas que passavam na rua.
3. O teatro original foi demolido e o atual, que possui o mesmo nome, é na verdade a restauração e adaptação do prédio da Cadeia.

### **Fontes Consultadas**

Atlas Dos Monumentos Históricos e Artísticos de Minas Gerais – Circuito do Diamante IV – Fundação João Pinheiro.

“Histórico/Características Relevantes do Atrativo” e “Curiosidade 1.” por Entrevista a Wander Conceição 03/03/2010, por Daniella Eloi

‘Curiosidade’ 2. por Entrevista com Maria da Conceição Lopes Fonseca 03/03/2010 por Daniella Eloi

## CAFÉ NO BECO

### **Data de Construção**

O Café no Beco surgiu no dia 28 de outubro de 2001.

### **Proteção Existente:**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

Evento que reúne a venda de artesanatos, quitandas típicas e apresentações culturais como músicos da cidade. O Café no Beco já é ponto de encontro tradicional para o diamantinense, que recebe o turista com um agradável bate-papo acompanhado do tradicional cafezinho e chá da Canastra.

Horário: a partir das 09:00 horas no Beco da Tecla.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

O Café no Beco surgiu espontaneamente como um ponto de encontro, uma ideia dos comerciantes do Beco da Tecla para movimentar as manhãs de domingo. Em 2001 a Prefeitura Municipal de Diamantina autorizou o evento que começou com apenas algumas mesas com quitandas, café e música. É um espaço livre, qualquer artesão, quitandeira ou músico da cidade que quiser pode participar sem pagamento de qualquer taxa para expor seus trabalhos. A Rua da Quitanda fica reservada aos artesãos e o Beco da Tecla para as quitandeiras, doceiras e os músicos.

### **Curiosidade/Causos**

O grupo de Pastorinhas da Dona Ambrosina era presença constante no Café no Beco de 2001 quando começou até o ano de 2008.

O Beco tem este nome devido a última casa do lado direito, única que possui balcão em Diamantina, pertencia a uma Senhora cujo sobrenome era Tecla.

### **Fontes consultadas**

<http://www.diamantina.mg.gov.br/> Acessado em 24/02/2010.

Maria Helena Ribeiro Hugo – proprietária da Loja de artesanato Canastra, fundadora do Café no Beco.

## CAIXA D'ÁGUA

### **Data de Construção**

A Caixa D'Água ou Reservatório da Grupiara foi construído em 1927, como um dos itens de um acordo, feito entre o Governo Municipal e a EFC do Brasil, para a criação da SAAE, e a canalização da água e do esgoto da cidade de Diamantina, e com isso acabar com os regos públicos e com a falta de água. A partir de 1995 a COPASA começou a operar o Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto de Diamantina, e reformou a Caixa D'Água da Grupiara.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

A Caixa D'Água ou Reservatório Grupiara, está localizada na Avenida Francisco Sá, e foi criada para resolver a dificuldade de abastecimento de água potável durante um longo período de seca que atravessava na época a cidade de Diamantina. Com maior abundância de água, pela criação do reservatório, e com a canalização do manancial do Pau de Fruta, melhorou a saúde da população diamantinense, preservando o indivíduo e a sociedade das enfermidades e epidemias que apareciam constantemente.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

Em 1925, o Sr. João Dias de Andrade apresentou à Câmara Municipal de Diamantina o projeto de Lei-decreto: que autorizava o Agente Executivo Municipal contrair com o Estado de Minas Gerais um empréstimo destinado ao abastecimento de água e construção da rede de esgotos em Diamantina. (Lei n. 317, de 21 de fevereiro de 1925)

Em 1926 foi feito um acordo entre a EFC do Brasil e o município de Diamantina (LEI N. 230, DE 30 DE JUNHO DE 1926), para canalização da água e esgoto da cidade (SAAE), e assim acabar com os ainda existentes regos públicos.

Em 1926, começaram, no Pau de Fruta, devido às providências do Agente Executivo Municipal Sr. professor Juscelino Dermeval da Fonseca, os serviços de locação e barragem para a canalização da água potável, que abastece a população de Diamantina, a obra teve como empreiteiro o engenheiro, Sr. Edmar Lopes.

Em 1927 iniciou-se a construção da Caixa D'Água, e foi feita, afinal, a almejada ligação do reservatório de água geral ao rego público. As obras foram confiadas à direção do engenheiro Symphronio Brochado Júnior, auxiliar do engenheiro Agnello de Macedo, profissional que o Governo Municipal contratou para a execução dos serviços de distribuição de água e construção da rede de esgotos sanitários da cidade.

### **Curiosidades e “causos”**

#### **Fontes Consultadas**

AHEAD – *Jornal A Estrella Polar*. Anno XXIII. 15/03/1925. nº. 11. p. 02. col. 5.

AHEAD – *Jornal A Estrella Polar*. Anno XXIII. 05/04/1925. nº. 14. p. 03. col. 2.

AAPSTA – *Jornal Pão de Santo Antônio*. Anno XX. 18/03/1928. nº. 34. p. 02. col. 2.

AAPSTA – *Jornal Pão de Santo Antônio*. Anno XXIV. 03/11/1929. nº. 14. p. 02. col. 4.

AAPSTA – *Jornal Pão de Santo Antônio*. Anno XVIII. 20/06/1926. nº. 52. p. 02. col. 4.

AAPSTA – *Jornal Pão de Santo Antônio*. Anno XX. 18/03/1928. nº. 34. p. 02. col. 2.

AAPSTA – *Jornal Pão de Santo Antônio*. Anno XXIV. 03/11/1929. nº. 14. p. 02. col. 4.

Siglas:

AAPSTA – Arquivo da Associação do Pão de Santo Antônio.

AHEAD – Arquivo Histórico e Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina.

Banco de Dados de Wander Conceição. (??)

[www.copasa.com.br/](http://www.copasa.com.br/) Acessado em: 23/02/2010

## CAPELA IMPERIAL NOSSA SENHORA DO AMPARO

O orago (santo que dá nome a capelas e templos) de Nossa Senhora do Amparo foi utilizado a partir de 1756, após ser autorizada a construção da igreja no mesmo ano, conquistada pela Irmandade dos Pardos do Arraial do Tijuco. A decoração interna da igreja apenas começou a ser pensada cerca de 20 anos depois. A partir daí, várias reformas se seguiram. Ainda na época do império, o local recebe o título de Imperial Capela também conhecida como Igreja do Divino.

A fachada é composta por torre única e em posição central, e o frontão possui um delicado ornato de madeira. A portada (grande porta com ornamentos) é feita em madeira recortada com dois anjos que ladeiam símbolos do império. O estilo barroco-rococó é muito presente nos altares que datam do século 18. Nessa igreja, um dos detalhes que chama a atenção dos visitantes é um presépio setecentista. A peça é trabalhada com conchas no estilo rococó e foi um presente do Frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré.

### **Curiosidades**

A Festa do Divino compreende principalmente a chamada "folia", com número variável de integrantes (imperador, imperatriz, pajens, alferes da bandeira, etc.) que desfila em procissão pomposa da casa do festeiro até a Imperial Capela do Amparo, acompanhada por uma banda de música. No cortejo, observa-se a presença de três meninas, que simbolizam as virtudes, com trajes em cores distintas que representam a fé (branco), a caridade (vermelho) e a esperança (verde).

Inicialmente construída com a torre de um lado da Igreja. Como a Torre era todo de pedra, a igreja não suportar seu peso como solução refizeram uma torre mas leve e na parte central .

### **Fonte**

<http://www.desvendar.com/cidades/diamantina/roteirodorosario.asp>

<http://www.rosanevolpatto.trd.br/festadivino.html>

## CASA DA CHICA DA SILVA

### **Data de Construção**

Desconhece-se falta de documentação a data precisa. No entanto sabe que pertenceu a João Fernandes em companhia de Chica da Silva entre os anos de 1763 e 1771.

### **Proteção Existente**

A Casa da Chica da Silva é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), conforme inscrição nº 355 – Livro de Belas Artes, fls.72 datado de 4 de abril de 1950.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

Em 8 de fevereiro de 1771 foi erguida uma pequena capela sob invocação de Santa Quitéria, construída segundo a tradição local, para o uso privativo de Chica da Silva. Demolida em época não identificada, sendo reconstruída a fachada em 1951 pelo IPHAN.

A casa, em sobrado, está localizada na Praça Lobo de Mesquita em terreno que vai até a esquina da Rua Romana, cercada por muros.

### **Histórico/Característica Relevantes do Atrativo**

Foi residência da Chica durante quinze anos possui áreas nas duas laterais, varanda com vedação em treliças. A construção é de partido geométrico formado de seções retangulares, com o corpo principal em quadrado .

A cobertura em quatro águas, exhibe na fachada principal um arremate em tríplice combinação de beira-seveira, cachorros e cimalha. Todos os vãos frontais e laterais possuem enquadramento em madeira, com presença de verga retas com exceção da porta reconstituída da demolida capela, que possui verga alterada. As divisões internas são em pau-a-pique, os pisos em tablado largo e os forros em esteira ou madeira tipo saia-e- camisa.

### **Curiosidades**

Rainha, heroína, perdulária, megera ou devoradora de homens? A julgar por sua relação com o contratador de diamantes e desembargador João Fernandes de

Oliveira, Chica da Silva não foi a mulher de vida extravagante retratada nos romances, no cinema e na televisão. Nascida em data incerta, entre os anos de 1731 e 1735, no arraial do Milho Verde, no auge da febre dos diamantes. Mestiça, ora descrita como mulata, ora como parda filha da negra Maria da Costa com o português Antônio Caetano de Sá, ela nasceu escrava. Foi vendida ainda menina ao médico português Manuel Pires Sardinha, onde passou o início de sua adolescência como escrava doméstica. Como era usual em sua época, escravos por volta dos sete anos já dominavam algum ofício aprendido com adultos, e Chica nessa idade já servia a mesa, preparava refeições, arejava roupas e fazia limpeza. Teve seu primeiro filho, Simão, em 1751, com Manuel Pires Sardinha tendo sido vendida posteriormente a João Fernandes de Oliveira. Em 1753 teve sua alforria concedida por João Fernandes. Com ele Chica teve treze filhos entre 1755 e 1770 (prole numerosa em tão curto espaço de tempo destoa do estereótipo de sensualidade ao qual costuma ser associada). A ex-escrava ingressou em irmandades que, segundo seu estatuto deveriam ser exclusivas da população branca, e também criou suas nove filhas no melhor estabelecimento de ensino da região. Levou uma vida próxima das senhoras brancas da sociedade mineira do século XVIII. Tornou-se proprietária de casa e chegou a possuir mais de cem escravos, quantidade elevada mesmo para os padrões da elite. Supõe-se que seu nome completo, Francisca da Silva de Oliveira, tenha vindo somente após sua alforria, adotando o Silva, que era usado generalizadamente no mundo português e que indicava indivíduo sem procedência ou origem definida e incorporando o Oliveira de João Fernandes.

### **Fontes Consultadas**

FURTADO, Júnia Ferreira. Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes. São Paulo: Ed. Compalhia das Letras, 2003.

Fundação João Pinheiro. Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral.

## CASA DA GLÓRIA

### **Data de Construção**

As construções que compõem a atual Casa da Glória são de épocas e estilos diferentes. O edifício principal ou bloco II (à direita de quem sobe a rua da Glória) é de construção setecentista cuja data exata não é conhecida. Acredita-se que a Casa foi construída entre 1775 e 1800. O edifício da esquerda de quem sobe a Rua da Glória data de 1850 construído pelo Coronel Rodrigo de Souza Reis.

### **Proteção Existente**

Tombada em conjunto pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), conforme Inscrição nº66 – Livro de Belas Artes, fls. 12, datada de 16 de maio de 1938.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

A Casa da Glória é um conjunto composto por duas casas interligadas por um passadiço de madeira, obra do engenheiro e arquiteto Catão Gomes Jardim. As paredes do pavimento são constituídas de [adobe](#), verificando-se no segundo o emprego de [pau a pique](#). O edifício da esquerda é de estilo arquitetônico menos pesado e relativamente moderno, prédio alto e elegante do que o antigo a sua frente. Este edifício tornou-se um dos pontos boêmios de Diamantina e motivo de grande apreensão pelas religiosas da Casa à frente. Este foi um dos principais motivos pelo qual as religiosas adquiriram também o segundo edifício, que corresponde hoje ao bloco I. Atualmente, é o centro de geologia Eschwege, é um órgão complementar do Instituto de Geociências (IGC) da UFMG. Idealizado por um grupo de pesquisadores alemães, em outubro de 1969, funcionou durante 10 anos como Instituto Eschwege e só foi incorporado a UFMG em março de 1979, quando então passou a funcionar nas dependências da Casa da Glória, adquirida com esta finalidade pelo Ministério de Educação e Cultura.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

Pertenceu inicialmente à Coroa Portuguesa, tendo sido mais tarde adquirido por dona Josefa Maria da Glória, daí o nome “Casa da Glória. No início do século XIX a

Casa passou às mãos do Estado, servindo de residência para os intendentess. Em 02 de fevereiro de 1864, a Casa da Glória passa aos domínios da Igreja e é transformada em sede do Segundo Bispado de Minas Gerais, tornando-se residência oficial dos Bispos de Diamantina, inclusive do primeiro bispo da cidade, Dom João Antônio dos Santos. Por volta de 1867, com a finalidade de abrigar religiosas da ordem de São Vicente de Paulo, ocorrem algumas transformações na Casa, que passa a ser conhecida como Orfanato, e posteriormente como Educandário Feminino de Nossa Senhora das Dores (1979) .

### **Curiosidades e “causos”**

Conta-se que ainda em fins do século XVIII, a Casa da Glória também funcionou como sede do governo da Capitania de Minas Gerais devido à presença do governador de Vila Rica no Arraial do Tijuco. A Casa tornou-se famosa por grandes festas e recepções lá realizadas cujos registros constam principalmente de 1818, ano da aclamação de Dom João VI e casamento de Dom Pedro I com Dona Leopoldina da Áustria.

### **Fontes Consultadas**

[www.igc.ufmg.br](http://www.igc.ufmg.br) – acesso em 24/03/2010

[www.turismo.pucminas.br](http://www.turismo.pucminas.br) - acesso em 24/03/2010

[www.institutocasadagloria.hpg.com.br](http://www.institutocasadagloria.hpg.com.br) – acessado em 25/03/2010

Fundação João Pinheiro – Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral

## CASA DE JOÃO GILBERTO

“Nos anos 50 vagou por 7 anos , entre Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Diamantina (MG). Chegou a gravar um compacto no início no início da década, mas passou despercebido pelo público ainda os ouvintes de samba-canção.”

Resumo/Apresentação: “De certa forma, pode-se considerar que Diamantina tem sua contribuição na criação da Bossa Nova. A revista Bravo conta um pouco dessa história:

Entre 1952 e 1955, João Gilberto estreou como compositor em uma co-parceria com Russo do Pandeiro, e como intérprete, com o compacto Quando Ela Sai.

Não tinha renda fixa, morava de favor e passava as noites de bar em bar, tocando violão emprestado. Percebeu que, se quisesse mesmo uma mudança, era ele quem teria de mudar geograficamente. Caetano Veloso, afinal, estava certo: a Bossa Nova nasceu com João em Juazeiro... quando ele voltou para sua cidade natal aos 24 anos.

Antes de voltar a Juazeiro, porém, João Gilberto teve dois outros endereços. Passaram sete meses em um hotel em Porto Alegre, RS, sustentado pelo amigo e cantor Luís Telles. Depois, foram mais oito meses em Diamantina, MG, na casa da irmã, Dadainha. Foi uma espécie de ano sabático que não durou um ano e não teve nada de sabático: João trabalhou como um artesão de sua música, obcecado em descobrir aquela batida do violão e aquele jeito de cantar que embalavam seus sonhos. Estava desenraizado do mundo, mas criava as raízes da personalidade profissional que o consagraria sua compulsão metódica, seu experimentalismo repetitivo, sua busca perfeccionista.

Diz-se que os moradores de Diamantina mal viam a cara de João. Ele não saía de casa. Raramente tirava o pijama, um hábito que manteve por vários anos, quando se tornou quase um eremita em seu apart-hotel no Leblon, no Rio, na década de 80. Passava o dia todo no banheiro de Dadainha, cujos ladrilhos proporcionavam uma acústica perfeita. “Quando saía de lá era para serenar a sobrinha, Marta Maria, recém-nascida.”

### **Curiosidades**

O Cantor João Gilberto aprendeu a tocar violão no quarto e no banheiro da casa. E lá nasceram os primeiros "Acordes da Bossa Nova?"

**Fontes Consultadas**

Barbosa, Camila Cornutti. A Bossa Nova, seus documentos e articulações: um movimento além da música. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação - Universidade Vale do Rio dos Sinos, 2008.

<http://passadicovirtual.blogspot.com/2009/02/contribuicao-de-diamantina-para-bossa.html>. Acessado em 10 de março de 2010.

[http://www.imobiliariasolar.com/novo\\_site/links/vendas\\_1\\_nv.html](http://www.imobiliariasolar.com/novo_site/links/vendas_1_nv.html). Acessado em 10 de março de 2010.

## CASA DO JUSCELINO

### **Data de Construção**

### **Proteção Existente**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

A casa do Juscelino construída de pau-a-pique, típica do século XVIII, situada na rua São Francisco onde viveu sua infância e adolescência. Sendo administrada por Serafim Jardim que em maio de 1993 começou as obras para ampliar casa construindo um anexo Júlia Kubitschek com salas em homenagem ao ex-presidente, replica do último consultório, sala administrativa, auditório e biblioteca.

### **Histórico/ Características relevantes do Atrativo**

Juscelino Kubitschek nasceu em Diamantina, em 1902, filho do ex-delegado de polícia e caixeiro-viajante João César e a professora Dona Júlia. Tido como extravagante pelos moradores da região, o pai escreveu a um primo, após o nascimento de "Nonô": Zino nasceu ontem o futuro presidente do Brasil. O nome dele é Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Aos dois anos, o menino Nonô perdeu o pai, vítima de tuberculose. As primeiras letras aprendeu com a mãe e a educação rígida veio dos tempos do seminário em Diamantina, que abandonou aos 15 anos. Preferiu seguir para Belo Horizonte, onde trabalhou durante oito anos nos Correios, até se formar pela Faculdade de Medicina, em 1927.

Em 1930, iniciou um curso na Escola de Medicina de Paris, onde estavam alguns dos maiores especialistas da época. Ainda estudou em Berlim e visitou a Inglaterra, a Itália, a Grécia, Egito e outros países do Oriente Médio. Estava em Praga, quando soube da Revolução de 30. Imediatamente aderiu ao movimento modernizador e voltou ao Brasil, passando antes por Paris.

No ano seguinte, Juscelino foi nomeado capitão médico da Polícia Militar de Minas Gerais, tornando-se responsável pelo serviço de Urologista da corporação. Em dezembro do mesmo ano, casou-se com Sara Gomes de Lemos, no Rio de Janeiro, e poucos meses depois seguiu para enfrentar as forças paulistas, como capitão médico da PM mineira, na Revolução Constitucionalista de 1932.

Durante a revolução, Juscelino conheceu o delegado de polícia Benedito Valadares que, no ano seguinte, seria nomeado interventor federal de Minas Gerais. Impressionado com a capacidade do amigo médico, Valadares o chamou para trabalhar como seu chefe de gabinete. Começou ali a carreira política meteórica de Juscelino que, já em 1934, elegeu-se deputado federal.

Em 1940, foi nomeado prefeito de Belo Horizonte. Na administração de JK a indústria da construção pesada prosperou com obras em toda a capital mineira. No ano seguinte, Juscelino já havia pavimentado ruas e avenidas (...). Além disso, empreendeu a canalização de córregos, ampliou serviços de limpeza pública, redes de água potável e esgoto (...).

Em 1943 entregou a Belo Horizonte um moderno Complexo Turístico Arquitetônico na Pampulha, a marca do “Prefeito Furação”. O conjunto do Iate Clube, Cassino, Casa do Baile e Igreja São Francisco – reuniu três mestres com criatividade: o arquiteto Oscar Niemeyer, o artista plástico Cândido Portinari e o paisagista Burle Marx.

Juscelino elegeu-se novamente, em 1945, deputado federal, desta vez pelo partido PSD, partido que ajudou a fundar, e, cinco anos mais tarde, tornou-se governador de Minas Gerais. Elegeu como diretriz de governo o binômio “Energia e Transporte”, e a partir daí intensificou a industrialização do estado, criou a Cemig, construiu 3 mil km de novas rodovias e instalou aeroportos. Já conhecido no país por seu arrojo, Juscelino candidatou-se à presidência da República em 1955.

Após uma vitória apertada nas eleições, com 36% dos votos, Juscelino conseguiu tomar posse em fevereiro de 1956, depois de dissipar a resistência dos adversários no pleito, que pregavam a obrigatoriedade da maioria absoluta dos votos para empossar um novo presidente. Já a frente do governo brasileiro, sofreu nova resistência, dos setores Reacionários da Aeronáutica, vencida com a rendição dos rebeldes, que não encontraram apoio da maioria dos militares.

Livre para governar o país, Juscelino tratou de cumprir sua grande promessa de campanha – dar condições ao país de crescer “50 anos em 5”. Novamente ao lado de Niemeyer, construiu Brasília, para inferiorizar o desenvolvimento econômico no Brasil. E, repetindo o que já havia feito em Belo Horizonte e Minas Gerais, JK transformou o país num verdadeiro canteiro de obras – ergueu hidrelétricas, implantou a indústria automobilística, construiu 20 mil quilômetros de rodovias e 3 mil quilômetros de ferrovia, aumentou em 15 vezes a produção nacional de petróleo

e desenvolveu a siderurgia. Deixou o poder, em 1961, elegeu-se senador por Goiás e era visto naquela época, como candidato natural á presidência, em 1965.

Dois meses depois do golpe militar de 1964 foi cassado, e exilou-se por 3 anos em Lisboa, Nova Iorque e Paris. Retornou ao país, em 1967. Com o AI-5, em 13 de dezembro de 1968, passou um mês em prisão domiciliar. Para se manter mais próximo de Brasília, comprou uma fazenda no município de Luziânia (GO).

Morreu em 22 de agosto de 1976, em acidente de carro na Via Dutra, quando seguia de São Paulo para o Rio de Janeiro. Para muitos, Juscelino foi vítima de atentado realizado por uma operação que apoiava as ditaduras militares da América Latina, hipótese nunca comprovada oficialmente.

**Fonte**

<[http://www.diamantina.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=89:juscelino-kubitschek&catid=38:personalidades&Itemid=46](http://www.diamantina.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=89:juscelino-kubitschek&catid=38:personalidades&Itemid=46)> Acesso dia 16/08/2011.

## CATEDRAL DE SANTO ANTÔNIO

### **Data de Construção**

Década de 1930.

Antiga Igreja de Santo Antônio do Tijuco. A construção atual foi finalizada em 1932, substituindo a original, que tinha frente para a casa do Padre Rolim hoje Museu do Diamante.

### **Proteção Existente**

A igreja não é amparada por medida de tombamento direto, mas está comprometida no acervo paisagístico da cidade, tombado em conjunto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), conforme Inscrição nº 66 – Livro de Belas Artes, fls. 12, datada de 16 de maio de 1938.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

Construção recente, a atual catedral de Diamantina tem como principal interesse o fato de ter substituído, sob a mesma invocação, a antiga igreja Santo Antônio, originária do período colonial e que serviu de matriz da freguesia e depois sé do bispado até a edificação do novo templo, iniciada em 1933 e concluída em 1940. Nos primeiros tempos de arraial do Tijuco, a primitiva capela dedicada a Santo Antônio foi erguida onde hoje é o bairro Rio Grande próxima a Rua Burgalhau, transferindo-se posteriormente para a parte central onde polarizou e adensou o povoado, ou seja, a mesma praça em que se construiu a moderna catedral. Da velha igreja submetida a várias reformas e descaracterizações antes de ser afinal demolida, restam dois retábulos em talha barroca, hoje conservados no arco-cruzeiro da catedral, e algumas peças avulsas.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

Reza a lenda que já os primeiros bandeirantes que se fixaram no Tijuco ergueram uma tosca e pobre capela em honra de Santo Antônio, o querido santo dos portugueses. Posteriormente, em sua honra foi construída, em parte mais alta do Arraial, uma verdadeira igreja, bem maior e de muita solidez. Essa igreja, com a elevação de Diamantina a diocese, é que foi promovida à dignidade de Catedral ou Igreja da Sé, como era conhecida por todos. Nos dias de D. Joaquim Silvério de

Souza, foi forçoso destruí-la e o sucessor dele, D. Serafim Gomes Jardim, enfrentando não pequenas dificuldades, construiu, na década de 30, a atual Catedral, "igreja na qual se encontra a Catedral oficial de onde o Pastor fala a todo o povo da sua Diocese". Aos 19 dias do mês de março de 1932 o Arcebispo de Diamantina D. Joaquim Silvério de Souza, benzeu solenemente a primeira pedra da nova Catedral Metropolitana da Arquidiocese de Diamantina, substituindo à antiga Catedral de Santo Antônio, que tinha sua frente para a Rua Direita. Os construtores desta nova Catedral foram: Celso Tavares Werneck Machado e Anastácio Frattesi.

### **Fonte Consultada**

Atlas Dos Monumentos Históricos e Artísticos de Minas Gerais – Circuito do Diamante IV – Fundação João Pinheiro.

Igrejas - disponível em [www.diamantina.com.br](http://www.diamantina.com.br) acessado em 25/02/2010

## CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE MÚSICA LOBO DE MESQUITA

### **Data de Construção**

### **Proteção Existente**

### **Resumo /Apresentação do Atrativo**

O Conservatório Estadual de Música “Lobo de Mesquita” situado na Praça Coronel Cosme Alves Couto s/n Bairro Centro sede própria com vista para a Serra dos Cristais. Foi criado pela Lei Estadual número 811 de 13 de dezembro de 1951 no governo de Juscelino de Oliveira Kubitschek atendendo a um apelo da população diamantinense e autorizado pela resolução número 16171 da secretária de Estado da Educação. Direção atual da professora Maria de Lourdes Pereira da Silva.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

O conservatório recebeu o esse nome em homenagem ao grande compositor do período Barroco, José Joaquim Emérico Lobo de Mesquita, filho de português foi considerado o maior músico sacro do século XVIII nas Américas. A música barroca criada por ele foi um dos quesitos importantes na escolha de Diamantina como patrimônio mundial. Nasceu no Serro, por postura de valores a cidade se orgulha da herança deixada por Lobo de Mesquita, que inspira novas manifestações culturais. Hoje o conservatório desenvolve projetos pedagógicos que busca garantir a coesão entre o corpo docente, os estudantes e a comunidade, visando o desenvolvimento da inteligência, da criatividade e da sociabilidade.

O Prédio mantém as características apenas da fachada sendo que o interior foi adotado para sala de aulas de música. Teria sido local de isolamento de “leprosos” onde as pessoas recusavam passar por preconceito e medo?

O primeiro local de funcionamento foi onde hoje funciona o Plantão que era um prédio inacabado, porém não tinha porta de acesso a Santa Casa. Onde existiam poucas salas e começou com violão, piano e flauta doce com aulas práticas e teóricas. As apresentações aconteciam em uma sala que dava para um corredor onde a platéia assistia sentados em cadeiras de sala de aula que faziam barulho e tirava a atenção dos músicos pelo barulho provocado ao se mexer. Quando as apresentações eram para um público maior no caso das formaturas as mesmas

aconteciam no anfiteatro da Faculdade de Odontologia .(Informação adquirida por meio de uma conversa com a Professora Gláucia Maria Assunção que atua a vinte e cinco anos no Conservatório Lobo de Mesquita no dia 24 de fevereiro de 2010 no local referido).

De acordo com a diretora Lourdes o prédio e o espaço cultural com palco do fundo onde era um matagal foi construído para atender a crescente demanda de alunos. A escola atende hoje mil e quinhentos e vinte cinco alunos com idade a partir dos seis anos de idade. Atualmente dispõem de doze pianos,quinze teclados vários instrumentos de corda de sopro além de instrumentos de percussão. Além de possuir uma biblioteca com um acervo de métodos e partituras referentes aos conteúdos ministrados e livros variados. Os professores são graduados na área que atua. O conservatório realiza projeto de extensão (Escolarte) para atender crianças carentes que não freqüentam os cursos regularmente, atendendo os alunos nas escolas em contra turno ou tempo integral.

### **Curiosidades**

José Joaquim Emérico Lobo de Mesquita, organista, regente e compositor brasileiro nascido em Vila do Príncipe, atual Serro, MG, patrono da cadeira n. 4 da Academia Brasileira de Música. Estudou música com o padre **Manuel da Costa Dantas**, mestre-de-capela da matriz de Nossa Senhora da Conceição. Foi para Arraial do Tijuco (1776), hoje Diamantina, para ser responsável pela instalação na Matriz de Santo Antônio de um órgão fabricado pelo *Padre Manuel de Almeida Silva*, onde desenvolveu sua carreira como organista e de compositor (*Regina caeli laetare*, 1779) até que entrou para a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (1789). Alferes do Terço de Infantaria dos Pardos foi o encarregado de um *Oratório*, para a Semana Santa (1792). Regeu a música para o tríduo do período (1798-1799), na matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, e as *Quarenta horas*, do período seguinte (1800-1801). A partir daí até sua morte, tocou nas missas da igreja da Ordem Terceira do Carmo, no Rio de Janeiro, cidade onde morreu. Um de seus *Ofícios de Defuntos* foi apresentado na vila de Caetés, MG, a (25/01/1827), em memória da *Imperatriz Leopoldina*, o que mostra que o compositor era ainda reconhecido mais de vinte anos depois de seu falecimento. Existem apenas dois manuscritos autógrafos do compositor, a *Antífona de Nossa Senhora* (1787) e a *Dominica in Palmis* (1782), mas há muitas cópias do restante de sua obra, como ladainhas missas, ofícios e novenas. Todas as outras obras conhecidas de sua

vasta produção aparecem em cópias de fins do século XVIII e, em sua maioria, do século XIX.

Em 1951 quando Juscelino Kubitschek assumiu o Governo do Estado, o povo diamantinense lhe apelou para ser criado um Conservatório de Música. O apelo foi levado a Assembléia Legislativa do Estado que votou a Lei nº 811, de 13 de dezembro de 1951 criando os Conservatórios de Música de São João Del Rey, Juiz de Fora, Uberaba, Rio Branco e Diamantina. Todos foram erguidos e instalados rapidamente, com exceção de Diamantina que caiu no esquecimento. Vinte anos depois a população faz um novo apelo ao Governador, Israel Pinheiro, sendo estes ajudados por Aires da Mata Machado Filho. Por não haver um prédio disponível e verba orçamentária para pagar aos professores, foi realizado um convênio, com a Prefeitura municipal, celebrado pelo Prefeito Silvio Felício dos Santos, ficando sob sua responsabilidade o pagamento dos professores do conservatório. Dr. José Aristeu Andrade emprestou três salas do Hospital Infantil (ainda em construção). Dr. Marcelo de Andrade Naves, Diretor do Plano Nacional de Educação forneceu o mobiliário e os pianos. Em 31 de outubro de 1970 foi instalado em reunião solene o Conservatório Estadual de Música “lobo de Mesquita”. A aula inaugural ocorreu em 4 de Março de 1971.

O Conservatório Estadual de Música “Lobo de Mesquita” situado na Praça Coronel Cosme Alves Couto s/n Bairro Centro sede própria com vista para a Serra dos Cristais. Foi criado pela Lei Estadual número 811 de 13 de dezembro de 1951 no governo de Juscelino de Oliveira Kubitschek atendendo a um apelo da população diamantinense e autorizado pela resolução número 16171 da secretária de Estado da Educação. Direção atual da professora Maria de Lourdes Pereira da Silva.

José Joaquim Emérico Lobo de Mesquita. Sem documentos comprobatórios de sua procedência, é corrente a hipótese de que o músico tenha nascido na vila do Príncipe do Serro Frio, em 12 de outubro de 1746, sendo filho do português Joseph Lobo de Mesquita e sua escrava Joaquina Emereciana. Teria iniciado seus estudos com o padre Manuel da Costa Dantas da capela do Serro. Posteriormente não se sabendo exatamente em que ano transferiu-se para o Tijuco (CONCEIÇÃO e FERNANDES, p.33; 2007).

O músico exerceu sua profissão, aproximadamente, por vinte anos no Tijuco. Foi professor particular e organista da Irmandade do Santíssimo Sacramento na Matriz de Santo Antonio, que obteve o primeiro órgão na cidade. Tocou também na

Irmandade dos Homens Crioulos de nossa Senhora das Mercês. . (CONCEIÇÃO, FERNANDES, p.37 2007)

Sua relação maior, porém, foi com a Irmandade da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, com a qual continuou mantendo contrato de trabalho quando se mudou para Ouro Preto e, posteriormente, para o Rio de Janeiro, onde faleceu em 30 de abril 1805. (CONCEIÇÃO, FERNANDES, p.37 2007)

No Tijuco, Lobo de Mesquita foi contratado pela Ordem Terceira do monte do Carmo, em julho de 1789, para tocar o órgão que a Irmandade mandou fabricar ao custo de 1.1000 oitavas de ouro, sob a direção do organeiro padre Manuel de Almeida e Silva. Por meio de um contrato, obrigava-se a tocar órgão em todas as missas e ladainhas que se costumavam celebrar nessa igreja, às sextas-feiras e sábados, incluindo novenas, dias festivos e dias santos, pelo que recebia 50 oitavas de ouro anuais (CONCEIÇÃO, FERNANDES, p.37 2007).

LANGE pesquisou e divulgou a obra de José Joaquim Emérico Lobo de Mesquita pelo mundo, mais especificamente na América Latina, nos Estados Unidos e no continente Europeu. A elegância melódica, textura harmônica e técnica de orquestração da obra de lobo de Mesquita levaram-no a ser consagrado como um dos mais importantes músicos contemporâneo das Américas no século XVIII, comparável aos grandes mestres europeus. (CONCEIÇÃO, FERNANDES, p.37 2007).

### **Fontes Consultadas**

www.asminasgerias.com.br acessado em <19 de fevereiro de 2010>

CARMO, Sérgio Rafael do (Org.) **Conservatórios de Música: arte e emoção como aliados da educação em Minas BH ,Secretária do Estado e Educação** <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JoseJELM.htm>> Acesso em 31/03/2010

MINAS GERAIS, COORDENADORIA DE CULTURA. **Sesquicentenário de Elevação do Tijuco a Vila Diamantina. 1831-1981.** Belo Horizonte, Coordenadoria de Cultura/l. Oficial, 1983. Pág.232. Heráclito Mourão Miranda.

CONCEIÇÃO, Wander José; FERNANDES, Antonio Carlos. **La Mezza Notte. O lugar Social do Músico Diamantinense e as origens da Vesperata.** UFVJM: Diamantina 2007.

## CORPO DE BOMBEIROS

### **Data de Criação**

A estação de Diamantina foi aberta em 1913 pela então Estação Ferroviária Vitória a Minas.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

Situado no largo Dom João onde foi a estação ferroviária de Diamantina.

O ramal de Diamantina, que alcançava esta cidade saindo da estação de Corinto, na Linha do Centro da Estação Ferroviária Central do Brasil- EFCB foi aberto entre os anos de 1910 e 1913 pela E. F. Vitória a Minas, que, depois, em 1923 o repassou à Central do Brasil. Ele funcionou até o início dos anos 1970, quando teve os trens de passageiros desativados. Oficialmente o trecho somente foi suprimido pela Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima RFFSA em 1994, mas segundo consta os trilhos já teriam sido arrancados antes disso. Mais tarde, com o desinteresse desta ferrovia pelo ramal de Diamantina, o trecho foi entregue à Central do Brasil. A estação ficava num nível muito alto (1.261 m) em relação ao ponto inicial do ramal, Corinto (607 m). Foi fechada na primeira metade dos anos 1970, com o ramal; os trilhos foram retirados não muito tempo depois. Curioso que a RFFSA somente tenha declarado o ramal como erradicado em 1994: ele na prática já não existia mais havia muitos anos. Isso dá uma ideia da desorganização e do descaso que a RFFSA já tinha nessa época.

### **Fontes Consultadas**

[http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb\\_mg\\_ramais/diamantina.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_ramais/diamantina.htm) - Acessado em 03 de março de 2010.

<http://www.rffsa.gov.br/principal/historico.htm> - Acessado em 17/08/2011

## CRUZEIRO DA SERRA

### **Data de Construção**

Aos 05 de março de 1938, no alto da Serra do Rio Grande, foi inaugurado e abençoado o Cruzeiro para a cidade de Diamantina.

### **Proteção Existente**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

Monumento comemorativo do Centenário da fundação de Diamantina (1838-1938), situado no alto do morro de Santo Antônio, a 1300 m de altura, foi o terceiro cruzeiro a ser construído na Serra. Oferece vista panorâmica de todo o conjunto histórico da cidade. Localização: Acesso pela estrada para Couto Magalhães de Minas, 3 km do Centro. Antecedendo às comemorações do Centenário da cidade, que aconteceria no dia seguinte, 06 de março de 1938, com imponente passeata cívica pelas principais ruas da cidade. O novo Cruzeiro tem 5 metros de altura por 1,50 de braço, feito de cimento armado e o primeiro a ser todo iluminado. A benção do novo Cruzeiro foi realizada durante missa campal, celebrada pelo Bispo D. Serafim Gomes Jardim, com a presença do Prefeito Municipal Dr. Joubert Guerra, Dr. Juscelino Kubitschek, dentre outros. Após executada a retreta pela Banda do Terceiro Batalhão de Polícia Militar, foi inaugurado o novo Cruzeiro, sob vibrantes palmas, de onde se descortina quase todos os pontos da cidade.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

De uma altitude de 1300 metros, onde se localiza o Cruzeiro da Serra, é possível ter uma ótima vista panorâmica da cidade e do Pico do Itambé. Nesse local onde predominam a vegetação de cerrado e a cobertura de formações rochosas, realiza-se sempre no mês de maio, a Festa de Santa Cruz, com rezas, levantamento de mastro e barraquinhas com comidas típicas e sorteios.

### **Curiosidades e “causos” Fontes Consultadas**

Para os cristãos, a mais venerável de todas as imagens é a Cruz do Salvador. As nossas igrejas, os nossos altares e os nossos cemitérios estão todos ornados com cruzes. As missas nunca são celebradas sem a presença da Cruz. A Cruz do Cula é

a segunda que a cidade possuiu como símbolo confortante da Igreja Católica e de proteção para a população. O idealizador deste segundo Cruzeiro foi Herculano Carlos de Magalhães e Castro, conhecido como Seu Cula, derivando daí, o nome de Cruzeiro do Cula. Seu Cula foi homem importante no final do século XIX, tendo sido eleito Conselheiro para representar os negócios da Diamantina, em reuniões na capital Ouro Preto. Quando da colocação da Cruz, no alto da Serra, em pequena cerimônia, foi o mesmo, abençoado pelo primeiro Bispo de Diamantina, D. João Antônio dos Santos

### **Fontes Consultadas**

<[www.brasilchannel.com.br/municipios/mostrar\\_municipio.asp?nome=Diamantina&uf=MG&tipo=turismo](http://www.brasilchannel.com.br/municipios/mostrar_municipio.asp?nome=Diamantina&uf=MG&tipo=turismo)>. Acessado em 20 fev. 2010.

<[www.desvendar.com/cidades/diamantina/roteirodorosario.asp](http://www.desvendar.com/cidades/diamantina/roteirodorosario.asp)>. Acessado em 20 fev. 2010.

<[www.ferias.tur.br/informacoes/3036/diamantina-mg.html](http://www.ferias.tur.br/informacoes/3036/diamantina-mg.html)>. Acessado em 20 fev. 2010.

## DIAMANTINA TÊNIS CLUBE

### Data de Construção

Final de 1944. De acordo com Antônio Fernandes e Wander da Conceição Diamantina, como cidade pólo do estado de Minas, também recebeu em 1944, do Governo do Estado o “Diamantina Tênis Clube”, também conhecido como Praça de Esportes, diretamente ligada a força Militar, por intermédio do 3º Batalhão. A Praça de Esportes foi projetada por Oscar Niemeyer, e é uma importante obra arquitetônica do século XX.

Em 1947 recebeu o Sargento Anatólio Alves de Assis, para desempenhar as funções de professor de educação Física, técnico de natação e esportes terrestres que começou a preparar os nadadores do “Diamantina Tênis Clube” para campeonatos de natação. Ele também dedicou 20 anos de sua vida á formação física e moral de sucessivas gerações de jovens diamantinenses. Nos primeiros anos de trabalho a equipe de natação já se destacava em Minas Gerais.

Instituiu, inicialmente as disputas internas e regionais e logo depois as estaduais e nacionais. Na piscina de 25 m do Diamantina Tênis Clube ,foram formados excelentes nadadores,alguns chegando a conquistar o titulo de campeão brasileiro de natação infanto-juvenil. Essas vitórias começaram a fazer com que a cidade se despontasse no cenário esportivo mineiro e nacional. Com isso, o nome de Diamantina se firmava de maneira vigorosa no âmbito dos esportes, fazendo com que jogos e torneios esportivos passassem na época, a serem realizados na Praça de Esportes de Diamantina.

O Sargento Cesarino trabalhou com o basquetebol e o voleibol, merecendo destaque o vôlei feminino, campeão de importantes disputas nacionais. Formou as equipes de basquete masculino e voleibol masculino e feminino.

Nos anais do Diamantina Tênis Clube, ficou registrado um tricampeonato do interior mineiro, com o time de voleibol feminino ganhando os campeonatos de 1955 em Montes Claros ,de 1956 em Uberaba e de 1957 em Juiz de Fora.

Durante os torneios realizados na Praça de Esportes de Diamantina, havia a presença da banda Militar.

### Fontes consultadas

FERNANDES, Antonio e CONCEIÇÃO, Wander. **La Mezza Notte**. Capítulo 3 . UFVJM: Imprensa: Gráfica Urgente, 2007. Diamantina – MG; <http://passadicovirtual.blogspot.com/2009/07/vamos-abracar-praca-de-esportes.html> Acessado em 12/03/2010.

FERNANDES, Antonio Carlos; CONCEIÇÃO, Wander. **Caminhos do desenvolvimento – Síntese Histórica da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri: 1953 – 2005**. Diamantina: UFVJM, 2005.

## HOSPÍCIO

### **Data de Construção**

Funcionou na Rua da Caridade de 1889 a 1906 recebendo os “loucos” de toda a região de Diamantina e lugares mais distantes.

### **Proteção Existente**

*Bem (cf. inscrição)* Conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Diamantina

*Outras denom.* Centro histórico de Diamantina; Cidade Histórica de Diamantina; Sítio histórico de Diamantina

*Nº Processo* 0064-T-38

*Livro Belas Artes Nº inscr.:* 066 ; *Vol.* 1 ; *F.* 012 ; *Data:* 16/05/1938

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

O sobrado em estilo neoclássico insiste manter-se em pé foi o primeiro hospício de Diamantina separado de sua Santa Casa. O hospício reforça o mito que Diamantina, pela sua altitude e por seu clima, produzia muitos gênios e muitos loucos. Foi construído e administrado pela Santa Casa de Caridade de Diamantina, no último quarto do século XIX. A construção foi como parte de um processo modernizador que acontecia em Diamantina. Foi planejado pelo engenheiro Catão Gomes Jardim.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

Na parte posterior do pavilhão existiam duas alas laterais anexas, compridas e sem divisória, construídas de forma contraposta com celas individuais para os loucos.

### **Curiosidades**

A Santa Casa de Caridade de Diamantina foi fundada em 1790, mas os primeiros relatórios datam de 1870, pressupondo que não era obrigatório a apresentação de relatórios, o primeiro relatório foi assinado por Sr. Tenente Coronel José Ferreira de Andrade Brante, o mesmo que viria a construir o hospício de alienados, a Santa Casa sobrevivia de esmolas, vindo a ser fechada entre os anos de 1810 a 1821 devido a falta de doações, em 1831 houve uma tentativa frustrada de recuperação do hospital, só em 1838 o hospital foi reaberto e mais tarde conseguindo verbas para a construção do Hospício.

Foi o primeiro prédio de hospício de Minas Gerais, projetado pelo engenheiro Dr. Catão Gomes Jardim que denominava a obra como gênero moderno. O Hospício funcionou entre 1889 a 1906, foi administrado pela Santa Casa de Caridade. Dizem que a cidade devido a sua altitude e clima gerava muitos loucos e gênios. O hospício foi desativado antes mesmo de se concluir a totalidade de seu projeto.

No jardim do prédio há dois canteiros representando segundo a tradição oral, duas virtudes teologias- a fé, representada por um canteiro em forma de cruz, e a esperança, representada por um canteiro em forma de âncora.

Alguns dos diagnósticos dados aos loucos: histeria, alienado, delirante, louco, maníaco, furioso, infeliz, idiota, monomaníaco, imbecil, demente, os que sofrem de monomania criminosa e amolecimento cerebral.

No IPHAN em Belo Horizonte, existe um pedido de autorização de reforma do prédio feito pela Santa Casa de Caridade na década de 50 do século XX, no qual constam plantas e fachadas de uma reforma nunca empreendida, e ainda uma foto aérea da área construída do hospício da mesma década, que sugerem o que fora concluído no prédio, bastante diferente do que existe.

O prédio desperta a curiosidade dos estudiosos da psiquiatria, pois na longínqua cidade do interior de Minas Gerais já se aplicava, em pleno século XIX, muitas teorias sobre o adoecimento mental produzidas em diferentes partes do mundo. Na exposição Olhar Diamantina, organizada pela UFMG, Clébio Maduro participa tendo o casarão da Casa dos loucos (para portadores de sofrimento mental), hoje em processo acelerado de depredação física, como referência inicial.

Sua recente restauração foi entregue em 25 de maio de 2012.

### **Fontes Consultadas**

PEREIRA, Célio Hugo Alves. Efemérides do Arraial do Tejuco a Diamantina. Ed. CLA, BH 2007, 1º Cd.

MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. Hospício da Diamantina. Ed. ARGVMETVM. Belo Horizonte 2008.

<http://passadicovirtual.blogspot.com/2009/02/contribuicao-de-diamantina-para-bossa.html>. Acessado em 10 de março de 2010.

Voz de Diamantina. Edição de 01 de junho de 2012.

<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1356>

## HOTEL TIJUCO

### **Data de Construção**

O Hotel Tijuco foi construído no ano de 1951. Quando Juscelino Kubitschek foi Governador de Minas Gerais, não deixou de realizar obras na sua cidade natal, com a assinatura de Oscar Niemeyer.

### **Proteção Existente**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

O hotel Tijuco está situado á Rua Macau do Meio-211, próximo a praça JK no centro histórico da cidade, possui fácil acesso aos pontos turísticos, restaurantes bares e lojas. O Hotel Tijuco, foi a introdução do novo na arquitetura barroca e simbolizava o moderno contrastando com o velho. Diamantina possui a arquitetura barroca, o eclético e a introdução do moderno, representando quase todas as fases do desenvolvimento do país. O prédio do Hotel Tijuco foi construído em terrenos que o Estado adquirira aos herdeiros do Cel. Cosme Alves do Couto. Depois de construído, foi transferido a HIDROMINAS - Águas Minerais de Minas Gerais S/A, hoje privatizado e pertencente a particulares.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

No início da década de 1950, Diamantina era uma das mais antigas e provincianas cidades de Minas Gerais. Com pouco mais de dez mil habitantes, ela se continha ainda dentro do núcleo de suas primeiras ruas, parecendo querer manter-se fiel aos apaixonados versos com que o poeta Aureliano Lessa cantou seus encantos.

Só que outro exaltado diamantinense resolveu tirar sua cidadezinha do sono secular em que jazia. Foi assim que Juscelino Kubitschek procurou dotar sua pequenina Diamantina de um moderno hotel, já antevendo seu futuro turístico. Conhecedor de sua genialidade convidou o amigo e arquiteto Niemeyer para elaborar o projeto, com a certeza de que, ao conhecer o velho Tijuco, ele desenharia algo tão belo e inimaginável quanto a Igreja da Pampulha, marco modernista da jovem capital mineira.

Niemeyer deve ter sopesado os anseios do amigo Governador de Minas. Quando se viu, entretanto, a subir e descer estas ladeiras, embrenhando-se por estes becos

graciosos, de tanta história e mistério, admirando a leveza colorida e singela destas igrejas, sentiu-se aliviado com a inspiração de cravar nestes altos de serranias algo grandioso, contrastante, surpreendente.

Hoje, quem passa em frente ao Hotel Tijuco, um dos prédios que mais sobressaem no conjunto arquitetônico diamantinense, deve imaginar que Niemeyer soube projetá-lo paradoxalmente grandioso e modesto. Pois, a um só tempo, ele revela o arrojo com que soube equilibrar leveza e imponência sobre colunas elegantes em compasso invertido. Mesmo lhe tendo dado porte majestoso, fê-lo parecer-se inclinado, como se eternamente prostrado em vênias ao casario barroco que tem aos pés. E os apartamentos fronteiriços mais parecem uma grande fila de olhos permanentemente abertos a admirar a singularíssima Serra dos Cristais que, em mil e um ocassos nunca repetidos, se veste de mágica luminosidade, ora dourada, prateada ou sombreada, no eterno proscênio de amanheceres e entardeceres indescritíveis.

## **Curiosidade/Causos**

### **Oscar Niemeyer**

Oscar Niemeyer Soares Filho (Rio de Janeiro RJ 1907). Arquiteto e urbanista. Forma-se em arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes - Enba, no Rio de Janeiro, em 1934. Nesse ano, passa a freqüentar o escritório do arquiteto e urbanista Lucio Costa (1902 - 1998). Em 1936, integra a comissão criada para definir os planos da sede do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, com a supervisão do arquiteto suíço Le Corbusier (1887 - 1965), a quem assiste como desenhista. Baseado no projeto do arquiteto, Niemeyer sugere alterações que são adotadas na construção do edifício. Entre 1940 e 1944, projeta, por encomenda do então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek (1902 - 1976), o conjunto arquitetônico da Pampulha, que se configura como um marco de sua obra, pois rompe com os conceitos rigorosos do funcionalismo e utiliza uma linguagem de formas novas, de superfícies curvas, explorando as possibilidades plásticas do concreto armado. Em 1947, é convidado pela Organização das Nações Unidas - ONU a participar da comissão de arquitetos encarregada de definir os planos de sua futura sede em Nova York. Seu projeto, associado ao de *Le Corbusier*, é escolhido como base do plano definitivo. No Rio de Janeiro, em 1955, funda a revista *Módulo* e no ano seguinte começa, a convite do presidente da República, Juscelino Kubitschek, a colaborar na construção da nova capital do Brasil, Brasília, cujo plano

urbanístico é confiado a Lucio Costa. Em 1958, é nomeado arquiteto-chefe de Brasília, para onde se transfere e permanece até 1960. Entre os projetos mais importantes de Niemeyer destacam-se o Parque Ibirapuera, São Paulo, 1951; a sede do Partido Comunista Francês, Paris, 1965; a Escola de Arquitetura de Argel, Argélia, 1968; a sede da Editora Mondadori, Milão, Itália, 1968 e a sede do jornal *L'Humanité*, Saint-Denis, França, 1987.

### **Fontes consultadas**

[www.turismo.pucminas.br/r1n2/Diamantina\\_Carlos\\_%20Eloi\\_de\\_Faria.pdf](http://www.turismo.pucminas.br/r1n2/Diamantina_Carlos_%20Eloi_de_Faria.pdf)  
24/02/2010

[www.hoteltijuco.com.br](http://www.hoteltijuco.com.br) 23/02/2010

[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia)HYPERLINK

"[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia&cd\\_verbete=2951](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2951)"&HYPERLINK

"[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia&cd\\_verbete=2951](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2951)"cd\_verbete=2951 23/02/2010

## IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

### **Data de Construção**

Essa obra do século XVIII, por volta de 1731 pela ordem dos negros e escravos, é um dos templos mais antigos de Diamantina. Em 1771 passou por uma reforma, que provavelmente ampliou a nave e acrescentou uma sacristia.

### **Proteção Existente**

Esse bem foi tombado em 6 de dezembro de 1949, processo nº. 409-T-49, inscrição nº. 334, constando do Livro de Belas Artes, v. 1, p. 70.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário localiza-se à Praça Dom Joaquim, antigo Largo do Rosário. Constitui importante referência na paisagem da cidade, por apresentar-se de forma isolada, num amplo adro aberto revestido por pedras, e estar implantada no mesmo nível da rua, favorecendo a utilização do espaço público para a realização de atividades sócio-culturais e religiosas. Igreja é de propriedade da Arquidiocese de Diamantina, e mantém seu uso original, que é o de servir ao culto religioso católico.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

A Igreja tem sua planta estruturada a partir da clássica divisão em nave, capela-mor e sacristias laterais anexas às paredes desta. Seu sistema construtivo é em alvenaria de adobe, recoberta por reboco e caiação branca. Cunhais, esteios, enquadramento dos vãos, portas e janelas são em madeira pintada em cores fortes. A Igreja incorpora, na fachada de composição retangular central subdividida em três planos, a torre lateral única, separada do corpo central por um elemento de ligação, do lado da epístola. No interior, os altares colaterais apresentam um tratamento formal do rococó, acentuando a simplicidade do monumento. Na imaginária, destacam-se alguns exemplares de santos negros. Já a talha dourada do altar-mor e a pintura ilusionista do forro enriquecem pontualmente a decoração.

### **Curiosidades**

Na praça fronteira, estão o Chafariz do Rosário, construído em 1787, e a gameleira, que cresceu e enlaçou o antigo cruzeiro. A gameleira brotou de dentro do cruzeiro, envolvendo-o e elevando-o entre seus galhos: a cruz está suspensa e envolvida pela árvore. Diz a lenda que esse fato foi profetizado pelo cidadão Júlio Fonseca, que, ao se confessar para morrer, disse que se sua alma se salvasse algo extraordinário ocorreria com o cruzeiro que ele construiu. Passado algum tempo após a morte, começou a nascer no tronco da cruz uma pequena planta. Essa planta cresceu deixando raízes no chão e levantando a cruz. Esse era o sinal de que a alma de Júlio Fonseca se teria salvado.

Segundo conta o livro História da Vida Privada no Brasil, "... chafarizes propiciavam os encontros de cativos e os inevitáveis mexericos sobre o que se passava nos domicílios". Muitos escravos eram proibidos de se ajuntarem nos chafarizes, sobre o pretexto de evitar brigas e algazaras que eram freqüentes nesses locais.

### **Fontes Consultadas**

ABREU, João Francisco de. Síntese dos bens móveis e imóveis de Minas Gerais inscritos nos Livros de tombos do Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – 2 ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007.

SOUZA, Wladimir Alves de. Coordenação Guia dos bens Tombados de Minas Gerais. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura. 1984

CARRAZZONI, Maria Elisa. Coordenação Guia Dos Bens Tombados Brasil. Rio De Janeiro, Expressão E Cultura. 1987

PUCMINAS; UdG; UFVJM. Cultura na Estrada. Projeto Interinstitucional. Disponível em [culturanaestrada.wik.is](http://culturanaestrada.wik.is). Acessado em 23/02/2010.

## IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

### **Data de Construção**

As obras gerais da construção foram arrematadas no século XVIII, em 1766, por Antônio Fernandes de Oliveira, que também assumiu toda a obra de carpintaria. Entretanto, sua construção só teve início no ano de 1768.

### **Proteção Existente**

Esse bem foi tombado em 6 de dezembro de 1949, processo nº. 409-T-49, inscrição nº. 335, constando do Livro de Belas Artes, v. 1, p. 70.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

A Igreja de São Francisco de Assis está localizada na Esquina das Ruas São Francisco e Macau de Cima, nas proximidades da Praça Juscelino Kubitschek. A Igreja é de propriedade da Arquidiocese de Diamantina e mantém seu uso original, que é o de servir ao culto religioso católico.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

O templo destaca-se no ambiente urbano em função de sua implantação em esquina, num plano mais elevado que a rua. A planta desenvolve-se no sentido longitudinal, com nave única, capela-mor de menor largura e sacristias laterais, sendo que a da lateral esquerda se abre para um pequeno jardim e cemitério da Ordem. A decoração do interior da Igreja tem influência do rococó nas pinturas do forro da capela-mor, cujo trabalho foi executado por Jose Soares de Araújo entre 1782 e 1783. A pintura do forro da sacristia, que data de 1795, é atribuída a Silvestre de Almeida Lopes e possui significativo valor artístico. Também merece destaque os retábulos da capela-mor, no estilo Dom João V. Um púlpito e dois retábulos, por outro lado, apresentam inspiração neoclássica. As características principais da obra são os esteios e cunhais em madeira, pintados em cores vivas, o que também ocorre no frontão de madeira da fachada.

### **Curiosidades**

O brasão da ordem franciscana que se encontra acima da porta principal da Igreja São Francisco. Temos em parte superior do brasão a coroa de espinhos de Cristo,

olhando de frente para este temos ao lado direito o braço (com a veste marrom) de São Francisco recebendo as chagas (as mesmas dores da crucificação) de Cristo. Abaixo do braço de São Francisco temos umas formas parecidas com mosaico que representa a disputa pela veste de Cristo. Do lado esquerdo temos o braço e as chagas de Cristo. O cordão é da veste de São Francisco. Fonte oral: Taysa Kênia Godinho

### **- História de São Francisco de Assis**

Filho de pais abastados nasceu em Assis velha cidade da Itália, situada na região da Úmbria em 26 de Setembro de 1182, morreu em Outubro de 1226 e foi criado no luxo e na vaidade. Seu pai Pedro Bernardone, rico comerciante de tecidos, sonhava fazê-lo homem de negócios e de fortuna, mas Francisco, de gênio alegre e cavalheiresco pensava mais nas glórias do mundo do que nos negócios. Em 1202, com 20 anos, foi à guerra entre a sua cidade natal e Perúgia, ficando um ano na prisão. Comportou-se com serenidade, levantou a moral dos seus companheiros, transmitindo confiança e alegria. É resgatado pelo pai, por estar muito doente. Permanece um tempo em Assis para sua recuperação. Refeito da grave doença, caminhando fora da cidade, quando viu um leproso\* vindo na sua direção, ficou apavorado, pois tinha horror desta doença, quis fugir, mas manteve-se firme, dirigiu-se ao doente, beijou-lhe as mãos e o rosto, em demonstração de afeto e encheu-lhe a bolsa de moedas, com generosidade. Ao orar diante da imagem de Cristo Crucificado, nas ruínas da Igreja de São Damião, recebeu a missão de restaurar a Igreja imediatamente começou a reconstruí-la, usando o dinheiro do próprio pai. São Francisco renuncia a todos os bens que o prendiam neste mundo, veste-se como eremita e começa a restauração da Capela de São Damião e cuida dos leprosos\*.

\*Hanseníase, ou seja, pessoa com hanseníase.

### **Fontes Consultadas**

ABREU, João Francisco de. Síntese dos bens móveis e imóveis de Minas Gerais inscritos nos Livros de tombos do Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – 2 ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007.

PARÓQUIA SANTO CRISTO DOS MILAGRES. Disponível em:  
<<http://www.paroquiasantocristodosmilagres.org/saofranciscodeassis.html>> Acesso em 15/06/2011

SOUZA, Wladimir Alves de. Coordenação Guia dos bens Tombados de Minas Gerais. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura. 1984

CARRAZZONI, Maria Elisa. Coordenação Guia Dos Bens Tombados Brasill. Rio De Janeiro, Expressão E Cultura. 1987

PUCMINAS; UdG; UFVJM. Cultura na Estrada. Projeto Interinstitucional. Disponível em [culturanaestrada.wik.is](http://culturanaestrada.wik.is). Acessado em 23/02/2010.

## MERCADO MUNICIPAL

### **Data de Construção**

Construída em 1835 pelo tenente Joaquim Casimiro Lages (1801–1889) para sua residência e comércio, bem como para servir de rancho aos tropeiros, era conhecida como "Intendência dos Lages".

### **Proteção Existente**

Esse bem foi tombado em 31 de julho de 1950, processo nº. 429-T-50, inscrição nº. 387, constando do Livro de Belas Artes, v. 1, p. 76.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

A Casa do Mercado, construída no antigo Largo da Cavalhada Nova, atual Praça Barão de Guaicuí, na área central da cidade de Diamantina, representa um importante ponto de referência no espaço urbano histórico, em função de sua implantação e de seu tratamento arquitetônico excepcionais.

“Servia como ponto de descarregamento e venda de mercadorias entre os comerciantes e mineradores que passavam pela cidade. Os tropeiros amarravam seus cavalos nas estacas de madeira localizadas no pátio externo do mercado. Com exceção da fachada lateral esquerda, que é fechada e construída em alvenaria, todo o restante do prédio foi feito em madeira aberto em arcos em suas laterais.”  
(CIDADES HISTÓRICAS BRASILEIRAS)

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

Em 1884, consta que o tenente Lages vendeu definitivamente o prédio, conservando para si apenas o usufruto. Em 1889, o rancho de tropa ficou sob a responsabilidade do comerciante Vicente Ribeiros da Silva Vasconcellos. Nessa ocasião, o mercado ganhava vulto junto à população de Diamantina, em função dos privilégios dos comerciantes. Assim, os habitantes solicitaram à Câmara Municipal a construção de um barracão ou Mercado Público para emancipar-se do monopólio então exercido por alguns comerciantes da cidade. O Mercado passou a cumprir, então, um papel fundamental nas trocas dos produtos locais e regionais, configurando um espaço de convívio e vínculo constante, e propiciando manifestações sociais e culturais. Com o

final da função dos tropeiros, na segunda metade do século XX, passou a abrigar diversos tipos de negócios, como a comercialização de diamantes e alguns bares.

A edificação ocupa toda uma quadra e é circundada por vias públicas. Devido ao aclave das ruas, existe um porão nas fachadas posterior e lateral esquerda. O prédio apresenta forte composição horizontal, com partido arquitetônico retangular, todo estruturado em madeira. O amplo espaço térreo é constituído por arcadas de madeira com vedação de tábuas, que correm a meia altura em todas as suas fachadas, à maneira de parapeito, sendo coberto por um telhado com oito águas voltadas para o exterior, e quatro, convergindo para o pátio interno. O piso interno é de pedra, com exceção do porão, que apresenta piso em tabuado largo. Esse edifício possui simplicidade de estilo e grande beleza arquitetônica.

### **Curiosidades e “causos”**

Barão de Guaicuí: Coronel Josefino Vieira Machado (1812-1879)

Coronel Josefino Vieriade Machado: Nasceu e cresceu numa fazenda de Cuiabá, município de Diamantina. Deslumbrado com a cidade cedo veio empregando-se num açougue para começar a vida. Vivo e inteligente, formando-se em um meio que o analfabetismo era um crime, agarrou-se aos livros e cresceu com eles. Meteu-se no comércio de diamantes e em pouco tempo era um dos maiores compradores da pedra preciosa.

Associou-se com Antônio Felício dos Santos e organizaram uma sociedade para a compra de diamantes. Tendo a seriedade como base de transações, adquiriram fortuna rápida. A descoberta dos diamantes na África do Sul e conseqüente afluxo de pedras no mercado europeu abalaram o comércio de Diamantina, levando à falência muitos compradores. Possuidor de uma grande partida, assim como muitos outros, resolveram ir à Europa. Para ver se dispunham de melhor mercadoria. Partindo de Diamantina, entre longos e penosos dias, embarcaram num Rio com destino ao velho mundo, onde chegados tiveram a maior desilusão, acrescida com despesas de viagens, que levaram a uma ruína total.

Animo forte e espírito alevantado. Josefino Vieira Machado resolveu começar vida nova. Arrendou a navegação do São Francisco e seua afluentes.

*Guaicuí* (originalmente Guaycuhy) : “mulher velha” em tupi-guarani, nome original do Rio das Velhas.

### **Fontes Consultadas**

ABREU, J. F.; CALDEIRA, A.B. Síntese do Atlas digital dos bens móveis e imóveis de Minas Gerais inscritos nos livros de tomo do IPHAN. Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2007. 2ª ed.

CARRAZZONI, Maria Elisa. Coordenação Guia Dos Bens Tombados Brasill. Rio De Janeiro, Expressão E Cultura. 1987

CIDADES HISTÓRICAS BRASILEIRAS. *Monumentos civis*. Disponível em: [http://www.cidadeshistoricas.art.br/diamantina/dia\\_monc\\_p.php](http://www.cidadeshistoricas.art.br/diamantina/dia_monc_p.php)

COUTO, Soter. Vultos e Fatos de Diamantina. Belo Horizonte, 1954.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Arraial do Tijuco, cidade Diamantina. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980.

PUCMINAS; UdG; UFVJM. Cultura na Estrada. Projeto Interinstitucional. Disponível em [culturanaestrada.wik.is](http://culturanaestrada.wik.is). Acessado em 23/02/2010.

SANTOS, Mácia Maria Duarte; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. “Motivação toponímica da Comarca do Serro Frio: estudo dos registros setecentistas em mapas da capitania de Minas Gerais”. IN III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. Ouro Preto, 2009. Disponível em <[http://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/santos\\_seabra\\_motivacao-toponimica-da-comarca-do-serro-frio.pdf](http://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/santos_seabra_motivacao-toponimica-da-comarca-do-serro-frio.pdf)> acessado em 24/02/2010.

SOUZA, Wladimir Alves de. Coordenação Guia dos bens Tombados de Minas Gerais. Rio de janeiro, Expressão e Cultura. 1984

## MITRA ARQUIDIOCESSANA – ANTIGA CASA DO CONTRATO

### **Data Construção**

A antiga casa do contrato foi erguida no séc. XVIII e teve essa função até 1771.

### **Proteção Existente**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

#### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

“Até o fim do século XVIII, a sede da administração do arraial ficava na Casa do Contrato, depois chamada Casa da Intendência, na Rua do Contrato, onde hoje se localiza a sede do bispado de Diamantina. No piso inferior, instalaram-se os escritórios, e o superior não raro servia de residência para o intendente dos diamantes. Na sala principal do primeiro andar, os diamantes eram pesados semanalmente na presença do intendente, do contratador e do tesoureiro e o montante era registrado em um livro para posterior acerto.” (Furtado, pg. 40). A mesma foi residência dos Inspetores Gerais dos Terrenos Diamantinos, um dos mais conhecidos foi o contratador Felisberto Caldeira Brant.

A antiga casa do contrato foi erguida no século 18 e teve essa função até 1771, quando o local passou a ser residência do Inspetor Geral dos Terrenos Diamantinos. O sistema de contrato para a extração de diamantes passou a funcionar a partir de janeiro de 1740. Esse sistema era composto pela figura do contratador, detentor do monopólio particular para explorar as lavras, mediante a compra do direito de extração do distrito diamantino, e pelo Intendente, encarregado pelo cumprimento da lei. Em 1853, o local virou sede do Ateneu São Vicente de Paula. Cerca de 11 anos depois o prédio foi doado pelo Governo Imperial ao Bispado de Diamantina. Ali foram instalados o Palácio e o Seminário Episcopal. Após algumas reformas realizadas com verba cedida pela Fazenda da Província, o local acabou se descaracterizando, o que obrigou, em 1957, a intervenção do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que tentou reconstruir a imagem original do prédio.

### **A Arquidiocese de Diamantina**

A elevação da Diocese de Diamantina à categoria de Arquidiocese ocorreu em 1917, quando se tornou também sede metropolitana por uma bula do Papa Bento 15. O primeiro arcebispo foi Dom Joaquim Silvério e Souza. Atualmente, a arquidiocese é composta por 45 paróquias, abrangendo 34 municípios. Hoje, o atual arcebispo é Dom Paulo Lopes de Faria que tem como arcebispo emérito Dom Geraldo Magela Reis.

### **Curiosidades e “causos”**

#### Acervo da Mitra

O acervo que compõem a mitra (bispado) é de extremo valor por possuir documentos datados do século 18, 19 e 20. Em destaque está a documentação das Irmandades do Arraial do Tijuco, plantas das igrejas pertencentes à mitra e documentos relativos à Dom Joaquim Silvério e Souza.

Não é aberto à visitação.

### **Fontes Consultadas**

<[www.arquidiamantina.org.br/br/index.php](http://www.arquidiamantina.org.br/br/index.php)>. Acessado em 20 fev. 2010.

<[www.desvendar.com/cidades/diamantina/roteirochicadasilva.asp](http://www.desvendar.com/cidades/diamantina/roteirochicadasilva.asp)>. Acessado em 20 fev. 2010.

<[www.diamantina.com.br/index.cfm?link=mostra\\_igrejas.cfm&codigo=3](http://www.diamantina.com.br/index.cfm?link=mostra_igrejas.cfm&codigo=3)>. Acessado em 20 fev. 2010.

## NOVO MERCADO MUNICIPAL

### **Data de Construção**

Iniciado e edificado na administração de João Antunis de Oliveira em 06 de março de 1994 no 154º aniversário de Diamantina.

### **Proteção Existente**

Nenhuma

### **Resumo/ Apresentação do Atrativo**

O Novo Mercado Municipal localizado na Praça Sagrado Coração

### **Histórico/ Característica do Atrativo**

Em 1989 a Câmara Municipal de Diamantina cria a lei nº1647, que proíbe a concessão de alvarás para funcionamento de bancas e / ou *trallers* em vias públicas, no perímetro urbano da cidade de dentro do prédio do Mercado Municipal, localizado na Praça Barão de Guaicuí. Para o cumprimento da presente lei, obriga-se o Executivo Municipal a construir um novo mercado, até 31 de dezembro de 1990, equipado com boxes padronizados, em quantidade suficiente para abrigar todos os atingidos pela presente lei. Sua localização, (vetado), será no Largo D. João, na área existente em frente à Estação Rodoviária, onde funcionou, outrora, o virador de locomotivas. Os atuais possuidores de alvarás de funcionamento de bancas *trallers*, abrangidos pela lei, bem como os proprietários de estabelecimento comerciais existentes no atual Mercado Municipal, terão preferência para se localizarem no novo Mercado Municipal. A prefeitura é o órgão responsável por arrecadar o dinheiro da locação desses espaços e o Mercado Velho se transformou em um centro cultural ,com venda de artesanato ,doces ect. O Mercado teria sido construído em cima da rotatória do trem?

### **Fontes Consultadas**

Câmara Municipal de Diamantina, decreto de lei nº 1647 de maio de 1989.

## PICO DO ITAMBÉ

### **Data de Criação**

O Parque Estadual do Pico do Itambé foi criado em Janeiro de 1998 pelo decreto nº 39.398.

Chamado pelos nativos da região de Ivituruí. Segundo Taunay: “O vocábulo Ivituruí, indígena, quer dizer “Serro Frio” e alude ao muito enregelado frio que faz pelo cume daquela serra, com frigidíssimos ventos.”

### **Proteção existente**

Área de Proteção Ambiental (APA)

### **Resumo / Apresentação do Atrativo**

O Pico do Itambé situado no Parque Estadual do Pico do Itambé com 2.002 metros, sendo um dos marcos referenciais do estado. Localizado em uma área de 4.696 hectares entre os municípios de Santo Antonio do Itambé, Serro e Serra Azul de Minas. Apresenta Campos rupestres de altitude e o cerrado forma a cobertura do parque. Para chegar ao topo existem dois caminhos, um pela trilha que sobe a face oeste da montanha, passando pelo vilarejo de Capivari, com alguns lances de ascensão por grandes blocos de pedra. E a trilha do leste, que tem início na cidade de Santo Antônio do Itambé e atravessa alguns desfiladeiros perigosos.

### **Histórico/ Características Relevantes do Atrativo**

No período colonial o Pico do Itambé serviu como ponto de referencia para os viajantes que desbravam os sertões de Minas. Foi protetor e orientador de todos aqueles que vinham de Ouro Preto no sentido Serro e Diamantina, para comercialização de suas cargas.

Nos fundos vales, há manchas de solos de aluvião, de grande fertilidade, onde se desenvolve exuberante mata pluvial altimontana. Podem ser encontradas espécies como o pau d'óleo, a sucupira, o ipê, o cedro, o jatobá entre outros. As orquídeas raras e endêmicas reinam absolutas em campos de altitudes. Além das riquezas tem espécies ameaçadas de extinção como o lobo-guará e a onça pintada. Sendo que o principal atrativo do parque é o Pico. Composto por serras escarpadas, nascentes de águas cristalinas, e com vegetação de altitude, nas trilhas que levam até o topo

do Pico do Itambé existem pequenos sítios e casas de moradores que vivem na região e que desfrutam da tranquilidade do lugar.

### **Fontes Consultadas**

**Governo do Estado de Minas Gerais.** Secretária do Estado do Turismo. Belo Horizonte \_MG.

**Hoje em Dia** ,Diamantina-Patrimônio Cultural da Humanidade-Rotas Culturais. Setembro de 2007. BH\_MG

Htp://www.ief.mg.gov.br/areas-protegidas/206?task=view Acessado em <24/02/2010>

GOULART, Eugênio M. Andrade. O Caminho dos currais do Rio das Velhas: A Estrada Real do Sertão. 1ª Ed. Belo Horizonte: Coopmed, 2009.

## PRAÇA DOUTOR PRADO

### **Data de construção**

### **Proteção existente**

### **Resumo/apresentação atrativo**

Nos anos de 1890 era conhecida como Parque Municipal da Cavahada Velha. Isso porque funcionava de suporte para recepção de tropeiros quando o Parque Municipal da Cavahada Nova(Mercado Velho). Nas primeiras décadas do século XX possuía uma pista de patinação, no prédio onde que hoje pertence ao INSS. A praça tinha uma estrutura de quadra feita por Juscelino para o Time do Tijuco (time de futebol).

### **Histórico/características relevantes**

Os canteiros do espaço de eventos da Praça Doutor Prado receberam mudas de crista de galo e azaléia e das espécies arbóreas quaresmeira e ipê. Todo o trabalho de plantio das espécies foi executado pela Prefeitura Municipal de Diamantina, sob orientação da Coordenadoria de Obras e apoio de estagiários do Curso de Engenharia Florestal da UFVJM.

### **Fontes consultadas**

Maria da Conceição Lopes Fonseca – Moradora da Praça Dr. Prado

WWW.arquitextos.com.br Uma Viagem a Diamantina- Eliane Lordello – Ano 8- Vol 11/ Junho de 2008 pag. 210

JK- Como nasce uma estrela – Por Carlos Heitor Cony – pag 18- 3º Ed. Rio de Janeiro- Record, 2000.

## A QUADRA DA CAVALHADA



*A Cavalhada Velha com a quadra ao fundo e a cadeia onde ficava o sino do "silêncio".*

Depois de ter sido soterrada nos anos idos de 1970, a **Quadra da Cavalhada** está sendo recuperada, resgatando um fato histórico que começou em meados da década de 1930 por iniciativa de jovens esportistas que não tinham onde praticar seus dotes atléticos. Por influência de **Déa Costa**

uma partida entre o time feminino de vôlei com seu belo uniforme branco de saias prinsadas contra o já famoso **Minas Tennis Clube** de BH e depois houve a partida entre os rapazes contra o 3º BCM de **Boanerges Meira, Jair Ferreira, Otilio Casaca, Geraldo Castro, Egas Brigido, Souza e Romário** com muita

**Esportes** no final da década de 1940, o projeto foi decisivo por influência de "Déa Costa", os rapazes passaram a fazer seus jogos e campeonatos de vôlei nas belas quadras piscinas da famosa "praça" e a Quadra Cavalhada foi apossada nos anos 1950 por meninos que jogavam futebol de sal incentivados por **Caetano Mascarenhas** revelariam grandes craques do futebol campo como **Zé Luiz Rocha, Fernan Rocha, Coquinho, Argel, Deniz Aristarco, Romeu**, etc.

Hoje, emergindo de seu tumulto inglório a Quadra da Cavalhada será mais um fator lazer e praticas esportivas para os jovens, e devemos uma grande homenagem a quem idealizou com uma **placa de bronze** com nomes dos primeiros e audazes atletas e seus incentivadores e que seja afixada em pedestal e permaneça como uma lâmina àqueles jovens no quadro da memória de todos nós.

*William Spangler - Abril de 20*

## VENDE-SE

Casa de 2 andares, com duas residências, garagem para 2 veículos, na Rua Agostinho Rocha, 16, no Bom Jesus.  
Telefone: (31) 3531-2000 / 3531-2001

## PRAÇA DA UNESCO

### **Data de construção**

Foi construída no ano de 2002.

### **Proteção existente**

### **Resumo/apresentação atrativo**

Esta praça é um reconhecimento do povo diamantinense à UNESCO, que inclui Diamantina no seleto grupo de cidade do patrimônio da humanidade. Foi planejada pelo arquiteto Kleber Tadeu Alves ferreira. -Esta localizada na Rua São Francisco próximo a casa de Juscelino Kubitschek. Contem um painel de azulejo fosco, queimado a 900 graus, com tintas dissolvidas em óleo e terebintina, que mede 2,10m X 1,30m. Foi criado e doado pela artista plástica Yara Tupinambá, homenageando Chica da Silva. O painel representa a imagem de Chica em primeiro plano e no fundo o casario colonial, um barco e peixes esses últimos referentes ao grande desejo de Chica da Silva tinha de conhecer o mar.

### **Histórico/características relevantes**

Foi construído com intuito de se misturar ao estilo arquitetônico do centro histórico, com pedras empilhadas.

### **Curiosidades e “causos”**

Yara Tupinambá, natural de Montes Claros Minas Gerais, foi bolsista do Pratt Institute Nova York, ela possui 92 painéis e murais espalhados por numerosas cidades brasileiras. Sua arte reflete os ícones das Minas Gerais por todos lados, não importa a técnica seu domínio e perfeccionismo sempre se fazem presente, seja na pintura, nas gravuras, desenhos e murais.A pintura revela paisagens,lugares e objetos sínteses do habitat mineiro.

### *Unesco*

A Constituição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) ocorreu em Londres, em 16 de novembro de 1945, como consequência da necessidade constatada pelos Estados das Nações Unidas de

potencializar uma cultura e uma educação voltadas para a justiça, para a liberdade e para a paz mundial. Foi ratificada (validada) por 20 nações pertencentes a ONU.

Em 1964 foi aprovada a Carta de Veneza, um dos mais importantes documentos da UNESCO. O ponto de partida desse documento é o de que a humanidade considera as obras monumentais como "um patrimônio comum e, pensando nas gerações futuras, tornando-se solidariamente responsável pela sua conservação". Surge, assim, a idéia deste patrimônio comum, e inclusive, desenvolve-se o conceito de monumento, incluindo não apenas a obra arquitetônica isolada, mas também os sítios urbanos ou rurais testemunhos de uma civilização particular, de uma fase representativa da evolução da humanidade, da técnica ou de um determinado acontecimento histórico.

Dos documentos internacionais patrocinados pela UNESCO, a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural é o mais importante deles (pode-se acessar através do link [http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy\\_of\\_pdf/convpatrimoniomundial.doc](http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy_of_pdf/convpatrimoniomundial.doc)). Ele foi constituído em Paris, no ano de 1972. Seu ponto de partida é duplo; por um lado, trata de considerar o Patrimônio Cultural como um bem ameaçado de destruição pelas modernas civilizações e, por outro, estabelece que ele é um patrimônio comum da humanidade, razão pela qual sua deterioração ou destruição constitui um empobrecimento prejudicial para todos os povos do mundo.

### **Fontes consultadas**

WWW.ferias.tur.br

WWW.desvendar.com

WWW.yaratupinamba.com.br

WWW.caleidoscopio.art.br

Kleber Tadeu Alves Ferreira

PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE- DIAMANTINA. Uma publicação de Hoje em dia, fevereiro de 2000

UNESCO. [www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br)

## PRAÇA JK

### **Data de Construção**

### **Proteção Existente**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

No centro dessa praça está a estátua de JK, em tamanho natural, considerado como o grande filho de Diamantina, recebendo assim, a glamorosa homenagem. A imagem traça terno e está com a mão esquerda no bolso do colete e a mão direita segurando um papel dobrado, simbolizando, provavelmente um documento ou uma pauta de música, como conta a sabedoria local. Possui os pés um diante do outro, como se estivesse caminhando, e um olhar voltado a esquerda. Além da estátua compõem a paisagem da praça, um banco corrido de alvenaria, ilhas ajardinadas e palmeiras. Há também lampiões antigos e dois holofotes que dão à estátua certo efeito especial. O local é um dos mais apreciados pelos seresteiros e é palco do Dia da Seresta, que ocorre tradicionalmente todos os anos.

Histórico/Características Relevantes do Atrativo:

### **Fonte Consultada**

<[www.desvendar.com/cidades/diamantina/roteirododiamante](http://www.desvendar.com/cidades/diamantina/roteirododiamante)>. Acessado em 22 de fev de 2010.

## RESERVA DA BIOSFERA

### **Data de Construção**

O Programa Homem e Biosfera (MaB – Man and the Biosphere), foi criado como resultado da “Conferência sobre a Biosfera” realizada pela UNESCO em Paris em Setembro de 1968. O MaB foi lançado em 1971 e é um programa de cooperação científica internacional sobre as interações entre o homem e seu meio.

### **Proteção Existente**

Reservas da Biosfera são áreas de ecossistemas terrestres e/ou marinhos reconhecidos pelo programa MAB/UNESCO como importantes em nível mundial para a conservação da biodiversidade e desenvolvimento sustentável e que devem servir como áreas prioritárias para experimentação e demonstração dessas práticas.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

As Reservas da biosfera são principalmente instrumentos do Programa MaB e compõe uma rede mundial de áreas voltadas à Pesquisa Cooperativa, a conservação do Patrimônio Natural e Cultural e a Promoção do Desenvolvimento Sustentável.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

#### Funções da RB's

- Contribuir para a conservação da biodiversidade, incluindo os ecossistemas, espécies e variedades, bem como as paisagens onde se inserem.
- Fomentar o desenvolvimento econômico que seja sustentável do ponto de vista sócio-cultural e ecológico.
- Criar condições logísticas para a efetivação de projetos demonstrativos, para a produção e difusão do conhecimento e para a educação ambiental nos campos da conservação e do desenvolvimento sustentável.

### **Curiosidades e “causos”**

### **Fontes Consultadas**

<[www.rbse-unesco.blogspot.com](http://www.rbse-unesco.blogspot.com) >. Acesso em 24 fev. 2010.

## RUA DA QUITANDA

### **Data de Construção**

A Rua da Quitanda foi criada no ano de 1973, quando o intendente Dr. Plácido de Almeida Montoso designou-a para ser o mercado das quitandeiras.

### **Proteção Existente**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

A Rua da Quitanda se localiza no coração do centro histórico, é como uma montra da identidade arquitetônica de Diamantina, com sobrados coloniais que incorporam alguns elementos ecléticos. Singularíssima, apesar da dimensão modesta, é a Casa do Muxarabiê, com o seu balcão fechado com madeira de reixa, que é de lembrança árabe, hoje propriedade do IPHAN, tendo sido doada a união em 1942 e tombada pelo IPHAN em 1950. A musicalidade, os sabores, as cores e as formas diamantinenses também se encontram com toda a vitalidade na Rua da Quitanda, num cenário autenticamente colonial.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

Em 1º de março de 1743, foi proibido às negras e as mulatas forras ou cativas, andarem com tabuleiro (com seus quitutes, pastéis, bolos, doces, mel, leite, pão, frutas, fumo e pinga) pelas ruas ou lavras do Arraial do Tejuco, e aproximá-los dos locais de onde se extraía diamantes. Só seria permitido a essas mulheres realizar suas vendas nos lugares pré-determinados, em caso de desobediência apanhariam duzentos açoites e teriam que cumprir uma pena de quinze dias de prisão. O Intendente Dr. Plácido de Almeida Montoso designou para mercado das quitandeiras o logradouro que ainda hoje se chama Rua da Quitanda.

A administração colonial considerava um perigo o trabalho dessas mulheres próximo às áreas de garimpo. Seus tabuleiros que contavam com os mais variados produtos, dentre eles o álcool, distraíam e diminuía a produtividade dos escravos. Além disso, as negras, por si próprias, já constituíam elemento de distração, pois muitas também prestavam favores sexuais aos cativos. Por outro lado, era notória a participação delas no contrabando de pedras preciosas, que fugiam do controle dos vigias, camuflados em suas roupas e tabuleiros. Dessa forma a criou-se uma legislação específica que proibiu o comércio nessas áreas.

### **Curiosidades**

Em 1914 a Câmara Municipal deu a Rua da Quitanda o nome de Francisco Sá, porém em 1961 o Patrimônio Histórico restituiu-lhe o antigo nome durante o Governo Municipal do Engenheiro Felício dos Santos.

No ano de 2002, durante o 1º mandato do Sr. Gustavo Botelho no Governo Municipal, foi proibida a circulação de automóveis na Rua da Quitanda.

Muxarabiê: o sítio das bebidas, o local onde se punham as bilhas para refrescar a água. Hoje na casa funciona a Biblioteca Municipal Antônio Torres, nome dado em homenagem ao Diamantinense Antônio Torres: diplomata, poeta, jornalista e escritor.

### **Fontes Consultadas**

MACHADO Filho, Aires da Mata. Arraial do Tejuco – Cidade de Diamantina. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1947.

PEREIRA, Célio Hugo Alves. Efemérides do Arraial do Tejuco a Diamantina. 1ª Edição . Belo Horizonte: Editora CLA, 2007.

IPHAN. Os bens tombados de Diamantina, 2001.

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/brasil/diamantina.php> acesso 26/02/2010

[http://www.fafich.ufmg.br/pae/colonia/orientacoes/mulheres\\_mg.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/pae/colonia/orientacoes/mulheres_mg.pdf) acesso 26/02/2010

## SANTA CASA DE CARIDADE

### **Data de Construção**

A Santa Casa de Caridade de Diamantina, fundada em 23 de maio de 1790 pelo Ermitão Manoel Jesus Fortes, tendo a colaboração imediata do Padre Carlos da Silva e Oliveira Rolim, irmão do inconfidente Padre Rolim e do Capitão Manoel Roiz Carvalho. É uma instituição de caráter filantrópico sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade de Diamantina, localizada à Rua da Caridade nº 106, Centro, no Estado de Minas Gerais, CEP 39100-000, inscrita no CGC sob o nº 20.079.166/0001-52, com seu Estatuto datado de 29 de março de 1962, devidamente registrado no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas da Comarca de Diamantina, sob nº 2672 do livro 1-A, folha 79.

### **Proteção Existente**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

A Santa Casa foi fundada com a finalidade Estatuária prestar Assistência Social a pessoas carentes, ao longo dos anos a foi se adaptando as transformações políticas e assistências do nosso país figurando como uma das principais casas de saúde da região do vale do Jequitinhonha nos últimos 219 anos. Mantendo-se fiel aos ideais de seu fundador, com mais de 95% de seus recursos provenientes do Sistema Único de Saúde – SUS, a Santa Casa de Caridade de Diamantina cumpre seu papel assistencial e se consolida como referencia macrorregional de média e alta complexidade, atendendo a sede e mais de 30 municípios do Vale do Jequitinhonha, região conhecida nacional e internacionalmente como “Vale da Miséria”.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

A Santa Casa foi instalada em duas casas que foram compradas do Capitão Manoel Lopes de Souza, sendo a primeira diretoria instalada em 23 de maio de 1790, como Presidente: Rafael da Rocha Neves Quintella. É a única Santa Casa de Caridade que se conhece, pois as demais são todas denominadas de "Santa Casa de Misericórdia". A Santa Casa de Caridade de Diamantina, com 213 de existência, possui 120 leitos, dos quais 98 são contratados pelo SUS. Atende a [população](#) de

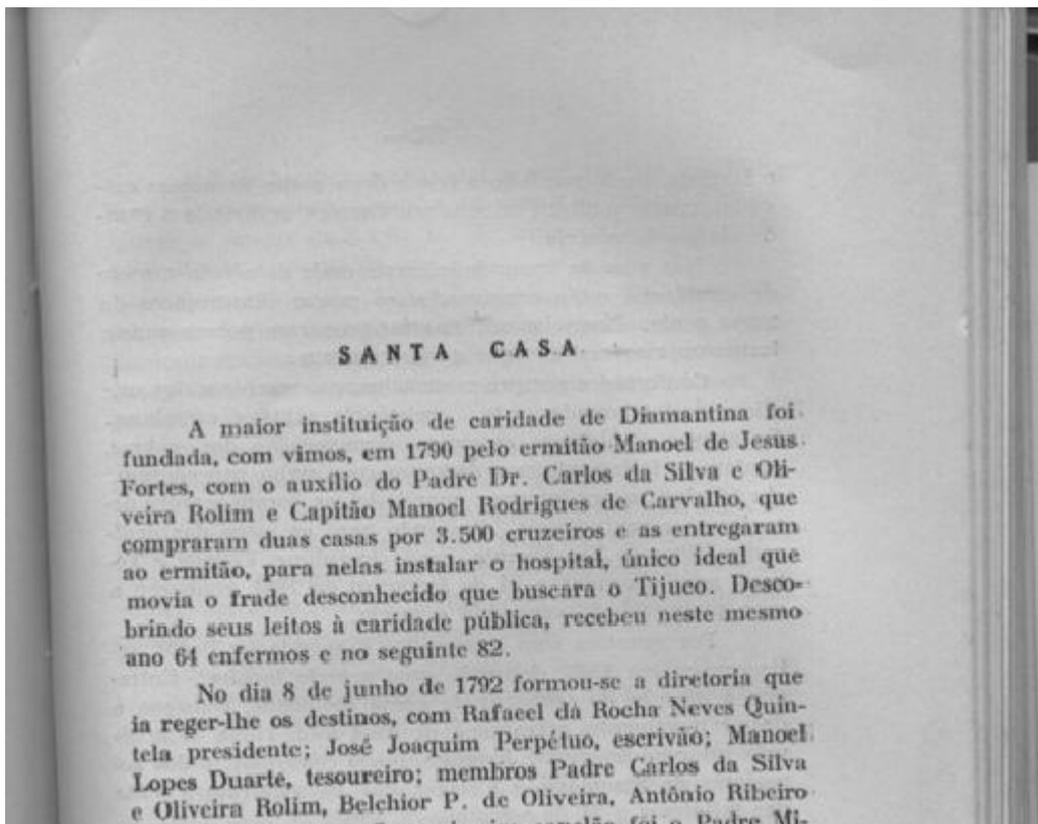
Diamantina e mais 30 municípios em seu entorno. Cerca de 93% dos atendimentos hospitalares realizados são de pacientes do Sistema Único de Saúde. A proposta é que a instituição utilize as verbas disponibilizadas para instalação de leitos de UTI.

### Curiosidades

No ano de 2010 a Santa Casa de Caridade de Diamantina completa 220 anos de atuação buscando constantemente ser um ponto de referencia de atendimento do SUS na região da Macro Jequitinhonha e um centro produtor de conhecimento técnico em saúde e gestão participativa.

### Dr. Lomelino Ramos Couto (estátua)

1º- de Fevereiro de 1969, Diamantina celebrou 50 anos de medicina médico dos pobres. Em Diamantina e cidades vizinhas não há quem não tenha com ele uma dívida de reconhecimento. Atendia a qualquer hora do dia ou da noite, sempre com boa vontade e humor. Nunca recusando em atender os chamados. Desinteressado e devotadíssimo fez da medicina um verdadeiro sacerdócio. Na Santa Casa de Caridade, desde os seus primeiros dias de médico, vem atendendo enfermos e indigentes, confortando-os em seus sofrimentos. Foi professor do Diamantinense, desde a sua fundação. Foi prefeito Municipal exercendo este cargo com escrupulo e fazendo uma boa administração.



e faminto, tendo por leito a fria e dura pedra de nossas calçadas, reagiu à altura de seus sentimentos, reabrindo o grande abrigo da miséria.

Nas atas da irmandade, neste mais de século e meio de existência, estão consignados os rasgos filantrópicos de nossa gente. Naquelas enfermarias passaram pobres que se tornaram ricos, e ricos que empobreceram.

Confortados sempre materialmente, recebiam dos médicos desinteressadamente, assistência sábia e carinhosa. Se alguns ambiciosos exigiram remuneração dos pobres, contam-se felizmente nos dedos os que assim procederam. As administrações internas, quando leigas, foram sempre desastrosas e prejudiciais. Passando para as mãos das dedicadas filhas de São Vicente, Irmãs Josephine, Felicité e Tereza, aqui chegadas a 24 de fevereiro de 1884, conheceu a casa prosperidade, economia e asseio.

Por questões com o provedor Comendador Brant, retiraram-se em 1899, deixando uma grande lacuna. Entre-gue à direção de senhoras de nossa sociedade, começou a decair novamente, salvando-a de uma total ruína a benévola intervenção de D. Joaquim, bispo coadjutor, e dos superiores do Seminário e Colégio, que conseguiram a volta das religiosas a 24 de setembro de 1902.

Com a superiora Irmã Mathurina, vieram as Irmãs Clara, Maria e Luiza.

Alguns anos depois, a Irmã Mathurina entrega a gerência à Irmã Catarina, que depois de meio século de dedicação ao hospital, abriu os olhos para a eternidade na casa em que os fechara para o mundo.

E desde 1902 contamos com a abnegação destas servas

Auferia alguma renda com o contrato que mantinha com o governo para alimentar os presos da cadeia e hospitalizar as praças do 3.º B. C. M., numa enfermaria particular ligada ao corpo da casa.

O teatro Santa Izabel, próprio que lhe pertencia, rendendo pouco e dispendendo muito, alienaram-no para diminuir despesas. Com a direção das religiosas, apareceram novas fontes de rendas, como fabrico de vinho, venda de hortaliças e frutas.

Vieram depois as subvenções federais, estaduais e municipais, que desafogaram-na um pouco.

O irmão Cosme do Couto, que serviu à casa mais de cinqüenta anos como tesoureiro e provedor, recebeu-a falido e deixou-a, ao falecer, com avultado patrimônio e o velho edifício sofrendo radicais modificações, que estão sendo concluídas na gestão de João Antônio Mota.

Na provedoria do Comendador Brant, construiu-se hospital de alienados, iniciado em 1888. Prestou relevante serviços, mas foi obrigado a fechar suas celas em 1906, por ter o governo estadual suprimido a verba que lhe concedia.

Hoje, com as enfermarias lotadas, acolhendo doente de vasta zona do Estado, vem a Santa Casa, vencendo grandiosamente a estrada que lhe abriu o ermitão Manoel de Jesus Fortes, graças aos esforços de irmandade. Os nomes que formam sua atual diretoria são: Provedor, João A. Mota; Vice-Provedor; Vito Ramos Couto; Secretário, José Elias Carneiro; Tesoureiro; Paulo de Paula e Silva; Procurador, Cleodaldo da S. Borges; Conselheiros, Bernardo Lopes, Dr.

## CORRESPONDÊNCIA HISTÓRICA

Meu prezado amigo Quincas

Minha visita. Gostaria que você publicasse na "Voz de Diamantina" esta carta que me foi enviada pelo Márcio Dayrell Batitucci. O assunto nela contido é de interesse histórico para a "Associação Médica de Diamantina" e, também, para a nossa "Santa Casa de Caridade". O pedido do amigo Márcio já foi atendido por mim e, no momento, concretizado. Muito obrigado.

José Aristeu de Andrade  
Vice-Presidente da Associação Médica de Diamantina  
Diamantina, 10 de setembro de 2007

.....  
Ilmo. Dr. José Aristeu de Andrade

Há alguns dias, falei com o senhor por telefone sobre nosso patriarca, o médico John Dayrell, e nossa intenção de renovar a identificação de sua lápide mortuária, colocada em frente à Santa Casa, depois da exumação que o senhor coordenou, em 1984. Só para lembrar-lhe, resumo abaixo alguns tópicos de sua vida, sempre ligada à Santa Casa e ao povo de Diamantina:

1 - Somos descendentes diretos do Dr. John Dayrell, médico inglês que passou a vida

trabalho e disponibilidade em atender todos, inclusive os menos favorecidos. Mesmo sendo muito amigo do bispo e do vigário, não quis atender seus apelos para converter-se ao catolicismo, abandonando sua profissão religiosa de protestante anglicano.

5 - Conforme descreve sua neta, a escritora Helena Morley (Alice Dayrell) em seu livro "Minha Vida de Menina", quando John Dayrell faleceu, em 1884, não lhe foi permitido o sepultamento dentro da Capela da Santa Casa por sua condição de protestante. O relato de seu enterro é assim descrito: "...meu avô não foi enterrado na igreja, porque era protestante; foi na porta da Casa de Caridade (Santa Casa) e até hoje se fala nisso em Diamantina. Quando ele estava muito mal, os padres, as irmãs de caridade e até o Senhor Bispo, que gostavam muito dele, pelearam para ele se batizar e confessar, para poder ser enterrado no sagrado. Ele respondeu: "toda terra que Deus fez é sagrada". O vigário não quis deixar dobrar os sinos, mas os homens principais de Diamantina foram às igrejas e fizeram dobrar os sinos da cidade o dia inteiro. Ele era muito caridoso e estimado. Quando o doente não podia, ele mandava remédios, a galinha e ainda dinheiro. A cidade inteira acompanhou o enterro. Quando ele morreu, eu era muito pequena e até hoje se fala em Diamantina na caridade do Doutor Inglês

nome quase apagado de John Dayrell, embora com avarias, cobre a nova sepultura.

8 - Pela falta de qualquer identificação especial, o fato de existir ali uma tumba com os restos mortais do médico John Dayrell praticamente é do desconhecimento de quase toda população de Diamantina, mesmo das pessoas que frequentam a Santa Casa. Assim conforme falei ao senhor pelo telefone e de acordo com sua orientação, gostaríamos de colocar uma nova identificação nessa tumba com o nome de John Dayrell gravado em chapa de pedra sabão. Para isso precisamos em primeiro lugar, de saber exatamente a medida da atual pedra que cobre a tumba para que possamos adquirir aqui uma de igual tamanho e levá-la para Diamantina. Solicite ao senhor que peça alguém para fazer essa medição e anotá-la. Dentro de alguns dias ligarei para saber as medidas. Precisamos de sua aprovação para o texto que será gravado na pedra identificando o túmulo de John Dayrell. Concretizadas essas duas providências, poderíamos levá-la pronta para Diamantina, faltando somente contratar alguém da sua indicação para fixá-la no local. A família Dayrell gostaria muito de fazer esta homenagem ao seu patriarca John Dayrell, de ter novamente identificada sua sepultura como acontecia no passado, o que foi anulado pelo tempo.

**VOZ DE DIAMANTINA** - Propriedade da Associação do Pão de Santo Antônio - 22 de setembro de 2007 - Nº 319 - PAG.

**COMEMORANDO O "DOUTOR INGLÊS" JOHN DAYRELL**

Em 1836, o jovem médico inglês **John Dayrell** veio morar em Diamantina, dedicando toda sua vida ao trabalho na "Casa de Caridade" (Santa Casa), onde exerceu verdadeiro sacerdócio de assistência médica e humana a todo o povo da cidade que, carinhosamente, o chamava de "o Doutor Inglês"...



**John Dayrell, o "Doutor Inglês"**

Quando faleceu em 1884, não pôde ser enterrado na Capela da Santa Casa, segundo o costume na época, por ser protestante anglicano. O povo da cidade, que o amava e admirava, exigiu então que ele fosse sepultado ali na rua, bem em frente à Casa de Caridade, onde ele sempre atendeu e ajudou a todos. Seus últimos momentos e seu enterro estão descritos no diário de sua neta Helena Morley (Alice Dayrell Caldeira Brant): "... meu avô não foi enterrado na igreja, porque era protestante; foi na porta da Casa de Caridade (Santa Casa) e até hoje se fala nisso em Diamantina. Quando ele estava muito mal, os padres, as irmãs de caridade e até o Senhor Bispo, que gostavam muito dele

de convidados da família Dayrell, entre eles, Dona Durica, Ligia e Lia Dayrell. O médico que coordenou essa solenidade de exumação foi Dr. José Aristeu de Andrade, pessoa maravilhosa e estimada por toda Diamantina e que, do mesmo modo que o "Doutor Inglês", também exerce, há mais de 50 anos, verdadeiro sacerdócio de prestação de serviços à Santa Casa e a todo o povo da cidade.



**Túmulo e lápide de John Dayrell, depois da solenidade de 1984**

Nessa nova instalação, a lápide original, que continha o nome de John Dayrell, sofreu avarias, mas foi colocada cobrindo a nova sepultura com os devidos remendos. Era antigo desejo da família Dayrell erigir nova lápide com o nome de John Dayrell para homenageá-lo e preservar um fato histórico da cidade de Diamantina, hoje praticamente desconhecido até pelas pessoas que frequentam



**A nova lápide, com o texto identificador**



**Visão geral da tumba de John Dayrell e da nova lápide em frente à Capela da Santa Casa de Diamantina**

Agora, todos que passarem em frente Capela da Santa Casa de Diamantina podem

### Fontes Consultadas

PEREIRA, Célio Hugo Alves. Efemérides do Arraial do Tejuco a Diamantina. Edi CLA, BH 2007, 1º Cd.

[www.santacasadediamantina.com.br](http://www.santacasadediamantina.com.br) – acessado em 24/03/2010

[www.turismo.pucminas.br](http://www.turismo.pucminas.br) – acessado em 24/03/2010

[www.diamantina.com.br](http://www.diamantina.com.br) – acessado em 24/03/2010

## SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

### **Data de construção**

O Seminário de Diamantina foi fundado em 1867 pelo primeiro Bispo da Diocese, Dom João Antônio dos Santos, que, seguindo uma forte espiritualidade da época, dedicou aquela casa de formação sacerdotal ao Sagrado Coração de Jesus.

A construção do Seminário data da sétima década do século XIX. Fundado no tempo da Igreja unida ao Estado, no ano de 1867. A construção levou cerca de 2 anos e meio, sendo o primeiro edifício levantado em 16 de janeiro de 1865 e em julho de 1867, o seminário passou a funcionar em sua sede própria, embora ainda inacabada.

Para a construção do seminário adquiriu o Bispo Dom João Antonio dos Santos as terras, ou parte delas, pertencentes ao Sr. Antonio Homem Del Rei, no logradouro público chamado largo do Curral. Foi contratado o Sr. Felix Guisar para dirigir as obras do amplo edifício, que permaneceu até quando foi demolido para dar lugar ao atual.

### **Proteção Existente**

Não existe

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

Localiza-se na Praça Sagrado Coração Jesus, 15, Centro, Diamantina, MG. Ao lado encontra-se a Basílica do sagrado coração de Jesus, data de 16 de março de 1884, o assentamento da pedra fundamental da Basílica do Sagrado Coração de Jesus do Seminário Arquidiocesano de Diamantina - a Igreja de Pedra -. Foi o primeiro Bispo de Diamantina, D. João Antônio dos Santos que benzeu solenemente a primeira pedra, sob música do Côro Grande ou Corão. Dentro desta pedra está a Ata da solenidade, assinada por todos os presentes.

Em 6 de Junho de 1854, foi criado o bispado de Diamantina pela Bula “Gravissimum Solitudinis” do Papa Pio IX. E posteriormente com a nomeação em 30 de setembro a nomeação de Dom João Antonio dos Santos para bispo de Diamantina de 1863 pelo Papa Pio IX. Este prelado, no mesmo ano de sua sagração, propôs ao governo imperial a criação do seminário, sugerindo que o dinheiro fornecido pela coroa para o Palácio Episcopal, fosse empregado na construção do edifício. Contudo, a

instalação do seminário foi feita provisoriamente na Casa do Contrato, onde funcionava o Ateneu S, Vicente de Paulo.

Naquele tempo, no seminário era constituído de uma só capela interna, para uso dos alunos e dos funcionários. E era desejo dos habitantes de algumas partes altas da cidade de Diamantina que fosse encampada ao seminário a Igreja da Luz, para as missas aos domingos e para as missas cantadas dos dias solenes. Contudo a reitoria do estabelecimento não aceitou, por que havia o propósito de uma Igreja maior ao lado do prédio.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

O Seminário de Diamantina foi fundado em 1867 pelo primeiro Bispo da Diocese, Dom João Antônio dos Santos, que, seguindo uma forte espiritualidade da época, dedicou aquela casa de formação sacerdotal ao Sagrado Coração de Jesus. Ali, juntamente com as ciências, aprendia-se também a salutar devoção ao Sagrado Coração, bastante ligada à devoção Eucarística. Foi a partir da publicação da Encíclica "Annum Sacrum" (1899), pelo Papa Leão XIII, que o culto tomou grande impulso, com as ladainhas, o mês do Sagrado Coração e a devoção à "primeira sexta-feira do mês". O próprio Romano Pontífice fez um solene ato de Consagração ao Sagrado Coração de Jesus no dia 31 de dezembro de 1899. O Seminário foi dirigido até 1964 pelos padres da Congregação da Missão, mais conhecidos como Padres Lazaristas. Esses padres eram, em sua grande maioria, europeus. E o Seminário seguia o estilo escolar da Europa, com o ano letivo começando em outubro. Era uma vida bem diferente dos tempos de hoje.

### **Curiosidades e “causos”**

Uma única vez que o período letivo no seminário foi interrompido: Em 31 de janeiro de 1922, devido a uma epidemia de beribéri. Aos internos foram concedidas férias de 2 meses de 1º de dezembro a 1º de março.

### **Fontes consultadas**

[www.diamantina.com.br](http://www.diamantina.com.br)

<http://conegolafayette.blogspot.com/2009/03/o-servo-de-deus-no-seminario-de.html>

PUC Minas – Revista de Turismo – Vol. 1 - Nº 2 - Setembro 2006

Boletim Arquidiocesano - Ano XXI, Setembro, Outubro e Novembro de 1933 – nºs- 9, 10 e 11. Órgão Oficial da Arquidiocese de Diamantina.

CARVALHO, Pe. Celso, Biografia de Dom Joaquim Silvério de Souza e Trovas, Arquidiocese de Diamantina, 2007.

MOURÃO, Paulo krüger Correa, Sementeira de Valores. O Seminário de Diamantina, de 1867 a 1930(MCMLXXI), composto e impressos na typografia Marília editores BH, 1971.

## SERRA DO ESPINHAÇO

### **Proteção Existente**

A Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço foi declarada pela UNESCO em Junho de 2005.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

Representa a faixa montanhosa mais extensa e contínua do Brasil. Estende-se como um corredor ecológico por cerca de 1.200 km na direção N-S desde o estado de Minas Gerais até os limites norte da Bahia com os estados de Pernambuco e Piauí, Variando de 50 a 100 quilômetros de largura. É fundamental na produção de água para as principais bacias hidrográficas brasileiras que drenam em direção ao Oceano Atlântico.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

Inicia nas proximidades de Belo Horizonte, desenvolve-se pela região centro-norte de Minas Gerais (áreas de Diamantina e Grão Mogol) e adentra até o norte do Estado da Bahia na região da Chapada Diamantina. O Supergrupo Espinhaço é a unidade geológica de maior expressão que sustenta os domínios serranos. No âmbito desta seqüência intercalam-se numerosas lentes de conglomerados diamantíferos, cujos diamantes foram posteriormente distribuídos para as unidades geológicas mais jovens.

### **Curiosidades e “causos”**

Superfície: 3.076.457,8 hectares.

Divisão Administrativa: 53 municípios.

População: 643.000 pessoas.

Altitude: Variáveis de 1.000 e 1.500 metros, com picos de até 2017 m.

Temperatura nos meses mais frios: entre 13,5° a 15,5° C

Temperatura meia nos meses mais quentes: entre 20° e 21° C

Precipitação média anual: de 1450 mm a 1800 mm/ano

Biomos: Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica.

Vegetação predominante: Campos rupestres.

Zona Núcleo: 14 unidades de proteção integral.

### **Fontes Consultadas:**

CHAVES, M. L. de S. C; MENEGHETTI FILHO, I. Conglomerado Diamantífero Sopa, Região de Diamantina, MG: Marco histórico da mineração do diamante no Brasil. **Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil (SIGEP)**, Brasília, v.1, n.1, p. 519.

<[www.biotropicos.org.br/programas.htm](http://www.biotropicos.org.br/programas.htm)>. Acesso em 24 fev. 2010.

<[www.rbse-unesco.blogspot.com](http://www.rbse-unesco.blogspot.com)>. Acesso em 24 fev. 2010.

## SERRA DOS CRISTAIS

### **Data de Criação**

A Serra dos Cristais recebeu da UNESCO em 1999, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade.

### **Proteção Existente**

O Conjunto Paisagístico da Serra dos Cristais é um bem tombado, e sua inscrição no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do IEPHA/MG.

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

A Serra dos Cristais localizada na porção Centro-Leste de Minas Gerais, na bacia hidrográfica do Rio Jequitinhonha, faz parte da Cordilheira do Espinhaço Meridional. Trata-se de uma região “estruturadas por seqüências de processos geológicos e geomorfológicos que resultaram em um relevo escarpado, com altitudes que variam entre 1.000 metros 1.600 metros”.

### **Histórico / Características Relevantes do Atrativo**

A Serra dos Cristais é tradicionalmente identificada como um elemento paisagístico da cidade de Diamantina, formando uma espécie de moldura para o espaço urbano. Contudo, a serra é mais que moldura. Com o seu tombamento pela UNESCO a cidade foi caracterizada como um conjunto urbano arquitetônico perfeitamente integrado com uma paisagem selvagem. O tombamento provisório da Serra dos Cristais pelo IEPHA/MG foi aprovado em 14 de dezembro de 2000 e nele se destaca justamente que “a convivência entre os patrimônios cultural e ambiental havia sido decisiva para a inclusão de Diamantina na lista de Patrimônio da Humanidade da UNESCO”. É notável, portanto a importância da paisagem natural em sua relação com o conjunto edificado: a paisagem agreste é testemunho histórico vivo da ocupação do território e do surgimento e desenvolvimento da cidade de Diamantina. O aspecto agreste da Serra dos cristais, também conhecida como Serra do Rio Grande, foi observado no século XIX por viajantes naturalistas Gardner, que definiu a região como uma das “mais áridas e escabrosas do Brasil”. Já Saint-Hilaire, em sua Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil, aponta, para o valor paisagístico da Serra, quando, ao descrever alguns dos “numerosos jardins das

casas da cidade, destaca a beleza da perspectiva gerada pelo verde dos jardins com a cor dos telhados das casas e mais ainda com as tintas pardacentas e austeras do vale e das montanhas circundantes”.

Já no início de 1990, procurou-se dar à serra uma proteção oficial municipal: a Lei nº 2062 de 15 de setembro de 1993, revogada em 1996, proibia o estabelecimento de edificações sobre as paisagens naturais notáveis .

Serra dos Cristais: A Serra dos Cristais é tradicionalmente identificada como um elemento paisagístico da cidade de Diamantina, formando uma espécie de moldura para o espaço urbano. O tombamento provisório da Serra dos Cristais pelo IEPHA/MG foi aprovado em 14 de dezembro de 2000 e nele se destaca justamente que “a convivência entre o patrimônio cultural e ambiental havia sido decisiva para a inclusão de Diamantina na lista de Patrimônio da Humanidade da UNESCO”. No início de 1990, procurou-se dar à serra uma proteção oficial municipal: a Lei nº 2062, de 15 de setembro de 1993, revogada em 1996, proibia o estabelecimento de edificações sobre as paisagens naturais notáveis da cidade de Diamantina. Eram consideradas paisagens naturais notáveis “toda a extensão da Serra do Rio Grande, do sopé ao cume que dá vista para a cidade, conforme área a ser demarcada por cartografia pelo Poder Público”. A Serra teve seu Tombamento definitivo em 19/11/2010.

### **Fontes Consultadas**

<http://www.iepha.mg.gov.br/noticias/743-iephamg-apresenta-serra-dos-cristais-diamantina> . Acessado em <24/2/2010>

[http://www.iepha.mg.gov.br/bens-protetidos/index.php?option=com\\_controlebens&view=informacao&bemid=380](http://www.iepha.mg.gov.br/bens-protetidos/index.php?option=com_controlebens&view=informacao&bemid=380)

<http://www.iepha.mg.gov.br/banco-de-noticias/743-iephamg-apresenta-serra-dos-cristais-diamantina>

## UNIVERSIDADE DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

### **Data de Construção**

A Faculdade de Odontologia de Diamantina foi inaugurado em 1955 o edifício sendo projeto de Oscar Niemeyer.

### **Proteção Existente**

### **Resumo /Apresentação do Atrativo**

A Faculdade de Odontologia de Diamantina criada através do decreto de Lei estadual nº 990 de 30 setembro de 1953 pelo Juscelino no seu governo em Minas Gerais ,sendo influenciado por seu amigo Pedro Paulo Penido que antes tinha pensado em criar o curso de mineralogia atendendo as características da região. Situada na Rua da Glória com estilo arquitetônico modernista.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

O curso de odontologia entrou em funcionamento em maio de 1954, com quinze alunos na atual escola Júlia Kubitschek e depois para casa do “Sr.Neco Mota”.Qual seria o motivo da mudança?Quem seria esse senhor no contesto histórico de Diamantina?

A prefeitura visualizou a construção do prédio da escola em um lote situado em área nobre da cidade, de propriedade da Santa Casa de Caridade, e tornou-se intermediária das negociações com o governo do Estado para aquisição (p. 27). Havia uma ideia em Diamantina de que funcionassem outros cursos na Faculdade além do de Odontologia, cursos voltados para outras ciências afins na área da saúde, tão carente na região. Entendendo Diamantina como uma cidade de potencialidade adequada à educação e ao Turismo, defendiam a ideia de que era necessário o desenvolvimento de outras áreas do saber além da Odontologia, como a Literatura e a música. Em 1955 a FAOD adquire sede própria na Rua da Glória, com uma policlínica com quinze equipes,uma sala com cinco equipes prática de Ortodontia e Odontopediatria, os consultórios eram os mais modernos da época com aparelho de Raio-X,três salas para aulas práticas e individuais para as doze disciplinas do curso.O corpo docente era composto pelos melhores profissionais de Belo Horizonte.

O ano de 1960 foi marcado pela batalha para se conquistar a Federalização da Faculdade. Embora JK fosse o presidente da República a Escola de Odontologia era uma instituição estadual de ensino. O governador de Estado José Francisco Bias Fortes não dava a mesma atenção que JK dava à Faculdade de Diamantina quando governador. Essa situação assinalava para dura realidade de que se a Faculdade de Diamantina não fosse federalizada ainda no governo de JK, as condições para sua sobrevivência no regime estadual seriam muito precárias (p.65).

Isso aconteceu em 17 de Dezembro de 1960, que no mesmo ano passou por muitas dificuldades com falta de dinheiro para a compra de material, inclusive os de maior necessidade como filme para radiografia, algodão, anestesia etc. (p.66).

Em 1997 foi instalado o curso de graduação em enfermagem. Havia poucos profissionais enfermeiros, tanto em Diamantina quanto no Vale do Jequitinhonha (p.95).

Em 2001 os projetos de seis novos cursos de graduação foram aprovados e a Instituição transformada em Faculdade de Ciências da saúde e Faculdade de Ciências Agrárias (p.101). O Prefeito João Antunes apresentou à Diretora Mireile a proposta de doação dos terrenos, localizados na margem da esquerda da BR 367, no sentido Diamantina / Salto da Divisa, para a construção de um novo campus para a FAFEID, iniciadas em 2002 (p.104).

Em 12 de setembro de 1996 foi inaugurado o Centro Cultural JK no governo de Fernando Henrique, "espaço desenhado em linhas modernas, destinado à implementar manifestações criativas e a preservar a memória cultural folclórica da região, aberto a participação dos diferentes segmentos sociais da comunidade diamantinense" (p.95). Esse espaço de festa foi construído em homenagem a JK onde permite a visualização do Pico do Itambé.

No ano de 2002 a FAOD transformou em Faculdade Federais Integradas de Diamantina. Em 2005 foi elevada à condição de Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) através da Lei nº 11.173 de 2005.

### **Curiosidades**

Na ocasião, distinguiam-se dois grupos de docentes: os professores catedráticos e os professores assistentes. Os pertencentes ao primeiro grupo foram Gudestey Medeiros (que se tornou o primeiro diretor da Faculdade, de 1954 até 1956), Enyr Arcieri, Guilherme Armond, Rubens Guzella, Fausto de Paula Pinto, Walter José de

Carvalho, Marciano Ribeiro Vianna, Roberto Rocha, Pedro Luiz Diniz Viana, Arnaldo Marques de Souza e José Severiano Brasil de Lima.

Quanto ao grupo dos professores assistentes, dois deles também eram de Belo Horizonte, Silvio Lourenço Strambi e Osmir Luiz de Oliveira. Os outros eram de Diamantina, profissionais tão bons quanto os outros de suas especialidades: Augusto César, José de Araújo Flecha, Evandro SA mudança Institucional, além de representar a redefinição da organização acadêmica, proporcionou reorientar os cursos oferecidos à grande diversidade cultural existente no Brasil e às novas características do mercado de trabalho, atendendo aos avanços e às novas tecnologias de produção. Souza Couto, Algemiro Duarte Neto, João Antônio Meira, José Aristeu de Andrade, João Antunes de Oliveira, Giovanni de Miranda Pereira e Dirceu Antônio dos Reis.

### **Fontes Consultadas**

[www.ufvjm.edu.com.br/histórico](http://www.ufvjm.edu.com.br/histórico)

CONCEIÇÃO, Wander; FERNANDES, Antonio Carlos. *CAMINHOS DO DESENVOLVIMENTO* Síntese Histórica da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri 1953 – 2005 UFVJM 1ª edição Diamantina / 2005.

## VESPERATA

### **Data de Construção**

O surgimento da Vesperata remete ao final do século XIX, porém ela voltou a ser executada, na noite de 16 de agosto 1997, no momento em que o Ministério da Cultura lançou o Programa Nacional de Turismo Cultural em Diamantina, na campanha de Diamantina ao título de Patrimônio Cultural da Humanidade.

### **Proteção Existente**

### **Resumo/Apresentação do Atrativo**

A Vesperata, criada por artistas da própria cidade, abriga os músicos nas janelas e sacadas dos sobrados da Rua da Quitanda, trata-se de um encontro de bandas regidas pelos maestros, que revezam em um pequeno palco, postado na calçada, próximo ao público, que se acomoda na rua, apreciando a bela e original apresentação musical, ao lado dos maestros.

### **Histórico/Características Relevantes do Atrativo**

O surgimento da Vesperata de Diamantina remete ao final do século XIX, quando os maestros da Polícia Militar que sucederam João Batista de Macedo - o maestro Piruruca, na condução da Banda da Polícia Militar, mantiveram a tradição idealizada por ele, de durante as retretas dividir a Banda em grupos e destacar os solistas nas sacadas.

O Major Capelão Walter de Almeida da Polícia Militar relatou sobre retretas e a divisão dos músicos nas sacadas para praticar a provocação musical. A Casa Paroquial, situada na Rua Direita nº 50, abrigou solistas em suas sacadas (princípio do século XX), quando a fantasia La Mezza Notte ( A Meia Noite ou O Anjo da Meia Noite) era executado na atual Praça Joubert Guerra e os solistas eram disponibilizados nas sacadas dos sobrados daquela localidade. Nesta época, o Monsenhor Walter era vigário da Paróquia e morava exatamente naquele sobrado. Testemunha de todos esses detalhes, o Monsenhor Walter revelou o repertório que além dos dobrados, peças eruditas como: Quarteto Damásio, Mercado Persa, Marcha Militar, El Poeta y el Aldeano, La Traviatta, El Barbero de Sevilha e Canción Del Torero, tinha como final da apresentação O Anjo da Meia Noite.

A música *La Mezza Notte* (A Meia Noite) tem sua autoria atribuída ao maestro O. Carline, executado pelo maestro Piruruca como "Meia Noite". A influência exercida pelo contingente de regentes italianos que se estabeleceram em Minas Gerais, cuja supremacia acarretou alterações nas transcrições efetuadas pelos copistas, poderia ter ocasionado a variação do nome, "Meia Noite", para o idioma italiano, e daí não tendo ao certo as razões, o evento passou a ser denominado "O Anjo da Meia Noite".

Entre as inúmeras observações que o Monsenhor Walter Almeida ofereceu à Comissão por Diamantina Patrimônio Cultural da Humanidade, em 1997, destacaram-se aquelas relativas às reuniões musicais no seio das famílias diamantinenses, originadas na tradição inglesa de se tomar chá aos finais da tarde. Reuniões que se estendiam até à noite e que o Monsenhor Walter afirmava que eram "tardes vesperais". Utilizava o termo no sentido de espetáculo e de concerto. O modelo dos desafios e de retretas nas sacadas, instituído pelo maestro Piruruca em conjunto com a música *La Mezza Notte* e os costumes das tardes vesperais, formam as origens da *Vesperata*, que é praticada atualmente na Rua da Quitanda, pela Banda de Musica do 3º Batalhão de Polícia Militar e a Banda Mirim Prefeito Antônio de Carvalho Cruz, com as pessoas assentadas em mesas colocadas sobre as calçadas. As duas Bandas são regidas por um maestro ao centro da rua e entremeio às pessoas.

### **Curiosidade/Causos**

Há informações catalogadas em janeiro de 1992, pelo historiador William Spangler, e repassadas à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, que o bloco carnavalesco diamantinense *Sapo Seco* manteve uma tradição que se estendeu às últimas décadas do século XX: simular costumes da cidade; criticar instituições, idéias ou atitudes e ironizar acontecimentos, por meio de uma abordagem crítico-satírica, de maneira galhofa. Em meados da década de 1930, João Batista Diniz Júnior, luthier, músico e compositor diamantinense, conhecido como Joãozinho Três Horas, neto do Maestro Piruruca, teve a idéia de satirizar o *Anjo da Meia Noite*, enviando os músicos da Banda do *Sapo Seco* para as sacadas dos sobrados do Largo da Quitanda e regendo-a do centro da praça, com os foliões participantes em volta dele. Essa representação nas sacadas da Quitanda foi repetida em anos posteriores, atingindo a década de 1940, com os líderes da Banda alternando-se na função de maestro.

Calendário 2012: Março: 24 e 31; Abril: 21; Maio: 19 e 26; Junho: 16 e 23; Julho: 07 e 14; Agosto: 04 e 18; Setembro: 22 e 29; Outubro: 06 e 20

Horário: 21h horas

### **Fontes consultadas**

PUC Minas – Revista de Turismo – Vol. 1 - Nº 2 - Setembro 2006

Fonte: La Mezza Notte - O lugar social do músico diamantinense e as origens da Vesperata - Editora: Maria Fumaça, 2003 - Antonio Carlos Fernandes e Wander Conceição. Banco de dados Wander Conceição

<http://www.descubraminas.com.br> Acesso: 23/02/2010

<http://www.diamantina.com.br/> Acesso: 23/02/2010

## LENDAS DE DIAMANTINA

### **Acaiaca**

Lenda indígena escrita por Joaquim Felício dos Santos, baseado na data da oficialização da descoberta do diamante no Arraial do Tijuco, em 1729, mas publicada de 1862 a 1863 em 43 edições do jornal "O Jequitinhonha".

Onde é hoje o largo Dom João existia uma árvore de cedro que os indígenas chamavam de Acaiaca, razão de ser da tribo que a veneravam como entidade especial. Os portugueses compreendiam que só com a destruição da árvore sagrada poderiam expulsar os indígenas. Desta forma, conseguiram derrubá-la durante uma cerimônia indígena fora da aldeia. Ao encontrarem a Acaiaca caída, os indígenas entraram em luta e se extinguíram.

Uma tempestade tenebrosa de raios fez carbonizar a Acaiaca. As águas das enchentes levaram para os leitos dos córregos as cinzas e os carvões da árvore sagrada que se transformara em diamantes. A etnia portuguesa torna-se amaldiçoada pelo imenso sacrifício imposto.

### **Acaiaca**

A lenda dos diamantes que a tradição popular guarda, foi aproveitada por Joaquim Felício no seu romance Acaiaca.

Quando os primeiros exploradores se estabeleceram no Tijuco, viviam nas grandes florestas que circundavam o descoberto, as tribos selvagens indômitas que jamais haviam sentido o peso opressor do braço português. É certo que de longe em longe o selvagem havia lobrigado o vulto de um aventureiro branco, carabina a tiracolo, olhar arguto e vivaz, seguindo por uma rota ignorada em busca de esmeraldas ou de uma dessas quimeras que povoaram o cérebro dos arrojados sertanistas.

Como a vaga noção de indefinida ameaça, corria entre eles na brumacidade de lendas, a história de guerreiros brancos vindos de terras remotas, que venciam na selva o guerreiro feliz; mas até então, a vida dessas tribos corria na plena liberdade de seus vastos domínios entre os episódios da caça e da guerra, sem outras preocupações que as apoteoses da vitória e os festejos da paz.

Foi então que os descobridores do Tijuco fixaram-se nas vertentes do Rio Grande, e o gentio da Ibitira sentiu o perigo próximo a conjurar.

Nessa tribo dominadora havia a superstição fabulosa de que todo o seu poderio dimanava de um talismã venerado, uma grande Árvore Sagrada, a que a lenda atribuía uma antigüidade imemorial. Chamavam-na Acaiaca; era um cedro prodigioso, como outro não se encontrava aquelas regiões, que erguia a fronde verdejante à inacreditável altura por onde, nas noites tormentosas a nevrosenia dos ventos uivava dolorosamente. E as nuvens densas das estações hibernais tocadas pelo Norte rijo, dilaceravam-se nas grimpas elevadas da Acaiaca, deixando grandes fragmentos brancos como farrapos antigos de uma bandeira de Paz. As grandes tormentas de setembro blasfemavam à noite na impotência de vencê-la, e a Árvore Sagrada, ao despontar clarinante do Sol, mostrava-se úmida e verde num espanejamento matinal de força e de saúde. Enquanto Acaiaca vivesse, de pé, como um titã invencível, protegendo em sua sombra o Conselho dos Pajés e dos Chefes, guardando junto às raízes os corpos sem vida dos guerreiros finados, a tribo contaria as vitórias pelos combates e o seu nome soaria na taba inimiga como um brado de destruição e derrota. Enquanto a Acaiaca florisse ao sorriso consolador das primaveras cantantes, e em seus braços protetores a ave nidificasse, o emboaba não dominaria o solo em que nasceu, lutando morreu toda uma raça de fortes, não os expulsaria dali, para que desprezados e errantes vagassem pelas terras estranhas sem família e sem taba, a mãe protegendo o filhinho e o filho conduzindo o pai cego como os guerreiros Tupis do Juca-Pirama.

Mas a traição conduziu o emboaba ao pé do gigante, na noite nupcial de Cajubi, enquanto a tribo se entregava aos prazeres da festa, e a embriaguez do Cauim perturbava todos os cérebros. Cururupeba, o chefe da tribo, que nessa noite entregava sua filha aos braços fortes de um guerreiro, sentado num velho tronco, mostrava a expressão sisuda de quem reflete e pensa. Deslocado no meio daquela alegria delirante, único que não havia molhado os lábios no embriagante licor, quedava-se absorvido em pensamentos obscuros, sentindo passar de quando em quando no espírito abismado as asas de luto de um presságio tremendo. Pesava sobre ele a sugestão de uma desgraça latente, que não apresentava ainda formas definidas e temerosas por isso mesmo que não podia ser conjurada, que não podia ser afastada. Das bandas em que se erguia a Acaiaca, vinha na asa da brisa um rumor surdo e vago, que seus ouvidos atiladíssimos de selvagem não sabiam determinar, trazendo alguma coisa de ameaçador que se diluía e espalhava na noite, envolvendo-o, oprimindo-o. Um gargalhar sinistro de ave noturna e agoureira vibrava no espaço, irônica e pressaga, ao mesmo tempo que, dos lados da Ibitira,

um ruído abafado de desabamento chegava. Cururupeba ergueu-se, desempenou a estatura de atleta à baça luz cambiante de fogueiras a se extinguir, e o som clarinante da menobiapava vibrou estridente, amortecido de eco em eco, diluiu-se vago, assutilado nas montanhas distantes que uma bruma encobria.

Era o sinal da guerra!

E aquela multidão cambaleante e ébria precipitou-se em seguimento do chefe que partira em direção ao planalto, onde dormiam os valentes guerreiros da tribo, à sombra abrigadora da grande árvore sagrada. A Acaiaca já não era de pé e sua queda arrastaria fatalmente a dispersão e o aniquilamento da tribo; tombava com ela todo um passado glorioso de vitórias e esse poder ignoto que governa os orbes escrevera a sentença do gentio indomável.

Os bravos e os fortes ergueram-se armados, lançando a maldição sobre os profanadores da ibicoara da taba, jurando a destruição do Tijuco. A superstição prendia os braços a alguns e tendo desaparecido com a queda da árvore simbólica a coesão molecular, dissensões se levantaram no seio da tribo antes unida e uma luta tremenda, sanguinosa e fratricida assombrou a grande noite muda, anuviada por nimbos pesados, pressagiando tormentas, por entre os quais assomava vagarosa a face angustiada de uma Lua sinistra.

Um raio incendiou a Acaiaca e o velho pajé sábio que a vira florir 152 vezes, sepultou-se nas chamas, murmurando uma maldição temerosa: “Vamos, guerreiros! que das cinzas da Acaiaca surjam as desgraças dos peros. Segui-me: eu sou o instrumento de anhangá, eu sou anhangá, sou mais cruel do que ele, mais feroz, mais inexorável, mais sem piedade! ...

É chegada a hora da vingança!

Maldição sobre os peros!...” Em uma das crônicas denominadas “Ecos”, Edgard usa, de novo, a palavra menobiapava. Entretanto, no romance Acayaca, de Joaquim Felício dos Santos, edições de 1866 e de 1894, em trechos diferentes. Arrastados pelas águas os carvões da grande árvore foram se depositar nos leitos dos rios, nas encostas dos montes, nos vales profundos; e no dia seguinte, quando os mineiros se dirigiam para as lavras, colheram, revolvendo a terra, os primeiros diamantes. A tribo lá ficara aniquilada e morta, junto à ibicoara sagrada dos guerreiros fortes.

A maldição do pajé tombou cruelmente sobre o povo do Tijuco; interditas as lavras, proibida a única indústria existente, o desalento avassalou o ânimo forte daqueles sertanistas, que jamais se haviam vergado ante insuperáveis obstáculos da natureza selvagem, do gentio antropófago, das feras carniceiras, e que se curvavam

humildes, resignados aos decretos da tirania maldita, sem um protesto, guardando tão somente o direito de súplica ao qual mostravam ouvidos inclementes os ambiciosos governos.

### **José Basílio**

José Basílio, natural da vizinha cidade de Santa Luzia, garimpava nas lavras do Tijuco, quando foi preso durante a intendência de Luiz Beltrão. Conseguiu evadir-se subornando o carcereiro com meia oitava de diamantes. Preso pela segunda vez em 1784, foi condenado a trabalhar dez anos no serviço da extração no Jequitinhonha, ligado por correntes a um outro garimpeiro sentenciado — João Bago.

Um dia mandou do Tijuco um pequeno embrulho contendo algum ouro, umas limas e uma faca. No grande desalento que minava a alma forte do garimpeiro, sorriu-lhe um doce Luar de Esperança, e numa visão saudosa ele viu aparecer perto a vida aventureira que dantes levara, sob o pálio suavizante das estrelas ele dormiu embalado por Sonhos brumosos de Liberdade e de amor.

O galé que se julgava abandonado tinha palpitando por ele um coração piedoso; é que a alma nacional fatigada de sofrer tinha infinitos afetos para o garimpeiro rebelde. Uma noite quando a tropa dormia e o sono cerrava as pálpebras vigilantes das sentinelas, os dois aventureiros, num anseio de liberdade, limavam pacientemente as correntes dos pés livres os passos, os sentenciados abandonaram a choupana, como se depois de lhes ter farolado no espírito uma idéia de fuga, não pudessem mais respirar a atmosfera pesada que cerca os prisioneiros.

A buzina soou, anunciando o alarma; os fugitivos precipitaram-se para as bandas do Jequitinhonha, incendiando na passagem, os colmados para que a confusão no acampamento lhes permitisse a fuga. Entre os clarões fumarentos daquele incêndio lembravam fantasmas de criminosos, unidos na Xifopagia da Pena. Acercaram-se do Jequitinhonha e o rio, naquela hora erma da noite, rolava as águas negras num soluço eterno de condenado.

Os dragões, no encalço dos fugitivos, aproximavam-se sempre: era necessário agir. No espírito dos garimpeiros desenvolveram-se perspectivas sombrias, sucedendo-se rápidas: de um lado, novo encarceramento, novas correntes prendendo-lhes os passos, depois uma longa viagem, o embalo das águas, por longos dias silentes, e no fundo do quadro os areais da África, os rochedos estéreis, o degredo perpétuo; do outro, as águas do rio turbilhando na cheia, a Agonia cruel dos afogados, a Morte, a Morte sempre... E os dois corpos ligados precipitaram-se na torrente ...

O Jequitinhonha corre nesse ponto entre negros rochedos escarpados, rápido e espumoso; os dois galés unidos ainda pelo pescoço nadavam rio abaixo num esforço tremendo; aproximando-se das margens os braços hirtos dos nadadores procuravam em vão apoio nos rochedos nus; os dedos escorregavam no limo úmido, a corrente pesada fazia-os mergulhar de quando em quando para surgirem além mais fatigados ainda.

A luta não se podia prolongar e em breve aqueles corpos iriam dormir nas areias do Jequitinhonha, entre os diamantes e o ouro. Da margem, uma árvore estendia os braços sobre as águas, Basílio agarrou-se a ela, num supremo esforço: era a salvação, a liberdade, o garimpo, a riqueza...

No silêncio trágico da noite, só interrompido pelo salmodiar da torrente, soaram sinistras duas detonações. Basílio sentiu na argola que lhe cingia o pescoço uma pancada violenta e um grande peso, partindo o galho da árvore, precipitou-o nas águas. Seu companheiro tivera o crânio varado por uma bala e agora ele se via ligado a um cadáver que o arrastava, pesado como chumbo, para as profundezas do rio. A luta recomeçou; Basílio levado para as camadas inferiores, agarrou-se a um rochedo que se elevava até a superfície e, num esforço sobre-humano, arrastando-se, e ao companheiro morto, voltou à tona e agarrou-se à anfractuosidade duma pedra.

Daí viu os dragões que se retiravam sacudindo grandes fachos acesos, julgando- os mortos e sepultados nas águas marulhasas do opulento Jequitinhonha. João Bago tombou realmente nessa tentativa de fuga, mas Basílio viveu ainda porque para mais tarde estava marcada sua hora. No dia seguinte chegou à serra da Barra do Rio Manso, onde morava um parente ferreiro que fez do ferro das correntes dois almocafres e uma alavanca com que José Basílio continuou o garimpo.

Foi ainda por seis anos o terror das tropas da extração, e em 1791, trabalhando no Brumadinho com outros companheiros, após uma resistência heróica, foi preso, ferido gravemente. Durante o interrogatório não denunciou nenhum de seus cúmplices. Justificando-se plenamente de outros crimes que lhe eram imputados, só foi condenado como extraviador de diamantes, a dez anos de degredo para Angola. E nada mais reza a crônica sobre esse célebre garimpeiro, cuja lenda foi reduzida a belíssima forma pelo talento de Afonso Arinos.

**Felisberto Caldeira Brant**

Vamos descrever um episódio importante sucedido no Tijuco, durante o governo do marquês do Pombal. Felisberto Caldeira Brant, descendente direto de D. João III, duque de Brabant, (1355), bisavô do marquês de Barbacena, era um contratador popularíssimo pela condescendência com que olhou para o contrabando e mineração furtiva, se bem que de sua repressão pudessem advir vantagens e lucros para o contrato. O dr. Rodrigo Otávio, no seu recente romance histórico — Felisberto Caldeira Brant — baseado em um trecho de uma memória da Capitania, trabalho escrito em época pouco posterior à vida daquele contratador, diz que seria ele considerado como um criminoso vulgar, se o dr. Joaquim Felício não lhe defendesse a memória. Pedimos ao ilustre literato vênua para dizer que o contratador Felisberto Caldeira nunca foi considerado um criminoso, e sim uma vítima simpática da tirania portuguesa. Possuidor de uma enorme fortuna adquirida nos sertões de Goiás e Paracatu, Felisberto Caldeira assinou no Tijuco o terceiro contrato, no qual eram associados seus três irmãos.

Foi esse o período áureo do Distrito demarcado; prosperavam indústrias e todos os ramos de atividade. A principesca opulência dos Caldeiras, a popularidade que os cercava, começaram a preocupar os governos da Metrópole que receavam as grandes potências da Colônia, e aproveitando denúncias, infundadas talvez, principiaram a mover-lhes perseguições, de que afinal foram vítimas. Um incidente havido na matriz do arraial durante as festas da Semana Santa, provocado pelo modo desrespeitoso com que o ouvidor da Vila do Príncipe tratou uma gentil mocinha, prima de Felisberto, incidente este que deu lugar à iminência de um grave conflito entre dragões, populares e pedestres, evitado entretanto, pelo padre oficiante, que meteu-se entre o povo, pedindo a paz em nome de Jesus, fez com que o governador da Capitania, tendo recebido ordem da Metrópole, se dirigisse em pessoa para o Tijuco. Felisberto preparou para sua chegada uma recepção majestosa, e tendo dela notícia, saiu-lhe ao encontro acompanhado de seu irmão e de todas as pessoas notáveis do arraial. Chegados ao ribeirão do Inferno, avistaram os tijuquenses a luzida comitiva do general. Conta-se que nessa ocasião o cavalo feroso de Felisberto, dando um passo em falso, atirou fora da sela o hábil cavaleiro, que se levantou pálido, dizendo: “Meus amigos, é a primeira vez que isto me acontece, pressagio alguma desgraça que me está para suceder”. De fato, daí a pouco, encontraram o general, seguido de numeroso séquito. Cumprimentando-o amavelmente, Felisberto, deu-lhe aquele voz de prisão, cercado-o os dragões de espadas desembainhadas. Dali mesmo seguiu para a Vila Rica e depois para a

Metrópole, sem que lhe fosse permitido despedir-se da família. A notícia espalhando-se no Tijuco, causou profunda impressão, porque dentro do arraial impossível seria sua prisão. O fisco seqüestrou à família todos os bens de Felisberto; e sua mulher e filhos viram-se forçados a procurar hospitalidade em casas amigas.

Conta-se que, quando em casa de Felisberto faziam para o confisco o arrolamento de seus bens, o governador voltando-se para as senhoras que assistiram ao ato, disse-lhes que podiam adornar-se com suas jóias prediletas que seriam respeitadas. Aquelas damas orgulhosas e nobres, habituadas às riquezas, não podiam aceitar a generosidade irrisória do fisco. Por um gesto simultâneo, movidas pelo mesmo sentimento, despojaram-se das próprias jóias que as adornavam então, para que nem mesmo aquelas insignificâncias perdesse a coroa. Conduzido para a prisão do Limoeiro, em Lisboa, Felisberto assistiu ao terremoto, e narra a lenda que, quando os habitantes, presas da desolação, fugiam, nas ruínas da cadeia desmoronada, a figura pálida de Felisberto erguia-se bradando: “Ladrões... restituí-me o dinheiro que me roubastes!” Para terminar a história do infeliz contratador, transcrevemos o seguinte trecho de Rodrigo Otávio: “... e, só depois que um sinistro silêncio sucedeu à confusão e tumulto das primeiras horas, o velho presidiário desceu lentamente do alto das ruínas, de onde contemplara o deplorável panorama da destruição, e se perdeu no labirinto solitário das ruas desmoronadas. Nesse andar chegou o ancião à casa em que, foi informado, estava o marquês de Pombal, cercado de outros ministros do rei, tomando as providências imediatas que tamanha desgraça exigia. Levado à presença do poderoso ministro, disse o velho: — “Senhor! Eu sou Felisberto Caldeira Brant, o contratador dos diamantes do Tijuco, preso nos segredos do Limoeiro, e à espera, desde 1753, da liquidação de minhas contas. Como a prisão em que me achava desabou e restituiu-me à luz do dia, que não via desde tanto tempo, venho pedir à Vossa Excelência que designe outra prisão, a que me deva recolher e aguardar a liquidação de meu débito e o levantamento do seqüestro de meus bens, o que já tantas vezes tenho requerido e de novo requeiro.” Surpreso com o estranho proceder do mineiro, quando todos os outros se haviam prevalecido do sucesso para reconquistar a liberdade comprometida por algum crime ou malversação, Sebastião Joseph de Carvalho replicou: “— Não precisa que se lhe aponte prisão quem tão nobremente procede. — “Recolhei-vos aonde vos aprouver e quando houver passado esse primeiro tempo de extraordinárias preocupações, que esta desgraça de hoje veio trazer para o

serviço d'El-Rei, procurai-nos de novo que vamos prover acerca do vosso justo requerimento.”

### **Thereza de Jesus**

Quando em Lisboa, como se uma maldição tremenda pesasse sobre a cidade opressora, os palácios desmoronavam abalados nos fundos alicerces, e o povo assombrado errava pelas ruas, invadindo as Igrejas, como se no recesso sagrado as epilepsias geológicas não atingissem o homem, uma senhora, cujo solar fidalgo se havia abatido, penetrou em uma Igreja deserta e em orações contritas pedia aos céus que a salvassem daquela tremenda catástrofe. O templo estremeceu como se fosse desabar e tendo-se fendido a parede de pedra, um raio de luz coada através de nuvens densas e plúmbeas, infiltrou-se pela fenda do muro, indo aureolar de uma claridade estranha a cabeça cismadora de uma imagem da Virgem.

O terreno continuava a mover-se, as torres inclinavam-se, de pé ainda por um milagroso equilíbrio, e de longe, como um rumor de tormentas, os ruídos do desmoronamento chegavam; e gritos de mágoa subiam para os céus inclementes, como últimas preces dolorosas e aflitas.

A mulher que rezava precipitou-se para a senhora que parecia fitá-la compassiva, beijando-lhe os pés; e num voto de salvação prometeu dedicar sua vida e fortuna na criação de um Asilo de órfãos e recolhimento onde quer que o destino a levasse.

Acalmado o terremoto, Thereza de Jesus Perpétua Corte Real retirou-se de Lisboa para o Brasil, fixou-se no Tijuco, onde em cumprimento da promessa, fundou o recolhimento de Nossa Senhora da Luz, mais tarde transformado em estabelecimento de educação de meninas. Thereza de Jesus, espírito místico, chegando a avançada idade, atacada de amolecimento cerebral senil, tornou-se uma contemplativa visitada por visões beatíficas. Dizem que uma tarde quando soava o toque emocionante do Ângelus Sonoro, sobre as serras distantes morriam os derradeiros vasquejamentos fulvos de um sol agonizante, e pelas estradas desertas mugiam saudosamente os velhos bois sonolentos, reunidas na Capela do Convento começavam as Orações do Ritual as freiras e as noviças, quando uma dessas sentindo-se doente pediu à madre diretora que lhe permitisse orar em sua cela.

Terminada a Prece na hora silenciosa do ressurgimento de Vésper, quando o imponderável das cousas parece ser a nota dominante, Thereza de Jesus, tendo ainda a embalar-lhe as últimas notas dos Salmos soluçantes, dirigiu-se para a cela

da noviça doente. E uma visão estranha lhe deslumbra o olhar fatigado. Era talvez um santo guerreiro, desses que haviam feito as campanhas piedosas da Idade Média, e sucumbido beijando a terra sagrada que guarda o sepulcro de Cristo. E enquanto Thereza de joelhos humilhava-se ante a aparição celeste, essa se desvanecia na sombra densa dos longos corredores claustrais. Há entretanto quem afirme que dessa vez não foi a religiosa vítima de uma mera visão subjetiva de seu espírito doente.

Mais tarde, quando se procedia a transformação do antigo Recolhimento na atual Igreja da Luz (conserto lamentável que perturbou o velho estilo imponente do edifício) ficou o trabalho em meio, as paredes abertas aos vendavais e chuvas. Um operário, de nome João, que nela trabalhava, contou que, indo fazer uma oração, ouviu os lábios de pedra de São Francisco murmurarem suplicantes: “João ... ao menos barro!...” E então o povo concorreu com esmolos para que as paredes se levantassem, não somente de barro, como pedia o modesto Santo, mas de cal e areia.

### **João Fernandes e Chica da silva**

Um dos tipos mais característicos do Tijuco colonial é o célebre nababo desembargador João Fernandes de Oliveira, de cuja vida acidentada e cheia de episódios rapidamente nos ocuparemos. Do modo e da facilidade com que adquiriu a sua colossal fortuna que parecia, como se de longa data já lhe fosse destinada, entrava-lhe pelas portas adentro como que dirigida por um poder oculto, um simples fato, que passamos a narrar, nos dará uma idéia precisa.

Encetando a exploração de uma das suas jazidas, quando apenas começava o desmonte, removendo a vegetação rasteira que cobria a superfície da terra, os diamantes estrelavam de tal maneira que o ambicioso desembargador, aterrado, lançou-se de joelhos exclamando: “— Senhor, se tanta riqueza tem de ser a causa da minha perdição, fazei que todos esses diamantes se transformem em carvões.” De todos contratadores foi o que maiores benefícios retirou, acumulando a maior fortuna do Tijuco. Orgulhoso, recebendo a vassalagem que prestavam à sua fortuna, o desembargador era autoritário, antipático ao povo em geral, e só se curvava humilde ante as caprichosas vontades de sua amante, a célebre Xica da Silva, mulher que não tinha atrativos que justificassem tal paixão.

Na encosta da Serra, lugar hoje denominado Palha, erguia-se o Castelo do Contratador, vasto edifício de arquitetura medieval, posteriormente demolido, ato de

vandalismo que, diz o Dr. Felício, fez desaparecer o edifício mais importante da época feudal do Tijuco. Havia nesse solar fidalgo uma vasta Capela riquissimamente adornada e também um teatro onde se representavam peças ao sabor da época, nos dias de festividade. O parque era de um trabalho artístico digno de ser admirado, povoado de flores e árvores exóticas, cheio de córregos de águas cristalinas correndo sobre conchas marinhas, grutas, cascatas volumosas que espalhavam na penumbra do bosque uma eterna música sonora.

Um dia Xica da Silva, que nascera no Tijuco, e ouvira falar no mar e nos navios como cousas fabulosas, desejou, por um capricho de mulher amada, possuir um navio, não sobre as águas do oceano, mas sob o céu do Tijuco. O desembargador, cuja fortuna colossal não encontrava impossíveis, mandou cavar um vastíssimo tanque em terreno próximo à sua morada, trazendo para o Tijuco armadores que construíram um pequeno navio, armado em brigue, no qual Xica da Silva passeava às tardes no grande lago artificial.

João Fernandes edificou a Igreja do Carmo, templo suntuoso que ainda hoje existe mostrando sua decadência gloriosa. Mas apesar disso o capricho de Xica da Silva, que lhe ditara a realização dessa obra, não pôde ser satisfeito: a Irmandade do Carmo não permitia em seu seio indivíduos que não fossem de pura raça caucasiana e nem todo o poder do contratador conseguiu vencer esse preconceito secular, tolo e ridículo, digamos de passagem.

### **O tesouro de Isidoro - o Garimpeiro**

O negro Isidoro, tinha belo porte físico e inegáveis qualidades morais. Sua presença nas lavras de ouro e diamantes do Vale do Jequitinhonha, em Diamantina, marcou época. Como um príncipe exilado, esse personagem da nossa história garimpeira, ao que se deduz de seus feitos e da sua morte dramática, exercia um verdadeiro fascínio no meio da escravaria. Os companheiros nutriam por ele um respeito místico, como se Isidoro fosse um príncipe negro que houvesse chegado numa leva de escravos capturadas pelos comboieiros nos ignotos desertos africanos.

Como se sabe, o aparecimento de diamante do Vale do Jequitinhonha e seus afluentes, aguçou ainda mais a cobiça da Coro Portuguesa, que não se fartava de receber as riquezas do Brasil.

Medidas cada vez mais severas e cruéis eram tomadas contra o mineradores da região, notadamente no Arraial do Tijuco, hoje cidade de Diamantina. Os escravos, então, eram os mais visados pela ganância dos reinóis. Se um deles era

surpreendido a lavar cascalho em suas horas de folga, prendiam-no e o levavam para o Arraial, onde, sem processo, o supliciavam.

No dia 1º de dezembro de 1807, tomou posse do cargo de Intendente dos Diamantes do Arraial do Tijuco um homem que passaria à história dos garimpeiros como terrível perseguidor dos que trabalhavam nessa dura profissão: Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt.

Mas uma de suas primeiras vítimas foi o negro Isidoro, escravo do Frei Rangel. Acusado de mineração furtiva e contrabando de diamantes “em prejuízo da Coroa Portuguesa”, confiscaram-no de seu senhor em benefício da Fazenda Real e foi condenado a trabalhar como galé nos serviços de extração. Isso significava trabalhar acorrentado a outro escravo e sob as vergastadas do bacalhau do feitor. Mas uma noite, apesar da vigilância dos capitães do mato, o negro Isidoro conseguiu fugir.

Livre, Isidoro alcançou as serras que circundavam os vales e entregou-se à mineração do diamante.

Os dias foram passando e o escravo fugido foi-se cercando de outros companheiros, até construir um verdadeiro Quilombo fortificado. Esse local ainda hoje é conhecido pelo nome de Mata dos Crioulos. Num desvão da serra, em local de difícil acesso, ele construiu seu esconderijo. Seus companheiros garimpavam à noite luz de atoches e o produto da garimpagem era de comum acordo, empregado na manutenção do quilombo e na alforria de outros escravos.

Uma vez por mês, disfarçado, ao clarear do dia, Isidoro ia ao Arraial e, em lugares previamente combinados, encontrava-se com os compradores de seu diamante ou de seu ouro. De volta ao quilombo, Isidoro reunia os companheiros, mostrava-lhes o produto das vendas e, então, reunidos deliberavam sobre quais os escravos que seriam libertados a seguir, a peso de ouro e quilates de diamantes. Assim o prestígio de Isidoro crescia de mês para mês e a população de seu quilombo aumentava incessantemente. Mas, apesar disso, nunca se registrou queixa contra a sua conduta. Eles não matavam nem roubavam. Sonhava Isidoro com a formação de um forte reduto negro nas margens do Jequitinhonha, sonhando também com a libertação de todos os de sua raça.

Acontece, porém, que Isidoro estava apaixonado por uma escrava chamada Maria, pertencente a poderoso senhor do Arraial do Tijuco. Nas madrugadas em que ia ao arraial vender ouro e diamante, encontrava-se com ela. Por fim, não pode mais viver sem sua adorada companhia. Comprou sua amada e seu filho por seiscentas

oitavas de ouro e combinou com o dono da negra para que fosse distribuídos quatrocentas oitavas para os pobres do Arraial. O quilombo recebeu as cartas de liberdade da companheira e do filho, então Isidoro repôs o disfarce e sumiu nas sombras da noite. No dia seguinte, os pobres do Tijuco receberam a esmola de quatrocentas oitavas de ouro sem que soubessem a sua procedência.

O intendente Câmara foi o mais cruel perseguidor de Isidoro. Inutilmente as tropas de intendência se atiraram contra a mata dos crioulos.

Combates sangrentos travavam-se nos desfiladeiros, e os quilombolas, comandados pelo seu chefe lhe barraram sempre a passagem.

Um dia, como a história se repete, um traidor conduziu as tropas do Intendente até o grotão onde Isidoro se escondera e de onde se preparava para ir ao Arraial com três chifres cheios de ouro e diamantes. Atacado de surpresa lutou desesperadamente. Mas foi atingido por diversos tiros, e a escorrer sangue foi conduzido preso para o Tijuco. A chegada de Isidoro em tal estado comoveu o Arraial.

Amarrado de comprido em uma escada de madeira, exposto ao sol, foi açoitado por homens que empunhavam bacalhaus. Os reinóis queriam que ele confessasse a quem vendia os diamantes, mas ele, nada. Vendo que estava morrendo Isidoro pediu que chamassem o Intendente pois ele queria fazer uma revelação e ao mesmo tempo um pedido, mas quando o Intendente chegou já era muito tarde.

A despeito de ter sido, por muitos dias, submetido a terríveis torturas, apesar dos seguidos interrogatórios que se prolongavam pela noite adentro, Isidoro levou para o túmulo o nome das pessoas a quem vendia os diamantes.

A serra onde Isidoro construía o seu esconderijo hoje recebe o nome de serra de Isidoro. Provavelmente lá se encontram escondidos em algum lugar os três chifres com ouro e diamantes. A gruta do Isidoro, como o povo chama, nas margens do Jequitinhonha, continua a desafiar a coragem de muitos aventureiros que, inutilmente, nela tem se esforçado para penetrar.

### **O milagre da Gameleira**

Contam que havia em Diamantina um rapaz estimado e de uma tradicional família, que na ocasião em que construíram o cruzeiro, sendo ele carpinteiro, foi grande colaborador.

Encarregou-se de fazer martírios para serem colocados na cruz. Porém, antes de terminar foi caluniado por um ato infame, resultando assim a sua morte, depois de suportar torturas.

Dizem que antes de morrer com lágrimas nos olhos, pediu a Deus que se fosse inocente naquele cruzeiro, algum dia, deveria nascer uma árvore.

Passando algum tempo, um pássaro levou uma semente de gameleira, que brotou no pé da cruz. Por isso a memória do operário Júlio Fonseca é reverenciada até hoje, pois a gameleira cresceu, envolveu o cruzeiro e o levou para o alto, ao nível do frontão da igreja do rosário.

A mítica sobre esta árvore torna-se mais curiosa em face da coincidência de ser a gameleira muito ligada a mitologia africana a ser a igreja do rosário de devoção dos negros.

### **A Cidade Subterrânea**

Dizem existir uma cidade subterrânea na região onde fica atualmente Diamantina, Minas Gerais. Reza a lenda que tudo começou quando os espanhóis invadiram o Império Inca, dominando-o. Este Império compreendia as regiões hoje ocupadas por Bolívia, Peru, Equador e norte do Chile. Bem, este Império tinha uma princesa, chamada Acaiaca, que se apaixonou por um dos oficiais invasores, e foi correspondida. Como nenhum dos dois povos concordou com o namoro, decidiram fugir, com seus súditos de confiança. Eles vieram para o Brasil, até onde hoje é Minas Gerais. A princesa disse a seu amado: - Se construirmos uma cidade, mais cedo ou mais tarde nos encontrarão. O espanhol lhe pergunta, meio brincando: - E se construirmos a cidade dentro das montanhas? A princesa ficou empolgada com a idéia, e acabou contagiando a todos com seu entusiasmo. Escavaram as montanhas por dentro, formando enormes salões onde depois erguiam as casas e demais construções. Assim que possível, acomodaram-se todos dentro da terra, como formigas. Saíam somente para caçar, pescar, colher frutas, mas com sentinelas a postos. Durante as escavações foram encontradas quantidades inimagináveis de diamantes e outras gemas, que foram servindo de ornamentação para as paredes. Quando as fogueiras eram acesas, o brilho era espetacular, multiplicado por milhares de pedras preciosas. As entradas para a cidade subterrânea foram tão bem ocultadas, que até hoje não se encontrou nenhuma...

### **Fontes**

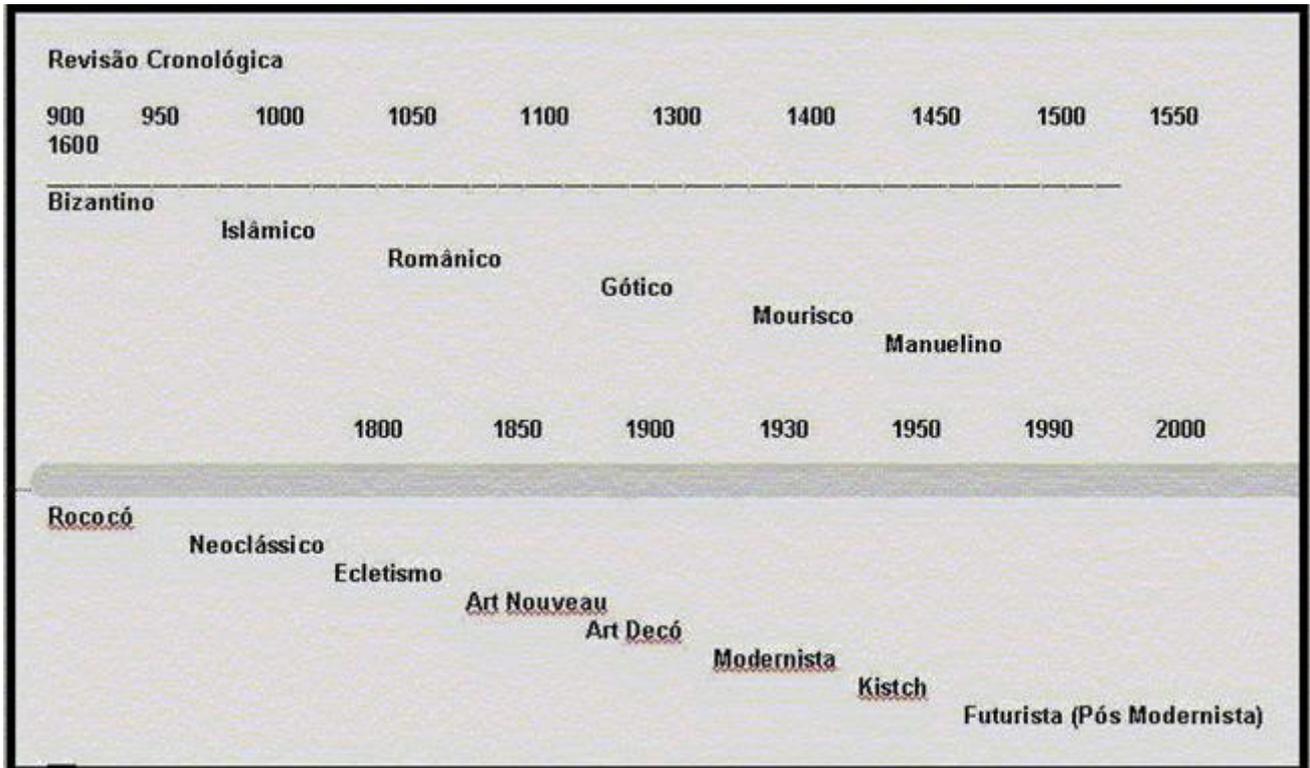
MATTA, Edgar (autor). MACHADO, Fernando da Mata (organizador). **Tijuco – Lendas e Tradições**. Rio de Janeiro: 2008.

<http://passadicovirtual.blogspot.com>

<http://valedojequi.lithiuminformatica.com.br/folclore.htm>

## ESTILOS E MOVIMENTOS ARQUITETÔNICOS, ESPECIALMENTE COLONIAL E MODERNISTA

### Estilos Arquitetônicos



### Introdução

**Arquitetura colonial:** No Brasil a arquitetura colonial compreende aquelas obras realizadas a partir do ano de sua descoberta em 1500 até a proclamação da independência em 1822. Através da pátria-mãe, Portugal, os principais estilos de referência europeia são importados e desenvolvidos com uma interpretação local.

Em Portugal, e conseqüentemente no Brasil, o século XVIII é caracterizado, relativamente à expressão artística e arquitetônica, por três períodos que correspondem aos reinados de três diferentes soberanos. Durante o reinado de D. João V (1705-1750) predomina o “barroco triunfal”, rico de fausto, o “barroco joanino” é a expressão da influência romana do fim do século XVII; com D. José (1750-1777) se impõe o rococó de gosto francês e, a partir de 1755 ano do devastador terremoto de Lisboa, a inovadora arquitetura da reconstrução, o assim chamado “estilo pombalino” com características de protoneoclassicismo marcado pelo espírito do funcionalismo e da modernização; com D. Maria I (1777-1816) o espírito da arquitetura neoclássica internacional.

Os anos Setecentos são considerados o século da arte brasileira por excelência e um dos momentos mais estimulantes de sua história. O ouro, os diamantes e os produtos da floresta amazônica são a matéria prima do extraordinário desenvolvimento econômico. Os enormes lucros devidos a estas atividades produzem riquezas orientadas em parte à promoção e realização das novas arquiteturas funcionais ao desenvolvimento da urbanização, das propriedades urbanas e rurais, na redefinição dos espaços públicos como acontece em Belém, Salvador, Mariana e Vila Rica (hoje Ouro Preto). Predomina a expressão do barroco com um gesto criativo que se tornou mais livre pela sensibilidade dos trópicos, explicitando-se em formas criativas complexas e variegadas, ricas de superestruturas decorativas, nas quais se conjugam fortemente influencias locais e oriundas, até de matriz popular.

Sobressai nesta seção a figura de Antonio Francisco Lisboa, o grande Aleijadinho (1738-1814), o mestre dos mestres do barroco mineiro. No Brasil o barroco se projeta assim muito além dos limites europeus, chegando, próprio com o caso de Aleijadinho, até 1814, o ano de sua morte.

Sobretudo a arquitetura religiosa é condicionada pelo barroco e rococó, encontrando as áreas de máxima expressão nos centros de Salvador, Recife-Olinda e no estado de Minas Gerais nas cidades de Vila Rica, Mariana, Congonhas do Campo. O barroco joanino e pombalino se refletem -citando as mais significativas- nas experiências da igreja de São Francisco e da igreja do Rosário dos Negros em Salvador, no aparato decorativo da basílica de N. Sra. Da Conceição, N. Sra. do Pilar e de S. Francisco (do Aleijadinho) em Ouro Preto; no grande complexo arquitetônico do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas do Campo; na igreja do Carmo, na igreja da Santa Cruz dos Militares e na fachada da igreja da Candelária no Rio de Janeiro.

A igreja, em geral, monopoliza toda a arquitetura erudita, tendo como modelo aquelas das metrópoles; muitas vezes são transferidas partes inteiras de edifícios ou os materiais da construção, diretamente de Portugal.

Na arquitetura civil podemos evocar a Casa da Câmara e Cadeia de Ouro Preto e de Mariana, a Casa da Câmara de Salvador e o Palácio Imperial do Rio de Janeiro. Neste contexto se insere também a introdução gradual do neoclássico que se difunde, com expressões diversas, na costa e ao interno do país. O rigor da simetria, a sobriedade compositiva, a volumetria horizontal, as planimetrias com base quadrada, retangulares ou com planta central, representam a regra.

O seu principal autor e precursor é o arquiteto Giuseppe Antonio Landi. A cidade de Belém é o cenário das suas obras entre as quais a igreja de Santana (1760-1772) com a sua rara solução da planta central a cruz grega com cúpula, a capela de S. João Batista (1769-1772) e o Palácio dos Governadores do Grão-Pará (1768-1772). Somente depois da transferência da família real para o Rio de Janeiro e a chegada da missão francesa do arquiteto francês Auguste Grandjean de Montigny se impõe definitivamente o neoclássico desenvolvido pelo arquiteto José da Costa e Silva autor do Real Teatro São João (1813) feito sob o modelo do Teatro de São Carlos do qual foi autor em Lisboa em 1792.

**Modernismo:** A partir do final do século 19, constatou-se um novo questionamento quanto à imagem do universo e do conhecimento, a qual passa a se revelar não mais através de simples construções mentais e de representações fiéis da realidade, mas através de novos tipos de expressão, novas maneiras de ver e representar a imagem visível do mundo. Perguntas, até então não explicitadas, surgiram com vigor, como as feitas pelo filósofo Christian Delacampagne.

A dialética entre *o racionalismo pragmático* e a *abstração inventiva* pautou todo o fazer e o pensar da modernidade no século 20, fundamentando culturalmente um movimento – o Modernismo. A partir do Iluminismo, a racionalidade estendeu-se progressivamente sobre a cultura ocidental, desenvolvendo as ciências, as técnicas, a riqueza material e, paralelamente, a exploração do homem pelo homem, a ponto de colocar em dúvida o mito do progresso, e chegar ao absurdo da Primeira Guerra Mundial. Portanto, não foi de se surpreender que a crítica ao racionalismo, no entre-guerras, tenha tomado forma radical nas obras de Wittgstein, Rosenzweig, Benjamim e Heidegger. Além de que na sua riqueza e na sua complexidade de movimento cultural, o Modernismo explicitou claramente conceitos, atitudes, formas e uma defesa funcionalista do protagonismo humano e, ainda particularmente na arquitetura, utilizou um sistema projetual onde a transformação do ambiente construído ocorreria, de maneira positiva, através do método, da razão, dos novos meios tecnológicos e do valor social da arquitetura e do urbanismo.

Bahia, além disso, fala que a Modernidade do século 20, iniciou-se numa crise, em que a lógica da representação foi uma construção do espírito e o abandono da naturalização e da imutabilidade dos signos, possibilitando a imaginação, a elaboração e a exploração de novos territórios do saber. Assim, seguramente até a

Primeira Guerra (1914), as experimentações foram em múltiplas áreas na música, pintura, literatura, lingüística, etnologia, psicanálise, ciência e na filosofia.

## OS ESTILOS

### Estilo Modernista

- Privilegiou a unidade da forma, do aspecto;
- As inclinações estéticas balizaram toda essa estilística;
- Também foi chamado de *International Style*;
- Caracteriza-se pela justaposição de planos e de blocos;
- Introduziram-se elementos novos no acabamento esmerado;
- A sensação, especialmente na fase final, é de uma fluência das formas;
- Também associou o extremo funcionalismo a considerações estéticas arrojadas;
- Os problemas sociais com os quais estes arquitetos tiveram que se defrontar foram: a superpopulação e a superurbanização;
- Tecnicamente houve amplo uso de concreto e de vastas áreas ininterruptas de vidro;
- Muitas construções dão a idéia de caixas e blocos geométricos superpostos;
- Esteve muito em voga nas décadas de 1940 e 50;
- Nome importante: Oscar Niemeyer;
- O estilo menos funcional, ou simbolista, é o que admite aditivamente preocupações artísticas nas linhas e alguma expressividade significadora;
- Outro brasileiro que se projetou em arquitetura modernista: Lúcio Costa, autor do Plano Piloto de Brasília;
- Aqui também caberia incluir o estilo futurista, e mesmo o pós-modernista;
- Exemplo típico: quase todas as construções do plano piloto de Brasília
- De maneira geral o futurismo plasma a velocidade; esta é tomada em separado é um tema abstrato;

### Estilo Maneirista

- O ideal de clareza e equilíbrio do Renascimento é solapado bruscamente;
- O desequilíbrio é marcado pela imitação exagerada e artificial das grandes fórmulas em voga;
- É a exacerbação do Eu do humanismo, repleto de significados obscuros e dramáticos;

- O *manierismo*, em geral gracioso, indicaria, sobretudo a preocupação de integrar a obra no ambiente.
- Os arquitetos maneiristas cuidaram especialmente da fachada e da urbanística;
- Alguns teóricos sustentam que foi uma ligação entre a Renascença e o Barroco;
- Naquele período foi considerado por muitos uma arte pequena, sem valor genuíno;
- A noção de equilíbrio é relativizada por essa arte mais turbulenta e insólita;
- Floresceu entre 1525 até mais ou menos 1600, entre o renascimento pleno e o barroco;
- Tal como acontecerá no Rococó posteriormente, apresenta capricho nos detalhes e labirintos;
- Semelhantemente ao Gótico do passado, prioriza as igrejas em planos longitudinais, isto é, mais longas que largas; buscava-se uma atmosfera de serena dignidade;
- As naves são escuras, o acesso aos coros é com escadas em caracol, há guirlandas de frutas e flores nas construções civis;
- As formas côncavo-convexas exageram os contrastes de luz e sombra; o interesse maior era pela realidade de todos os dias;
- Quanto ao nome do novo tempo, uns o chamaram Renascimento Tardio, outros (os alemães, desde 1920) Manierismo;
- Exemplo típico: Palácio do Tè, em Mantua;
- Principais nomes: Paolo Veronese, Tintoretto, Andrea Palladio, Giorgio Vassari, Rosso Fiorentino, Giovanni di Bologna.

### **Estilo Neoclássico**

- Não obstante seja uma forma de ecletismo, merece comentário à parte em função da amplitude de sua abrangência;
- Como uma espécie de retorno à Renascença Clássica, o final do século 18 fez surgir outra vez edifícios idealizados, esculturas plásticas serenas, música harmoniosa, literatura equilibrada.
- Também foi denominado 'academicismo';
- Foi um retorno arcaizante aos estilos greco-romano e renascentista;
- As superfícies são lisas e decoradas abstratamente; os pórticos enormes derivam dos templos gregos;
- O formalismo é refinado e enfatiza os frontões como as principais guarnições nos edifícios;

- De modo mais conservador, opta por uma arquitetura racionalista, sóbria e maciça;
- A influência do Renascimento dá origem ao sub-estilo pompeano;
- Os volumes geométricos são a principal característica desse estilo como, por exemplo, no Teatro Odeon em Paris;
- Morfologicamente se liga aos preceitos lineares e plásticos do renascentismo;
- Privilegiou materiais nobres como o mármore, esquemas ortogonais, formas simétricas, murais lisos, volumes encorpados, pórticos colunados, frontões triangulares;
- Predominam os volumes geométricos regulares, solenes e pouco ornamentados;
- Estende-se de 1750 até 1850, sendo um ressurgimento mais racional que o Renascimento dos valores greco-romanos;
- No plano da literatura e das letras, a designação habitual era 'romantismo', uma referência às ficções e romances medievais;
- Foi, entre outras coisas, uma reação contra a ordem social, o individualismo e o urbanismo;
- Os sentimentos revivalistas prolongaram-se mais na arquitetura que nas outras artes;
- Os jardins, que ficaram conhecidos como 'ingleses', buscavam acabar com a geometrização, pois essa não seria próxima da natureza;
- Os caminhos eram serpenteados, com arbustos, lagos e fontes dispostos 'aleatoriamente';
- Exemplos: a residência do presidente norte-americano Thomas Jefferson (ordem dórico-romana) e a Catedral Metropolitana de Buenos Aires;
- Foi um estilo percebido como mais 'masculino' que o rococó e o barroco, por exemplo.

### **Estilo Barroco**

- Surgiu em Roma no século XVII, paralelamente à contra-reforma do catolicismo, tendo sido Caravaggio seu expoente mais significativo;
- O sentido original do termo significava 'grotesco', retorcido, irregular;
- Perdurou de 1600 a meados de 1750; o papado teve importante papel no seu desenvolvimento;
- A religiosidade é manifesta de forma grandiosamente dramática e drástica;
- Não atingiu muito os países já protestantes como Inglaterra, Holanda, Suécia, etc.

- Foi uma reação contra os estilos anteriores, altamente academicizantes; Os apelos são aos efeitos surpreendentes, sensíveis e de maravilhamento;
- Sua retórica é a do contraste, do exagero, da ostentação e dos artifícios cênicos; A palavra de ordem é ser o mais pitoresco possível;
- Exemplo típico: Basílica de São Pedro, no Vaticano, Palácio de Versalles em Paris e a arquitetura de Ouro Preto, MG;
- Procura-se atingir o esplendor no momento das liturgias com a decoração interna das igrejas;
- Como já aparecia no maneirismo, a personalidade forte de alguns artistas foi importante nas produções barrocas;
- Há grande teatralidade, dinamismo, urgência, subjetividade, apelo emocional, passionalidade e conflitos nas obras;
- Do ponto de vista técnico, há profusão de curvas, diagonais, jogos de luz e texturas;
- Para o renascentista o que importava era o detalhe, não tanto o todo; para o barroco, o mais crucial era a harmonia do conjunto;
- Aqui a harmonia individual pode ser sacrificada em nome da produção total;
- A designação 'barroco' significava, na época, grotesco, desrespeito pelas combinações clássicas;
- Em termos políticos, se diz que foi o estilo do absolutismo, dos Estados Nacionais nascentes e centralizados;
- No Brasil - colônia e América Latina se fez conhecer como estilo colonial, o qual, todavia evitou a cúpula e procurou soluções econômicas;
- Os contrastes, a exuberância, são aspectos exteriores do estilo barroco. Este caráter encontra raízes na vitalidade interior das pessoas, que assim passaram a exprimir-se exteriormente;
- Principais artistas: Caravaggio, Pieter Bruegel, Bernini, Van Dyck, Rembrandt, Velasquez.

### **Estilo Rococó**

- Foi o triunfo da pompa sobre o barroco na França de Luís XV e na Europa Central;
- À medida que se adentra o século 17 (o das Luzes), cresce a tendência para o retorno ao clássico, ao mesmo tempo em que o barroco tende para a exacerbação;
- O termo vem da palavra rocaille, ou decoração com conchas, caracóis e caramujos;

- Enveredou por um decorativismo flexuoso, imitando rochas, fauna, motivos vegetais, concepções grotescas, em assimetria e abundância.
- Peculiariza-se pelas curvas, sinuosidades e ondulações e assimetrias em geral;
- Invadiu, sobretudo, a decoração;
- Há uma profusão de anjinhos não somente nas igrejas, mas também em parques e fontes residenciais;
- Desenvolve-se especialmente na primeira metade do século XVIII;
- Para muitos foi uma versão profana, ou seja, da construção civil, do barroco;
- Em relação ao barroco, foi mais intimista e flexível, dando mais abertura às fantasias individuais;
- Foi incentivado, mormente, pelos decoradores insatisfeitos com os dogmas clássicos;
- Em Portugal apareceu por volta de 1730 e perdurou até 1790;
- No Brasil apareceu nos trabalhos de Antônio Francisco Lisboa;

### **Estilo Renascentista**

- Estilo que se estendeu pelos séculos XV e XVI;
- Foi uma primeira revisitação da Antigüidade clássica;
- Guiando-se pelo humanismo, teve em Florença, Itália, seu berço gerador;
- Ilustração típica do estilo: Palazzo Medici-Riccardi, em Florença;
- A articulação de uma lógica racional busca proporções rigorosas;
- Os valores clássicos não foram 'copiados', mas reinterpretados numa concepção naturalista, racionalista e humanista;
- Ao procurarem um método preciso de medidas, criaram novas fórmulas para as perspectivas;
- Uma ordem fria e estática substituiu o calor arrebatador dos interiores góticos;
- As colunas tomaram o lugar dos pilares; o compactamento é colossal, como nas antigas termas romanas;
- A palavra de ordem na arquitetura passa a ser 'rigor'; a boa forma seria conseguida dando-se valores exatos às medidas principais dos edifícios;
- Acreditava-se na genialidade individual, o que distinguia os criadores dos indivíduos comuns;
- A filosofia e a matemática de Pitágoras influenciam a arquitetura e até a música;

- A arquitetura, que além de abandonar o linearismo gótico, pela retomada do arco redondo e da cúpula, tem suas primeiras manifestações em Brunelleschi (1337-1446), autor da catedral de Florença;
- Nomes significativos: Donatello, Leone Alberti, Botticelli, Leonardo da Vinci, Michelangelo, Rafael.

### **Estilo Gótico**

- Teve início em meados do século XII na região da atual Paris;
- O termo gótico está diretamente ligado às tribos bárbaras dos godos;
- O tipo de pilar mais utilizado é um núcleo central;
- Enfatiza-se a logicidade, a formalidade, a seriedade, a organização, ainda que tenha conotações imediatas com a ascensionalidade do espírito;
- Por isso, a busca de altura e excelente iluminação interna é quase uma obsessão;
- Exemplo típico: Basílica de Notre Dame em Paris;
- No Brasil uma construção típica e a Catedral da Sé em São Paulo;
- A ampla utilização de vidraçarias e rosáceas também é comum;
- A construção quase sempre dá o efeito de ser longilínea, mais que larga;
- A utilização de górgonas e gárgulas nas extremidades dos telhados, nas construções civis, foi um aspecto característico desse estilo;
- Não pode ser definido em termos cronológicos apenas, mas também em razão da sua extensa abrangência geográfica;
- Não obstante, teve pouca influência nos países do Leste Europeu, como Rússia, Ucrânia, Polônia;
- Esteve presente na Europa, em diferentes momentos, da Sicília à Islândia;
- Em princípio, em 1140, sua área era bastante limitada: atingia somente o norte da França;
- Assim, em alguns lugares 'durou' 400 anos, em outros, apenas 150 anos; marcou a Europa Ocidental de modo geral;
- O termo gótico foi um dos poucos termos estilísticos cunhados primeira e principalmente para a arquitetura;
- O processo adotado é o da criação de motivos sobrepostos. Neste sentido cooperam a linha curva quebrada e a oferta de novos acidentes de tamanho menor;
- Coincidiu, em seu final, com a peste negra; principais expoentes: Francesco Traini, Melchior Broederlam, Giotto;

- As proporções eram perseguidas quase matematicamente e acreditava-se que os efeitos de luz que entravam pelos vitrais traziam o espírito de Deus;

### **Estilo Bizantino**

- 1750 - É também denominada 'arte cristã no oriente';
- Tem início com a conversão do Imperador romano Constantino;
- A Igreja Santa Sofia de Istambul é a edificação prototípica dessa arte;
- Há grande influência da Mesopotâmia como, por exemplo, na decoração 'entrelaçada';
- Na literatura o estilo bizantino, é entendido como o que prima pelo mistério, pela exuberância, no qual o lógico é substituído pelo analógico;
- Em geral a igreja bizantina obedece à cruz grega de braços iguais;
- A solução arquitetônica, apoiando a cúpula maior em outras menores, caracteriza o bizantino.
- O mesmo se observa na Igreja de S. Marcos, em Veneza;
- Outro exemplo: Catedral Ortodoxa de Buenos Aires (Bairro San Telmo);

### **Estilo Românico**

- Foi a arte contemporânea da sociedade feudal na Europa Ocidental;
- Muito incentivada pelas ordens monásticas da Idade Média;
- Nasceu por volta do século X e desapareceu em meados de 1200, com o surgimento da arte gótica;
- Seu berço foi o norte da Itália;
- Considerável utilização de esquemas geométricos;
- A denominação é de uso recente e data de 1825, quando se passou a denominar assim certos idiomas e, por paralelismo, o estilo correspondente;
- Politicamente, o estilo românico foi praticado ao tempo final dos carolíngios, quando depois da morte imperador Carlos Magno (814 d. C.);
- Contrastado com o gótico, que o sucedeu, o estilo românico é mais sereno e próximo do clássico;
- Em arquitetura a característica do estilo românico deriva da introdução da abóbada de pedra, em substituição do teto plano da basílica. Resultou dali o reforço dos muros e a pouca abertura das paredes;
- Da tradição romana, através da basílica, o românico mantém os arcos. Os nórdicos contribuíram com a ornamentação geometricista e vegetal;

- No período românico diminuiu a preocupação plástica da arte, porque se trocava o indivíduo exterior pelo interior, o humanístico pelo rigorístico;
- A temática interior conduziu-se na direção intimista;
- Em função disso, a plástica desaparecerá por muito tempo da escultura e da pintura;
- Nasce também a ogiva, que depois será aproveitada, especialmente, na abóbada de estilo gótico;
- Exemplo característico: Igreja Nossa Senhora de Pompéia, em Belo Horizonte.

### **Fontes consultadas**

<<http://www.pitoresco.com.br/arquitetura/index.htm>>. Acessado em 02 de março de 2010.

Freitas, Marcel de Almeida. Prof. Antropologia/Psicologia Social UNIP – Belo Horizonte, MG.

< <http://www.forumlandi.ufpa.br/PT/Contesto/ArchitetturaColoniale.html>>. Acessado em 03 de março de 2010.

< [http://ead01.virtual.pucminas.br/comunicacao/bibl\\_virtual/bdm\\_02052007.htm](http://ead01.virtual.pucminas.br/comunicacao/bibl_virtual/bdm_02052007.htm)>. Acessado em 04 de março de 2010.

Bahia, Cláudio. Professor e pesquisador da PUC Minas.

## CURIOSIDADES

\_Os becos são de costume Árabe, utilizado para melhor ventilação e frescor;

\_As cimalhas existentes nas casas antigas de Diamantina eram formas de demonstrar poder. Assim cada cimalha representava uma posição da família que ali morava.

\_Uma cimalha – chamada de eira, significava que a família possuía dinheiro;

\_Duas cimalhas- chamada de beira, a família possuía propriedades;

\_Três cimalhas – possuía título. Na cidade a única casa com tribeira é a do Contratador João Fernandes.

\_As pinhas nas sacadas das casas também eram representações de riqueza da família, assim como os cachorros, as colunas.

Diamantina é a única cidade Mineira que possui cimalhas e cachorros nas fachadas de suas casas.

\_ Coreto do Largo, começou a ser construído em 1940 na gestão do Prefeito Luiz Kubitschek terminado na década de 1950 quando recebeu a cobertura em madeira. Nele foram realizadas retretas da banda Militar.

\_O Sargento Anatólio, deu início ao processo que criou a Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina - FAFIDIA em 1965.

\_Em 22/09/1969 ocorreu a 1ª defesa de tese de doutorado em Diamantina pela candidata Mercedes Neda Rocha.

\_Em 15/10/1969 é entregue à biblioteca da FAFIDIA a biblioteca particular do Dr. Mário Brant, por doação de seus parentes.

\_Em 28/07/1914 é votado a lei nº 249 que proibia o sepultamento de corpos nas igrejas.

\_O Caminho dos escravos é um percurso de 20 km que liga Diamantina à Mendanha, pólos de extração de diamantes durante a colônia. Nem todo o caminho é pavimentado. A parte que vai do Rio Grande até a BR foi feito com mais

detalhamento do calçamento por ordem do Intendente Câmara, por achar que o Rei de Portugal visitaria a Vila do Tijuco, o que não aconteceu.

\_Nas igrejas há símbolos que caracterizam o domínio e o pertencimento:

\_ As Esfera Armilares, demonstram por meio das voltas que têm a quantidade de território que descobertos no tempo das Grandes Navegações;

\_Algumas bandeiras colocadas nas torres das Igrejas representam a qual Irmandade pertencia. Na igreja do Bonfim, por exemplo, a bandeira representa a Irmandade dos Militares.

\_O Grande Hotel localizado na Rua da Quitanda hospedava o clube da Esquina e foi em um dos seus quartos que Lô Borges se inspirou e juntamente com Fernando Brant, ambos do Clube da Esquina, compuseram a música Paisagem na Janela que retrata algumas belezas diamantinenses. Pertenceu a Osvaldo Patricio e atualmente o Sr Idelbrando Pereira foi que deu presenteou a filha - fonte: Emanuel - Guia

\_Seguindo uma arquitetura colonial onde todas as casas eram construídas lado a lado, foi feita uma parede unindo dois prédios da Rua da Quitanda para seguir o estilo.

\_Zé de Lota, José Joviano de Aguiar, maestro que escreveu o hino oficial da União Operária Beneficente de Diamantina, em 1916.

**Fonte:**

**Taysa Kennia Godinho, guia de turismo, Diamantina/MG.**